

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Daniela da Silva dos Santos

**NEGRO (AUTO) BIOGRÁFICO; COTAS,
REAL IMAGINÁRIO SIMBÓLICO: COTISTAS NA UFSM**

**Santa Maria, RS
2018**

Daniela da Silva dos Santos

**NEGRO (AUTO) BIOGRÁFICO; COTAS,
REAL IMAGINÁRIO SIMBÓLICO: COTISTAS NA UFSM**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito final para a obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha

Santa Maria, RS
2018

© 2018

Todos os direitos autorais reservados a Daniela da Silva dos Santos. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.
E-mail: danielasilva.2003@yahoo.com.br

Daniela da Silva dos Santos

**NEGRO (AUTO) BIOGRÁFICO; COTAS,
REAL IMAGINÁRIO SIMBÓLICO: COTISTAS NA UFSM**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito final para a obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

Aprovado em 30 de Julho de 2018

Jorge Luiz da Cunha, Prof. Dr. (UFSM)
(Professor/Orientador)

José Iran Ribeiro, Prof. Dr. (UFSM)

Claudia Regina Costa Pacheco, Prof.^a DR^a (IFRS)

Guilherme Carlos Correa, Prof. Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

Dedico esta dissertação

A minha família e a todas as nuances que ela possa alcançar ao longo dos séculos...

AGRADECIMENTOS

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais e até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado as pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração
Devia ter complicado menos, trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos com problemas pequenos
Ter morrido de amor
Queria ter aceitado a vida como ela é
A cada um cabe alegrias e a tristeza que vier
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...
(Titãs)*

O acaso vai me proteger, enquanto eu andar perceptivo. O Estado de percepção demanda, constantemente, reconstruir-se. E neste sentido, é um constante processo de conhecimento e autoconhecimento. Conhecimento a palavra que irei carregar por toda a minha vida. Conhecimento sempre buscado intermitentemente ao longo dos anos, só se tornando constante a partir do ingresso em minha primeira graduação, que somente se tornou possível pelo apoio incondicional de meus familiares, a quem devo toda a felicidade que experimento a cada novo dia que acordo e vou desempenhar minhas atividades. Assim, não seria possível conquistar meus desejos sem a presença deles ao meu lado dando apoio e tornando minha casa meu porto seguro toda vez que regresso de um dia de lutas.

Agradeço aos meus avós **Catarina** e **João**, por terem passado comigo os anos iniciais e acompanhado a difícil doença que tive logo ao nascer. Sem eles não haveria possibilidade de me tornar sujeito desejante e perceptivo ao mundo em minha primeira conquista, a vida.

Agradeço aos meus pais **Neli** e **Sergio** pela continuidade que deram, ao me guiarem neste mundo tão conturbado em que nos encontramos e as possibilidades

que me proporcionaram para conhecer o mundo e suas entrelinhas. Pois, cada experiência vivenciada com eles e para eles foi fundamental em minha construção.

Agradeço aos meus irmãos **Caroline**, **Fernando** e **Felipe** pela infância maravilhosa, cheia de desafios e aventuras. Cada banho de sanga e guanxuma que buscamos para varrer o pátio nos trouxeram a oportunidades de compartilharmos nossos medos, angústias, tristezas, felicidades, companheirismo, etc. Não seria quem sou hoje sem a presença de vocês.

Agradeço ao **Inho** (Claucio) companheiro de jornada, pois, estamos a mais tempo juntos do que separados. Assim, nada mais justo que honrar cada momento que passamos juntos e todas as derrotas e vitórias que vivenciamos.

Agradeço aos meus filhos **Eduardo** e **Antonia** por me oportunizarem as melhores e mais construtivas experiências como ser humano em todas as suas potencialidades. Com eles aprendi o que é amar incondicionalmente, aprendi a dizer eu te amo, aprendi a respeitar nossa jornada diária. Aprendo constantemente a desafiar minhas limitações...

Agradeço a cada familiar pelo convívio e aprendizado, pois na minha família tenho a oportunidade de me melhorar com ser humano. Sabemos que eles nos trazem as possibilidades de lidarmos com muitas formas de vivenciar as emoções e os sentimentos e assim nos melhorarmos a cada dia. Meu muito obrigado pelas oportunidades.

Agradeço ao meu orientador **Jorge** por aceitar desafios para além do senso comum e nunca se amedrontar diante deles. Meus sonhos não seriam possíveis se ele não acreditasse em realizar o impossível. Como um mediador, ao realizar o meu sonho e de meus colegas conquistou minha admiração e respeito impagável por várias gerações. Não tenho palavras que possam expressar minha gratidão pelo ato de me aceitar em sua convivência.

Agradeço ao **Povo de CLIO** grupo que me recebeu de braços abertos e que a cada novo encontro me proporciona um eterno repensar o ser humano e suas potencialidades. Companheiros de jornada. Agradeço as rodas de conversas, as comidas e lanches maravilhosos que compartilhamos na intimidade da convivência e do aprendizado. Nos tornamos mais humano quando nos relacionamos nos pequenos e amorosos gestos.

Gratidão é a palavra que neste momento carregarei para o resto de meus dias, pois, estou a finalizar um sonho que foi pedra fundamental de meu crescimento

nestes anos de profundos encontros. Agradeço aqui a minha banca que me possibilitou visualizar coisas maravilhosas no meu trabalho. Como também os participantes das entrevistas fundamentais neste processo. Agradeço também a **Maria Rita Dutra Py**, nome e pessoa inesquecível em minha vida e de muitos Negros que passaram por esta instituição, e desejo-lhe tudo que há de melhor no universo, pois, ela vem há anos plantando sementes que irão trazer para nossa sociedade Negros ressignificados.

A palavra que deixo para aqueles que me disponibilizaram seu tempo de entrevista é gratidão. Agradeço a todas as Negras e a todos os Negros que me possibilitaram a escuta de suas narrativas. Meu muito obrigada.

Ser Negro no Brasil

O Canto das três raças

*Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil*

*Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou*

*Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou*

*Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou*

*E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor*

*ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô*

*ô, ô, ô, ô, ô, ô
ô, ô, ô, ô, ô, ô*

*E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador*

*Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor*

CLARA NUNES

RESUMO

NEGRO (AUTO) BIOGRÁFICO; COTAS, REAL IMAGINÁRIO SIMBÓLICO: COTISTAS NA UFSM

AUTORA: Daniela da Silva dos Santos
ORIENTADOR: Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha

Falar de cotas na atualidade perpassa nosso conhecimento Real Simbólico Imaginário ainda mais se formos falar de Negros cotista dentro da UFSM. Assim, em um processo de conclusão de pesquisa de mestrado sobre Negros que adentraram pelo sistema de cotas na Universidade Federal de Santa Maria (RS) articulado na linha de pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas no Centro de Educação na UFSM busquei trazer à tona as narrativas (auto) biográficas de alunos cotistas de graduação. Esses narrando suas trajetórias de vida e suas histórias dentro de um processo de ingresso, permanência e conclusão. Objetivando investigar suas proposições frente às políticas públicas, as questões afirmativas e étnico-raciais, nos cursos de licenciatura da UFSM. Problematizei as cotas e as relações entre o Real Simbólico Imaginário (tríade infernal de Lacan) para a constituição de um sujeito Negro dentro do ambiente universitário. Pois, entendi que não há forma de encarar os desafios, sem olhar diretamente para as questões que norteiam a jornada. A pesquisa de cunho qualitativo, descritivo contou com estudo de caso que se norteou pela história oral das Negras e Negros, pois, para além da questão do Negro, é preciso criar uma compreensão de como se articulam estes processos constitutivos para cada sujeito e seus percursos, dentro do ambiente universitário com cotas. Busquei nos alunos cotistas o construir-se e o significar-se a cada fala na tentativa de enxergar a perspectivas dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. De acordo com Thompson (1992), a História Oral refere-se às vidas individuais e que todas essas são interessantes; e deve ser registradas. Queiroz (1991) explica que o registro é de algo ainda não cristalizado em documento escrito que pode desaparecer se não for conservado. Para Lacan (2005) temos registros essenciais na realidade humana que denominamos Real Simbólico Imaginário e confrontá-los e significá-los nos trará uma dimensão das experiências singulares de cada sujeito. Cunha (2016) afirma que nós somente nos tornamos humanos no transcorrer de nossas vidas, nas relações sociais. Onde Delory-Momberger (2006) destaca que a história de vida em uma dinâmica prospectiva, que liga passado, presente e o futuro do sujeito inscreve o sujeito e visa fazer emergir seu projeto pessoal. O referencial teórico fundamentou-se em autores que foram preenchendo nossa concha de retalhos. Procurei narrar, significar e desnaturalizar discursos que perpassaram ao longo desta jornada de pesquisa em cada entrevista, em cada olhar, em cada não dito. Debruçando-me sobre este tema para tentar ressignificar a trajetória desses alunos Negros cotistas e seus discursos sobre ingresso, permanência e conclusão.

Palavras-chave: Negro. (Auto) biográfico. Cotas. Real. Simbólico. Imaginário.

ABSTRACT

BLACK (AUTO) BIOGRAPHICAL STUDENTS AND QUOTES: REAL SYMBOLIC IMAGINARY

AUTHOR: DANIELA DA SILVA DOS SANTOS
ADVISOR: PROFESSOR JORGE LUIZ DA CUNHA

Nowadays, talking about quotes per passes our knowledge of Real Imaginary even more if we are discussing black quota holders students at UFSM. Thus, in a process of master's dissertation research about black students who have entered in the Federal University of Santa Maria through the quotas system, articulated in the line of research *School Practices and Public Politics* at the Center of Education at UFSM, I aimed to raise (auto) biographical narratives of quota holder undergraduate students; narrating their life paths and life histories into a process of accessing, staying and graduating. It aimed to investigate their propositions face to public policies, affirmative and ethnic-racial questions in the graduation courses at UFSM. The quotes and the relation between the Real Symbolic Imaginary (Lacan's infernal triad) to the constitution of a Black subject in the academic context. Since I understood that there is no way of facing challenges without looking directly to the question who guides the journey. This qualitative descriptive research used a case study approach that was guided by oral stories of black people, because, beyond black people issues, it is necessary to understand how this constitutive process is articulated for each subject and its paths inside an academic context with quotas. I seek in the quota holder students the constructing and meaning him/herself in each saying, in an attempt of seeing the participants' perspectives, i.e., the way they face the questions who are being focused. According to Thompson (1992), the oral story refers to individual lives and all of them are interesting and should be registered. Queiroz (1991) explains that the register is from something not preserved into a writing document and that can disappear if it is not conserved. For Lacan (1995), we have essential records in the reality that we named Real Symbolic Imaginary and confronting and meaning them will bring a dimension of singular experiences of each subject. Cunha (2016) states that we only make ourselves humans in the course of our life, in our social relations. Delory-Momberger (2006) highlights that the life story in a prospective dynamics, which connects past, present, and future of the subject and aims to emerge his/her personal project. The theoretical framework was based on authors that were sewing this patchwork quilt. I aimed to narrate, signify and denaturalize discourses that occurred through this research journey in each interview, in each glance and in each unsaid. It was dwelling on this theme that I aimed to resignify the trajectory of black quota holder students and their discourses about accessing, staying and graduating.

Key-words: Black subject. (Auto) biographical. Quotes. Real. Symbolical. Imaginary

LISTA DE SIGLAS

- CE – Centro de Educação
IBGE – Instituto Brasileiro Geografia Estatística
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

IMAGINEM SÓ.....	13
1 PRIMEIRAS PROPOSIÇÕES.....	22
2 NEGRO E COTAS... REAL... SIMBÓLICO... IMAGINÁRIO... E AS PESQUISAS ATUAIS QUE ESTÃO EM PAUTA	31
3 SÓ CAMINHANDO SE CONSTRÓI O PROCESSO.....	33
4. INICIANDO A METODOLOGIA.....	39
PROBLEMA OU INQUIETAÇÃO?	39
5. REFERENCIAL METODOLOGICO	41
6. SUJEITO NEGRO.....	46
7. COTAS: POSSIBILIDADES EM QUESTÃO... ..	58
8. REAL SIMBÓLICO IMAGINÁRIO	74
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS	99
ANEXO A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	100
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS ALUNOS.....	101
ANEXO C – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA COM OS ALUNOS.....	103

IMAGINEM SÓ...

Todos nós – adultos e crianças, escritores e leitores – temos a obrigação de sonhar acordado. Temos a obrigação de imaginar. É fácil fingir que ninguém pode mudar coisa alguma, que estamos num mundo no qual a sociedade é enorme e que o indivíduo é menos que nada: um átomo numa parede, um grão de arroz num arrozal. Mas a verdade é que indivíduos mudam o seu próprio mundo de novo e de novo, indivíduos fazem o futuro e eles fazem isso porque imaginam que as coisas podem ser diferentes.

Neil Gaiman

Imaginem se fosse possível uma criança de periferia sonhar com coisas além de seu alcance... imaginem se todos tivessem o direito de sonhar com coisas impossíveis... imaginem se estas coisas se tornassem realidade ao longo dos anos... e que cada ser humano pudesse realmente ser o que ele quisesse...

Desejar uma educação de qualidade que abarque todos da sociedade não pode se restringir à imaginação social da possibilidade do impossível, deve vir para a simbolização para o real. Imaginar que seria possível, já seria relevante para qualquer indivíduo, no entanto, ao ler estas palavras notei que só me encontro onde estou, por ter acreditado no inacreditável. De sonhar acordada. De acreditar que existia algo para além do que a realidade me apresentava. Não entendia naquele momento, onde quando e como poderia sair daquela situação ímpar. Só acreditava. Muitos vão dizer que já sabiam, eu vou dizer que tive fé em algo melhor, galgado com muito esforço, pois, trilhei caminhos que ainda não tinham sido imaginados pelos meus “iguais”, que estando submersos em seus deveres diários e árduos que os fizeram esquecer o quanto é bom sonhar e ser feliz. Absortos em tarefas rotineiras que proporcionam o sustento e a permanência da família em condições mínimas de sobrevivência, esquecem-se de permanecerem alertas às auroras boreais, que são cada dia, aqui neste planeta. Não encarem isso como uma crítica ou um distanciamento frio e superior; é apenas uma das inúmeras constatações que fiz e que me lançaram a indagações sobre se poderia ser diferente para mim.

As narrativas (autobiográficas) possibilitam entendimentos através dos olhares dos próprios sujeitos. Iniciarei o contorno pela escrita de minha trajetória, na indagação de como surge o interesse pelo tema de pesquisa e pela linha de pesquisa. Isto só é possível se nos dispormos a começá-la. Para Fiore (1967) o

sentido mais exato da alfabetização é: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se.

Retorno há anos atrás, para narrar minha trajetória de vida, que torna-se de extrema importância, na medida em que (auto)biografar-se é um dos parâmetros desta pesquisa, na construção de um processo de abertura para discussões sobre as histórias de vida, como processo de conhecimento e formação. Clementino Souza (2008)

Retifica como dimensão do trabalho e dos modelos biográficos, inscrevem-se na biografia individual, quando reunimos situações, experiências, acontecimentos da vida e partilhamos na configuração narrativa, modos de dizer de si, seja através da escrita, da oralidade destacando percursos, trajetórias e transformações narrativas. (SOUZA, 2008, p. 40).

Nesse sentido, recorro a minha história, mais precisamente ao dia do meu nascimento. Segundo histórias narradas, fui diagnosticada pelos médicos como portadora de uma doença que me levaria a óbito em pouco tempo. Minha mãe se desesperou e me trouxe de Porto Alegre, minha cidade natal, para Santa Maria a fim de que meus avós tomassem conta de mim. Muito debilitada e precisando de cuidados extras, em virtude de possuir feridas pelo corpo inteiro, que provocavam sangramentos ao mínimo contato. Fui acolhida com muito amor e excesso de cuidados.

Meu avô era o responsável por me levar ao médico, pois minha avó cuidava dos outros filhos e entregava as encomendas de roupas que lavava para senhoras respeitáveis da cidade. Para não causar nenhum dano maior, devido à presença de escaras, ele me carrega para cima e para baixo, dentro da sacola da feira. Colocava um acolchoado e me carregava para todos os lados. Como não amar uma pessoa assim? Apesar de que, muitas vezes, eu gostaria de esquecer algumas lembranças.

Debilitada e sem muitos recursos, fui cuidada pelos meus tios e avós que me agregaram, tanto emocional, quanto e intelectualmente. Passei sete anos de momentos maravilhosos e ruins, é claro, mas os primeiros superam os segundos. Fui crescendo e me transformando em uma criança saudável, contrariando os prognósticos médicos, recebi tudo que uma criança deveria ter e não estou falando de coisas materiais, mas, de afeto, carinho, atenção reconhecimento, autonomia, etc.

Para Luís Mendes (2007) os acontecimentos são ou deveriam ser tratados como indícios, pelos quais se tenta identificar o momento da invenção. Esta última com interesses, conflitos e contradições inerentes ao processo de emergência dos eventos, pois, o fato histórico é um misto de matéria e memória, de ação e representação, fruto pragmático que articula a natureza, a sociedade e o discurso.

É neste ambiente que um dos meus tios começa a aguçar minha curiosidade sobre o mundo e as coisas... sou transportada para conversas e ambientes imaginários dos quais não possuía a mínima noção... apenas imagino... histórias, somas, brincadeiras, vivências, amizades, cuidados que serão constitutivos de minha identidade. Ganho gosto em saber e pesquisar neste ambiente... fico viva a cada novo aprendizado, a cada nova informação que recebo. Minha avó sempre incentivando. Meu tio sempre aguçando, meu avô sempre me amando. Meus tios sempre me reconhecendo e respeitando. Em constante formação de simbolização.

Assim nasce uma sonhadora que se tornará pesquisadora. A vida não será tão difícil nos momentos mais tristes e desoladores, que irei experimentar ao longo do meu percurso. Terei condições de ver em cada um dos meus familiares, em cada pessoa que for caminhar o meu caminho... que for acompanhar a minha trajetória. Saio a cada novo dia, a cada novo desafio, mais forte e revigorada, mais propositiva, mais atenciosa comigo e com os outros. Entendo desde pequena que somos humanos, passíveis de falhas mesmo com aqueles que mais amamos. O mundo se torna mais seguro, pois, sei que meus parceiros ao longo da jornada terão limitações e aprendi a respeitar seu tempo de amadurecimento que pode ser uma vida inteira...

Mesmo naqueles dias que sou tratada como Negra, e neste sentido, Negra não é elogio, mas, sim, uma tentativa de me submeter a algo que eles consideram o meu verdadeiro lugar. Mesmo nestes dias, tomada de ressentimento e raiva da atitude, consigo dar nova significação. Muitas vezes difícil de encarar, pois, não tenho ainda o entendimento de diferenças fenotípicas, só sinto o preconceito. Pois, mesmo que eu e minha família fizéssemos tudo corretamente, ainda éramos encarados de forma diferente. Sempre tentei entender este caráter transgressor que era atribuído a nós, mas era bem mais complexo do que imaginava, estando interligado a construções culturais forjadas, ampliadas e retificadas pela sociedade há séculos.

A cada novo ataque, uma tentativa protetiva era tomada por mim e pelos meus familiares, mas isso, muitas vezes era irrisório frente aos ataques. Hoje falo de

outra posição: a de pesquisadora, professora e conhecedora de fatos históricos que me ajudam a entender como funciona nossa sociedade. No entanto, nem todos os Negros conseguem passar por um processo como este e sair sem grandes cicatrizes, as quais se tornem sentido, para continuar caminhando e ressignificando, pois, para muitos ainda, as feridas estão abertas e dolorosas, ferindo sujeitos em sua autoestima, em sua constituição, em suas crenças, na sua vida.

É através da abordagem biográfica que o sujeito produz conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de autor de sua própria história. (SOUZA, 2008, p. 45).

A criança irá se tornar psicóloga com muito amor e desafios. Tenho que imaginar-me passível de reconhecimento, tenho que experimentar estes desafios. Sempre metamorfoseio a cada novo encontro, a cada reencontro. Compreendo que somos seres em constante transformação. Que somos capazes de aprender se estivermos abertos para o universo e para todas as suas confluências, nos tornando divergência. A qual será constitucional, pois, estamos em uma prática social humana onde o processo histórico emerge da dialética entre pessoa, mundo, história e circunstâncias. Sendo um processo histórico, o método que deverá dar conta de apreender as objetivações de uma prática real e concreta e de suas potencialidades latentes, no processo de transformação (EVANDRO GHEDIN; MARIA FRANCO, 2008).

Há uma busca por ampliar o foco, para olhar atos, atitudes, discursos, formas de pensar que muitas vezes são objetivados e tomados como “realidade”, tornando-se verdades absolutas. Discursos como de meritocracia são transformados em bandeiras, que promovem levantes e atitudes impensadas e pouco articuladas, sem terem questionamentos mais efetivos dentro do meio acadêmico.

Ocorre uma transformação não à força, pela violência, pela ganância, pela arrogância, mas, pelo amor ao conhecimento e a tentativa de compreender o máximo possível. Aos oito anos meu padrinho me pergunta qual seria a boneca que gostaria de ganhar e peço uma enciclopédia, este espantado nunca me dá. Até hoje amo livros e bibliotecas, sinto-me em casa, acolhida...

Assim dar borda, ou seja, delimitar os contornos de minha trajetória neste momento estará em uma perspectiva que precisará sair do simbólico para o imaginário, na tentativa de produzir no real da escrita. Para Marques (2006) o maior desafio da escrita é começá-la; no seu todo e em cada uma de suas partes. Pois, só escrevendo se escreve. Sendo ato inaugural, começo dos começos.

Começo por questionar os ambientes onde me encontrava, pois, permanecer em ambientes rotineiros era fácil para mim. Viver sem sonhar era torturante. A escola se tornou meu refúgio, juntamente com meus irmão e passeios que inventávamos para sair de casa e nos sentirmos livres. Buscávamos vassouras nos campos para que minha mãe pudesse limpar o pátio e nós pudéssemos viver mais um dia de aventuras. Corridas nos campos, banhos em riachos, algazarras inocentes, mas, extremamente saudáveis para nossa saúde mental. Minha mãe me incumbia de cuidar dos menores, pois, além de ser a mais velha ainda me responsabilizava pelos menores, para podermos ir mais longe, aventura extra. Brincadeiras nos campos cheios de flores e guanxumas para as vassouras e, no caminho uma sanga, para tomar um banho e secar no sol, para poder voltar para casa e não apanharmos. Meus irmãos e duas amigas inseparáveis sempre estávamos em busca de divertimento.

Claro que contávamos com um ambiente favorável para isso, pois, onde moramos é um lugar extremamente aconchegante e de reconhecimento. Os vizinhos, na maioria das vezes, cuidam dos seus e dos outros. Este fenômeno serve, na maioria das vezes, para as trocas entre as vizinhas um pouco mais preocupadas com a vida alheia, mas, em contrapartida, serve como uma troca entre os conhecidos pelos cuidados. Mães ocupadas com seus afazeres, pais indo trabalhar, avós em casa reparando os que ficavam. Uma vila do interior a trinta minutos da cidade. Leiteiro na porta, quando não tínhamos comida ou peixe na sexta-feira santa recebíamos ajuda de alguns vizinhos. Podíamos contar com eles nos momentos de precisão como diziam meus pais.

A escola torna-se uma extensão do ambiente. Meus anos iniciais, após passar a residir nesse universo, estabelece-se com novas formas de encarar a realidade que iria se apresentar, pois, para chegar à escola tinha que caminhar mais ou menos um quilômetro. Caminho que fazia sem problemas, em uma estrada de terra batida, vermelha que nos dias de chuva sujava toda a roupa, resultando chegar

molhada na escola. Nos dias de sol comia poeira da estrada. Nada demais para quem sonhava com o ambiente escolar.

Minhas lembranças são ambivalentes, algumas lembranças prazerosas e outras ruins. No entanto, poderia dizer que as primeiras vão ganhar maior pano de fundo na minha vida, quando não consigo me imaginar fora deste ambiente. Muitos colegas, professores de todos os tipos, e sempre fico tentando lembrar qual seria aquele que fez a diferença, tanto no ensino fundamental, quanto nos ciclos posteriores. No entanto, hoje sei que cada um tocou em um ponto da minha cadeia de significante; cada um fez o que podia em suas limitações. Acho que o diferencial estava na minha forma de me adaptar a cada novo desafio e vivência, sempre em constante mutação...

Aprendi a amar o conhecimento e este me levou para terras desconhecidas e inusitadas. Nunca duvidei de sua potencialidade, no entanto, o caminho é muito difícil de ser trilhado. Na realidade nunca sabemos no momento que está acontecendo, o quanto é difícil abrir caminho para si próprio e para os seus, que nunca confessaram que também tinham sonhos inalcançáveis... Assim, me coloquei em movimento, em uma trajetória que nem mesmo eu sabia qual seria. Nunca mais parei, pois é constância...

Os anos iniciais foram em uma escola da minha vila, onde cursei todo o ensino fundamental, onde meu filho estuda hoje. Fui para o segundo grau na cidade como todos diziam.... Mesmo ficando a trinta minutos de onde moramos. Cursei o segundo grau e voltei a trabalhar, pois, não tinha condições financeiras para ingressar na faculdade, que era para os ricos, como todos diziam.

Como aceitar que o mundo acadêmico não era para mim? Como aceitar que minha perspectiva de vida era permanecer até meus dias finais limpando casa para patroas exigentes? Sentia que ali não era o meu lugar. Trago estas lembranças para demonstrar que, na maioria das vezes, estamos mergulhados em um real que nos assola, com símbolos que nos fazem acreditar que não temos grandes possibilidades, e que estas são limitadas para uma grande parte da sociedade.

Ainda não possuía uma distinção referente a cor, apenas notava que algumas possibilidades estavam restringidas, mas por quê? Minha avó sempre projetou em nós que poderíamos estudar e sermos outra coisa. Ela lavava roupa para fora, para manter seus oito filhos e para dar estudo a eles. Penso que acreditei em seus sonhos e tornei-os meus. Imaginava que poderia mais do que os outros poderiam julgar que fosse. Tive que utilizar minha imaginação para criar a possibilidade de

algo, que ainda não tinha um peso social para nossa família, pois, ainda permanecia nos sonhos, nos delírios, nas reticências.

Sempre curiosa e inquieta com as coisas fui galgando caminhos nunca antes imaginados... Para Valeska Oliveira e Monique Silva (2016) a busca e a curiosidade estão atreladas a nossa inquietação, desacomodação e nos faz levantar das sombras das grandes árvores e correr atrás dos coelhos brancos que passam e nós afetam. Buscar é um desejo interno, um movimento único e, ao mesmo tempo, provocador de interferências no meio, pois, a mobilização de um, sempre envolverá o outro, eis a importância das relações.

Relações que me mantiveram viva e que foram fundamentais para significar o simbólico, recheiar um imaginário que a todo momento é acinzentado pelo social e pelo real. Pelo dia a dia, pelos não ditos, pelas violências simbólicas. Em um primeiro momento tudo passava pelo estranhamento, que Freud (1919) chamará de estranho ou *Unheimlich* para designar algo que de algum modo nos é familiar. Estamos falando que passamos a rever coisas, pessoas, impressões, eventos e situações que conseguem despertar em nós um sentimento de estranheza, de forma particularmente poderosa e definida que toca em alguns resíduos nossos inomináveis.

Estava focada em uma busca, contudo não possuía a mínima ideia do que me esperava. Queria viver outras experiências, lançava-me a procura do inominável. Para Oliveira e Silva (2016) os inícios são como um salto no escuro, uma busca às tontas, imprevisível e, ao mesmo tempo, incontrolável. A indagação por respostas, por esclarecimentos, conhecimentos e verdades – até aqueles que têm consciência da efemeridade da verdade são provocados a buscá-la. Assim, a partir do pulo somos levados à experimentações, ao novo, eis outro desafio. O desafio aqui é o de a cada nova palavra forjada no papel, lidamos profundamente com a morte daquilo que veio à tona. Tornando desafio, pois, muitas vezes relutamos para não finalizarmos certos estágios de nossas vidas.

Só fazendo sentido se denominar e simbolizar nossas vivências mais profundas. Escrevo para narrar trajetórias intrinsecamente ligadas a mim e a minhas vivências, mas, que reverberam em outros sujeitos, cujas histórias são muito próximas. Escrevo para permanecer sempre viva e revitalizada em um mundo tão fragmentado em seus próprios problemas. Escrevo para recriar vivências esvanecidas na tentativa de resignificá-las.

Para Passeggi (2017) as memórias de si abarcam uma enorme experiência dentro do processo de narrativas de si e dos outros e neste sentido, resignificá-las em uma mudança de si:

Quem já escreveu um memorial sabe que a experiência dessa escrita institucional de si não se faz sem uma gama de emoções, ela exige que se procure no mais profundo do ser, razões para se interrogar, para tingir com novas cores as páginas da vida, as que foram se desfazendo no caminho e as que se delineiam no horizonte. Esse exercício não se faz sem medos, sem angústias, sem emoções. O encontro consigo mesmo, sua verdade provisória, é o que mais inquieta. A consciência de tal provisoriedade afugenta o desejo de criar uma imagem de si cristalizada pela narrativa, o processo de escrita cria momentos de silêncio, zonas mortas, longas horas de solidão. (PASSEGGI, 2017, p. 111).

Ressignificar trajetórias, angústias, tristezas, raivas, mágoas, ódios, amarguras, alienações, apatias, resistindo a cada novo desafio. Pois, escrever para viver trará algo que minha avó já me ensinava, autonomia. Autonomia que deixarei como legado para aqueles que mais amo. Meus filhos, marido, pais, tios, etc. Em uma luta constante de negociação e conflito como diria José Reis Eduardo Silva (1989) tornando-se agentes históricos e capazes de traduzir os seus interesses em reivindicações, exercendo pressão no sentido da transformação do regime que os oprime. Pois, o peso da caneta é mais leve que o da enxada, mas, requer mais responsabilidade e comprometimento.

Desde muito cedo aprendi que o conhecimento era para poucos e estes poucos não auxiliavam os que quisessem adquirir e apreender. Desafiei o impossível, queria experimentar o peso da caneta e suas respectivas possibilidades. Já tinha experimentado a enxada e descobri que ela está intrinsecamente atrelada a uma dor de não entender qual a diferença entre obter o conhecimento do mundo e da própria trajetória. Resolvi intuitivamente arriscar e descobrir as possibilidades do impossível, o autoconhecimento e a resignificação da minha trajetória.

Assim, reescrevendo histórias e deixando para os próximos novas formas de luta, resistência, enfrentamento nesta sociedade perversa. Bagagens de luta, vivência, transcendências, resignificações, amor, alegria, coragem.

Como ressalta Cunha (2016), a posição política e crítica é condição para elevar-se do sensível ao inteligível. Aqui produzindo bases intelectuais que sobrepujam as bases materiais que produziram as igualdades entre seres humanos que há muitos séculos estão à margem da sociedade, viabilizando lhes a possibilidade de autonomia. Está intrinsecamente ligada:

Autonomia, assim entendida, leva a necessidade da ação, como ação política em detrimento de uma disposição humana meramente especulativa que, invariavelmente, conduz a destinação da condição humana a espaços ideais e transcendentais. Esta disposição política e crítica é condição para elevar-se do sensível ao inteligível, não apenas conhecendo as condições objetivas da existência de si (de seu corpo e de todas as relações possíveis com a materialidade dos contextos de sua existência), mas significando tudo através do conhecimento desta existência humana. (CUNHA, 2016, p. 88).

Ao falar de autonomia também estamos interligando e ampliando a concepção para o ser histórico e político, onde Passeggi (2017) irá mostrar como são ocupados os espaços na educação e na sociedade. Elaborando no caminho percorrido os fundamentos que alicerçam em atividades múltiplas. Não há hierarquização entre as atividades e identidades assumidas. Aqui me posiciono como mulher, professora, escritora, pesquisadora, dona de casa, filha, mãe, viajante, cidadã, desbravadora. Alternando, sucedendo, entrelaçando, aprendendo, ensinado, caminhando e formando-me conforme o caminhar.

Assim, na busca do sujeito biográfico como fala Passeggi (2017), deparo-me com a escrita pela autonomia, pela alteridade, pelo conhecimento. Os três registros simbólicos que carrego comigo, levam-me para muito além do que eu imaginava. E a constante tentativa de encontrar respostas para perguntas antológicas, trouxeram-me até aqui. Para Passeggi (2017), a escrita possui amarras sutis com uma autopoiese, da qual, onde ela cita Bruner (2014) sobre “a criação do eu é uma arte narrativa” trata-se na arte de tecer, narrativamente, uma figura, não de um interior obscuro, mas, de si mesmo exterior e público, se é que é possível separá-los”.

Portanto escrevo para simbolizar e ressignificar novas formas de olhar e entender o mundo que me cerca. Escrevo para criar outros imaginários, outros olhares para os meus filhos (Eduardo e Antonia) e para os meus familiares, pois, os que encontrei até agora, estavam impregnados por um imaginário pejorativo e doente. Escrevo para que o real emergja socialmente e torne-se uma ressignificação dos fatos tomados como “verdades”. Que meus filhos experimentem o que é ser Negro, ser amado, ser feliz.

1 PRIMEIRAS PROPOSIÇÕES

A mulher Negra tem muitas formas de estar no mundo (todos têm). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? Parcelas da sociedade estão dizendo para você que este é o cenário. (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2017, p. 13).

Assim, como mulher Negra desafiei-me e passei pela escrita, pois, muitas vezes somos levadas a colocar no papel nossas vivências e nossa trajetória dentro de um processo de construção de saberes. Este é meu primeiro grande desafio aqui no CE (Centro de Educação). Lugar onde algumas pessoas extraordinárias estão pensando e questionando nossa educação, pois, talvez a educação seja um dos milhares de nós que quero desatar em minha existência. Efetivamente a educação muda os rumos dos seres humanos? E se muda? Quais as transformações? Estamos pensando em promover e ampliar efetivamente a educação para todos? Ou, como sempre, para uma pequena parcela de privilegiados? As cotas efetivamente mudam a vida de indivíduos Negros, há séculos marginalizados por uma sociedade desmedida e desregrada? Devemos “verdadeiramente” acreditar em discursos de meritocracia dentro de um ambiente universitário como o nosso? Quais indivíduos fazem uma educação não melhor ou pior, mas, ímpar?

Na construção contínua de significar e ressignificar desafios através do imaginário, real e simbólico, de cada sujeito criando seus contornos. Em narrativas e histórias, tornou-se fundamental para a compreensão de como cada sujeito significa e ressignifica sua trajetória de vida e seus desafios. Pois, ao buscar apreender discursos e falas, nos damos conta do quanto as entrelinhas estão entrelaçadas aos sujeitos e as suas histórias. No entanto, na maioria das vezes, eles não conseguem interligar o quanto foram afetados por discursos obsoletos e falaciosos. É neste contexto, que busquei um olhar (auto) biográfico no meu percurso, além de outros sujeitos dentro do sistema de cotas da UFSM. A tentativa de compreender a chegada, permanência e os desafios que se enfrenta dentro de um ambiente universitário e sua forma de ingresso dentro de uma significação ímpar.

Para Delory-Momberger (2006), o que dá forma ao vivido é a experiência do humano. A narrativa não é, portanto, somente o sistema simbólico: a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida.

Há uma busca constante por ampliar o foco olhando para atos, atitudes, discursos, formas de pensar que muitas vezes são objetivados e tomados como “realidade”, tornando-se verdades absolutas na sociedade. Discursos como de meritocracia são transformados em bandeiras que promovem disputas e atitudes impensadas e pouco articuladas sem terem questionamentos mais efetivos dentro do meio acadêmico de uma elite que busca a permanência de seus direitos adquiridos ao longo dos séculos.

Este começo perpassa por meu projeto de pesquisa um dos pontos nodais da minha escrita, onde trago em foco o tema ***Negro (Auto) biográfico; Cotas, Real Simbólico Imaginário: cotistas na UFSM***, como proposição para este trabalho, pois, perpassamos muitas vezes por este assunto sem nos questionarmos das verdadeiras conotações que lhe são atribuídas nas entrelinhas e deixamos passar como despercebido muitos chistes e sussurros. Estou começando as costuras de uma colcha de retalhos gigante, e cada pedaço de tecido contará sua história, sua trajetória, em um contexto mais amplo e imperceptível a olho nu e neste sentido trago a lupa do conhecimento como amplificador de tensões e emoções, dentro da razão.

Para Oliveira e Silva (2016) a educação,

Enquanto vivência estética, passa pela arte de experimentar outras formas de vida e de produção de outros sentidos e significados, para além dos já conhecidos e pertencentes ao seu trajeto de vida. Corpos biográficos são implicados para que se experimentem, olhando seus próprios trajetos e deixando-se atravessar por outros vetores, por outros movimentos e por outras subjetividades, ampliando seus repertórios. (OLIVEIRA; SILVA, 2016, p. 59).

Há muitos anos venho me dando conta que estou fazendo trabalho de formiga, pois, carrego milhares de folhas que são dúvidas e inquietações, na tentativa de compreender como as coisas acontecem: Acaso? Negociações? Implementações? Políticas? Jogos de poder?

Pesquisar cotas dentro destes contextos torna-se desafio, pois, os discursos estão na maioria das vezes desencontrados. Noto que em algumas situações impera a lei de salvar privilégios próprios, frente àqueles que no discurso elitista são incapazes e impróprios para acessarem esse lugar, legitimando e mantendo assim os mesmos nos espaços, perpetuando desigualdades e estereótipos.

No presente trabalho a raça¹ tornou-se questão por entender que não estou mais tentando ligar interior com exterior. Embasada nos estudos que nos guiam para olhar as ligações e não mais para características hereditárias e consanguíneas que ligariam as pessoas. Compreendendo a questão de raça diferentemente da ideia de raça superior com características especiais, que lhes tornaram detentoras de poder e privilégios como na Idade Média, e Moderna e, em muitos momentos, na Contemporânea. Abarcamos em alguns momentos a etnicidade como resposta a indagações fenotípicas relacionada a processos políticos, econômicos, culturais e psicológicos.

Pois, frisamos que a questão raça perpassa por construções ideológicas e políticas que levam a dominação e escravização de um povo em benefícios econômicos. Como relata Achille Mbembe (2014) esta construção perpassa por transformações de estigmatização de sua cor dentro das plantações que transforma-se em instituições econômicas, disciplinar e penal.

Ao longo do século XVII, um imenso trabalho legislativo vem selar o seu destino. A fabricação das questões de raça no continente americano pela sua destituição cívica e, portanto, pela conseqüente exclusão de privilégios e de direitos assegurados aos outros habitantes das colônias. Desde logo, não são homens *como todos os outros*. Ela prossegue pela extensão da servidão perpétua aos seus filhos e descendentes. Esta primeira fase é completada por um longo processo de construção da incapacidade jurídica. A perda do direito de apelar aos tribunais faz do Negro uma não-pessoa do ponto de vista jurídico. Acresce a este dispositivo judiciário uma série de códigos de escravatura, muitos deles na sequência de levantamentos de

¹ Diante da enorme complexidade e, portanto, da inconsistência dos critérios adotados para qualificar as raças, recomendava-se a renúncia ao sistema lineano de classificação, sugerindo uma “árvore genealógica”. De fato, nas zonas não isoladas, a frequência de certos caracteres ou certos genes evolui progressivamente em várias direções e as diferenças entre duas populações são proporcionadas a seu distanciamento físico, de acordo com uma espécie gradiente geográfico (cline). Relacionando cada traço distintivo aos fatores de seleção e adaptação que podem tê-lo favorecido, notamos frequências ligadas, ao que parece, muito, mas a fatores tecnológicos, culturais e outros, que não coincidem de maneira nenhuma com o mapa das “raças”, dependendo do critério adotado (cor de pele, índice encefálico, índice nasal, características genéticas e assim por diante), obtém-se mapas diferentes. É por isso que alguns especialistas concluem, a partir daí que “toda teoria das raças é insuficiente e mítica. Os últimos progressos da genética humana são tais hoje em dia que nenhum biólogo admite a existência de raças na espécie humana. Biologicamente, a cor da pele é um elemento negligenciável em relação ao conjunto do genoma. De acordo com Bentley Glass, não há mais de seis pares de genes pelos quais a raça branca difere da raça Negra. Os brancos frequentemente diferem entre si num grande número de genes, os mesmos acontecendo com os Negros. É por isso que a UNESCO, depois de ter organizado uma conferência de especialistas internacionais declarou: “A raça é menos um fenômeno biológico do que um mito social” [...] Nessa dinâmica, devem ser levados em conta dois componentes que agem em conjunto: o patrimônio genético, que pode ser considerado um gigantesco banco de dados biológicos em ação, e o meio ambiente, em sentido amplo, pois começa já no meio fetal. As mudanças que resultam da interação desses dois fatores básicos intervêm seja sob forma incontrollável da seleção e da migração gênica (mestiçagem), seja sob a forma casual da oscilação genética ou da mutação. Em resumo, é toda a história de uma população que explica seu presente *facies* “racial”, incluindo, através da interpretação das representações coletivas, as religiões, os costumes alimentares, de vestuário e outros. (JOSEPH KI-ZERBO, 2010, p. 288-290).

escravos. Alcançada esta decodificação, podemos dizer que, por volta de 1720, a *estrutura Negra do mundo*, que já existia nas Índias Ocidentais, faz oficialmente a sua aparição nos Estados Unidos, e a plantação é o seu corsário. (MBEMBE, 2014, p. 42).

Fabricação que irá ao longo dos séculos se reconfigurando e mutando para criar uma legitimidade cada vez maior e incontestável ao ponto de se tornar “verdade” inquestionável até mesmo para os incrédulos. Pois, teremos que produzir estudos para contestar esta forma de articulação.

Como os estudos de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998) onde raça determinada a uma “aparência exterior” herdada e transmissível pela hereditariedade, não interessar por si mesma, só tornando significativa quando atrelada a subjetividade

A raça, enquanto determinada uma “aparência exterior” herdada e transmissível pela hereditariedade, não interessa por si mesma ao sociólogo. Ela só adquire uma importância sociológica quando entra na explicação do comportamento significativo dos homens uns em relação aos outros, ou seja, quando ela é sentida subjetivamente como característica comum e constitui por isso uma fonte da atividade comunitária. E, mesmo neste caso, não são apenas o simples parentesco ou a simples diferença antropológicas (sempre no sentido da antropologia física) que fundam a atração ou as repulsas mútuas, mas a tomada em consideração deles como socialmente condicionada pelo estabelecimento de relações de dominação. Do ponto de vista da sociologia compreensiva não existe, portanto, distinção fundamental a operar entre as disposições raciais (hereditariamente transmissíveis) e as disposições adquiridas pelos hábitos de vida (transmitidas pela tradição), já que tanto umas como as outras dão lugar a uma comunidade de relações. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 37).

Os autores Poutignat e Streiff-Fenart (1998) ainda ressaltam, que os grupos étnicos estando atrelados pelas crenças subjetivas de seus membros para formação de uma comunidade pelo sentimento de honra social compartilhado por todos, além de atributos ou de traços tais como língua, religião, costumes, aproximando da noção de cultura, ou ascendência comum presumida dos membros. Sentimento de povo. Pertença ao grupo; identidade étnica; consciência da pertença e/ou das diferenças de grupo; ligações afetivas ou vínculos baseados em um passado em comum; vínculo elaborado simbolicamente (tradição, emblemas, crenças culturais territoriais):

É, então, o estudo do processo de construção das diferenças étnicas e das formas de interação nas quais os indivíduos agem como membros de grupos étnicos que se constitui o objeto das teorias da etnicidade. Quais são os fatores (políticos, econômicos, culturais, psicológicos) que permitem dar conta da emergência e da persistência das diferenciações étnicas? As respostas variam devido a resposta cultural a um problema social ou como

determinante cultural da atividade social, conforme a façamos derivar de uma necessidade econômica ou psicológica, ou se coloque o foco nos processos de atribuição ou de realização das identidades étnicas. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 84).

Referimo-nos a construções que perpassam por via de constituições desses grupos e seus modos de interagir com o mundo e com os outros. Estamos destacando fatores políticos, econômicos, culturais, psicológicos complexificando conceitos utilizados como manobra de dominação. O conceito raça perpassa por uma construção desta.

Considerando os dados da pesquisa genética todos os brasileiros, mesmo aqueles de aparência fenotípica europeia, possuem porcentagens variadas de marcadores genéticos africanos ou ameríndios, confirmando a inexistência de raças puras ou estancas (MUNANGA, 2005-2006).

A cor e a pele e as características fenotípicas acabam operando como referências que associam de forma inseparável raça e condição social, e que leva o afrodescendente a introjeção de um julgamento de inferioridade, não somente quanto ao aspecto racial, mas também em relações socioeconômicas, implicando o favorecimento de uma concentração racial de renda, de prestígio social e de poder por parte do grupo dominante. No entanto, como há uma negação do preconceito racial por parte desde mesmo grupo, essa atitude tende a manter o conceito de serem as misérias inerentes ao destino humano Negro. (FERREIRA, 2009, p. 42).

Assim, gostaria de deixar claro que estamos nos referindo a uma questão que na maioria das vezes está atrelada ao fenótipo destes indivíduos. Pois em um país onde as raças se misturaram e criaram um caleidoscópio de cores e matizes étnicas, ainda encontramos fenótipos mais escuros, como prejudicados por uma discriminação e criminalização ímpar. A proposição é criar a possibilidade de debate, diálogo mais aprofundado na tentativa de produzir desnaturalizações e discussões tão importantes para aqueles que se encontram ainda na periferia do sistema.

Também gostaria de esclarecer aqui o emprego da palavra Negro e negritude e as conotações que para mim estarão estabelecidas todas as vezes que utilizar estas palavras que fazem parte deste trabalho. No entanto, gostaria de efetivar a noção de etnia para este constructo. Para Oliveira Silveira (2007) negritude é um rótulo identificador de coisas da cultura Negra e dos movimentos Negros, sendo o ato de assumir os valores Negros em sua historicidade, tradicionalidade, capacidade de renovação e atualização, considerando o legado ancestral e a realidade contingente, contemporânea; assumir-se como pessoa Negra de forma profunda,

envolvendo o compromisso com a preservação do grupo étnico através da família Negra.

A pessoa Negra tem direito de gostar de ser Negra e querer que seu grupo étnico continue existindo. Para Silva (2016) negritude não é uma qualidade, mas um conjunto de ações situadas em tempos e lugares distintos, entretanto, articulados por experiências de ser Negra, de ser Negro, numa sociedade que rejeita explicitamente, ou não, o corpo físico, as ideais, a ação e as construções.

Para Ricardo Ferreira (2009), há um processo de desvalorização dos elementos das cosmovisões de matrizes africanas. Vivemos em uma sociedade na qual os valores determinados por uma cultura branca europeia são vistos como superiores, ocasionando, aos afrodescendentes o desenvolvimento de uma autoimagem negativa, acompanhada de baixa autoestima. Perpetuando um processo de exclusão e uma existência precária sustentado por mecanismos sociais.

Outra palavra que estará efervescente neste trabalho é meritocracia, a qual emprego, apesar de considerá-la perversa e injusta com a possibilidade de cada um e as reais possibilidades econômicas, políticas e sociais escondidas nos discursos de meritocracia. Ao longo de minha vida escutei muito: **tu mereces**. O quê? Muitos anos depois, me deparei com uma explicação para esta frase

Nunca se falou tanto em mérito acadêmico quanto agora. Porém, não podemos reduzir o acesso à universidade, sobretudo a pública, a uma questão de mérito. Ninguém nega que a vida acadêmica exige determinadas competências e saberes, o que é muito diferente de discursarmos friamente sobre o mérito, como se o vestibular classificatório fosse uma competição em que todos os concorrentes participassem em condições de igualdade. Com efeito, as condições de vida, as trajetórias sociais e escolares de Negros e brancos não são iguais. (GOMES, 2006, p. 40).

Assim, reitero que não é uma questão de mérito ou de meritocracia e sim um caleidoscópio de disposições políticas, econômicas e sociais que na maioria das vezes priorizam algumas esferas sociais em detrimento da economia e sua manutenção em joguetes políticos de articulação para permanência de alguns. Mas, que transita em discursos dos mais capacitados para assumirem ambientes para poucos privilegiados intelectualmente, que através de seus esforços próprios alcançam o ambiente universitário, falácia.

Por outro lado, o mito da democracia racial encobre o preconceito e torna muito mais difícil o combate efetivo da injustiça para com indivíduos e grupos étnicos

diversos do branco-europeu. Assim, a discriminação opera no nível dos indivíduos de maneira inconsciente e nem sempre identificável como tal (FERREIRA, 2009).

Estamos nos referindo à cultura dominante, que muitas vezes passa despercebida, como se não tivesse nenhuma ligação no contexto em geral. Somos levados a crer que tudo está posto, sem nos questionarmos sobre etnia, pois, somos um país com várias etnias e convivemos muito bem com todas elas. Questionamos se será mesmo assim.

Dutra (2007) escreve que de 1888 à Revolução de Trinta foi o período que legitimou-se a ideologia radical brasileira, passando o Brasil a vender interna e externamente o mito da democracia racial, em que se consagrou o acabamento da marginalização do Negro, transformando-o em mau cidadão, ele que no início da escravidão fora tido como “bom escravo”.

Temos aqui a construção de um imaginário pejorativo onde o Negro passará a ter um papel distorcido dentro da sociedade. Estas construções poderão estar intimamente ligadas a um simbólico extremamente dolorido e carregado por vários séculos em um processo diário.

O preconceito revelando-se no dia a dia, nas situações mais simples, apesar da crença consolidada de viver-se no país da democracia racial, as pessoas desenvolvem um mundo simbólico em que as características fenotípicas acabam operando como referências para o preconceito. “Estamos falando de um preconceito velado e muitas vezes encoberto com frases educadas e eufemismos, que alimentam o mito do brasileiro de estarmos vivendo em um paraíso de coexistência e aceitação das singularidades, visão que conserva o sistema, pois, não enfrentamos de frente devido sua não existência” (FERREIRA, 2009, p. 18).

Manipula-se a realidade, recalcamos o que está ligado aos sentimentos mais obscuros do ser. Estamos lidando inconscientemente com séculos de repressões e interdições, impostas e compactuadas por entes como igreja, ciência e sociedade. Estes artífices de um discurso ideológico que irá permear a sociedade, que acreditará na força do mérito sem levar em consideração as violências, que se operaram para que estes discursos enraízem socialmente.

As negações de séculos de diretos frente a sujeitos de fenótipo Negro que irão sofrer sanções, serão divisores de águas para a obtenção de recursos para a sua ascensão educacional, social, política e econômica. Estamos referindo a leis que foram forjadas para manutenção e desapropriação de direitos que poderiam ter gerado outros rumos para estes Negros, trazidos de além-mar, promotoras de

olhares estigmatizadores de uma sociedade que sonhava com o ideal de branqueamento.

Fui questionada se este assunto não seria já senso comum? Não acredito que para os Negros que estão nas periferias seja senso comum, pois, muitos ainda não adentraram nas universidades, além de acreditarem que o espaço da academia não é para eles. Assim, meu trabalho tornou-se ao longo do percurso uma proposição de modificação do olhar do Negro para o Negro.

Ao entrevistar os alunos Negros percebi que nem mesmo na universidade a pauta cotas é senso comum, pois, muitos alunos e professores ainda estão reproduzindo discursos conservadores e obsoletos. Dentro de um ambiente que deveria primar por se esclarecer sobre assuntos tão importantes para a sociedade e para uma parcela que hoje está dentro das salas de aulas.

O CCR e o CT são os centros que a gente vê na universidade que são mais conservadores e os mais difíceis de incide com essas pautas e isso vai te dar um nível de estresse porque por exemplo: enquanto dentro do CCSH não é fácil, mas, lá dentro se tu for falar com um professor, com alunos muito provavelmente vão te ouvir, se for falar sobre racismo institucional, por exemplo. Agora dentro do CCR dentro do CT vão ri, vão debochar, vão dizer que não existe. E sequer vão te ouvir. Eu digo isso com propriedade porque foi o que tentei fazer dentro do CCR e isso nos dá um nível de estresse muito, muito, muito irritado... (DZIKO, 2017)².

Encontrei dores e sofrimentos psíquicos dentro de uma instituição tão importante para nossa cidade e para os estudantes que lá estão. Encontrei brechas que o sistema deixa para que eventos racistas se perpetuem. Porque sabemos que a maioria das instituições pensou ingresso, mas, não lidou ainda com a permanência e conclusão dos que querem ficar.

Tu cria estratégias. Tu cria estratégias ou pra tá antes deles, ou pra mesmo quando acontece o ataque tu já saber te defender. E aí acontece muito do que, eu vejo assim e eu não sei dizer se é o mais correto, enfim, correto ou não é uma estratégia também que eu uso que é de não chorar na frete de branco. Tá sempre ali firme. Mas, quando tu tá na tua intimidade quando tu tá sozinho, quando tu tá com militantes, colegas, enfim, pessoas que compartilham da mesma dor que tu vais saber dizer o que é. Aí tu chora, aí tu conversa, aí tu expõem toda a tua dor. (DZIKO, 2017).

Pensar permanência e conclusão se torna proposição ao notar que muitos Negros que entraram pelos sistemas de cotas se encontram acuados dentro de um

² Destaco aqui que as narrativas permaneceram literalmente como os entrevistados as expressaram, e que algumas repetições são ênfases ou retificações sobre um assunto tão importante que são as cotas e racismo.

sistema que deveria proporcionar acolhimento. Ambiente onde encontramos intelectuais reproduzindo discursos rasos de revistas e telejornais... reproduzindo discursos de mérito. “Que mérito” é esse? Que discursos são esses? Dentro de ambiente dito intelectual.

A tentativa no decorrer do aprofundamento do texto é buscar vislumbrar alguns fatos históricos na tentativa de desnaturalizar olhares. Gostaria de ampliar minha colcha de retalhos. No entanto é um processo de formiga onde carregarei cada folha, cada grão, cada grama deste imenso mundo de experiências.

2 NEGRO E COTAS... REAL SIMBÓLICO IMAGINÁRIO E AS PESQUISAS ATUAIS QUE ESTÃO EM PAUTA

Para aprofundar meu tema e entender quais caminhos estão sendo trilhados academicamente e as pesquisas mais atuais, busquei as produções (dissertações e teses) partir do período de 2009 a 2017 revendo conceitos e temas que auxiliariam na trajetória. A busca do Negro que entrará pelo sistema de cotas e terá que lidar com o real, o simbólico e o imaginário de si mesmo e dos outros. Assim, construindo um entendimento frente às cotas e aos Negros que ingressaram por este sistema. Gostaríamos de construir um referencial que irá ajudar e preservar certos olhares no tempo atual. Como se estivéssemos escrevendo a história dentro da história.

Escolhi o banco de teses capes por entender que abrangem uma ampla gama de pesquisas de cursos de mestrado e doutorado no país. Além da facilidade de acesso e de pensar na produção científica nacional. Os descritores inseridos foram sujeito Negro, cotas, real, imaginário e simbólico. A primeira busca com o descritor sujeito apontou 189 resultados, dos quais notei pela leitura dos títulos e resumos que não abrangiam minha pesquisa da forma como estava delineada. Mas, encontrei dez artigos que poderiam ser usados como leitura complementar. O descritor Negro surgiu num caleidoscópio de 253.371 trabalhos, muitos em inglês e em sua maioria abrangendo um conteúdo vasto como família, trabalho, gênero, trabalhos históricos, quilombolas, escola, literatura, religião, questões raciais, crianças Negras, capoeira, resistência, identidade violência, sistema penitenciário, publicidade, etc. Ao juntar as palavras sujeito Negro, o número de trabalhos caiu para 1.460, em discursos e temas que abrangem etnicidade, racialidade, literatura, diáspora africana, identidades. Portanto, alguns temas tornaram-se a repetir. Com a palavra cotas tivemos um resultado de 9.356 trabalhos, alguns se aproximavam com pontos que gostaríamos de trabalhar futuramente.

Ao inserir os descritores, sujeito Negro e cotas apareceram 96 trabalhos que se referiam a gênero, cotas em universidades específicas, cotas para deficientes e notamos que alguns temas pareciam repetitivos.

Assim, utilizei a busca por palavras que se aproximavam diretamente de meu tema em uma sequência de descritores. A tentativa era achar as últimas pesquisas sobre o tema ou algo que poderia ser usado na dissertação.

Portanto, utilizando a sequência de descritores: sujeito Negro (auto) biográfico e cotas real Imaginário e Simbólico encontramos dez trabalhos e todos eles com temas bastante diferentes alguns referentes à sociologia, um texto da pesquisadora Nilma Gomes que poderia ser utilizado como leitura complementar, um texto sobre interdisciplinaridade, antropologia e educação, identidades brasileiras em um contexto sociopolítico português e afro-brasileiro, cidadania, movimento Negro, cinema, etc. Encontramos cinco livros e o restante em artigos em áreas como antropologia e história. Neste sentido, nenhum dos textos encontrados no portal de pesquisa do Capes foram utilizados, pois, foi através da busca específica de alguns artigos, livros, textos que chegamos na construção do referencial.

Tivemos um referencial rico e produtivo com autores como: Maria Conceição Passeggi [Livro] *Pesquisa Narrativas: Interfaces entre histórias de vida arte e educação* (2017); Ricardo Franklin Ferreira [Livro] *Afro descendente: identidade em construção* (2007); João José Reis e Eduardo Silva [Livro] *Negociação e conflito: a resistência Negra no brasil escravista* (1989); Jorge Luiza da Cunha [Capítulo] *Ensino de História e Consciência Histórica* (2016); Valeska Maria Fortes de Oliveira e Monique da Silva [Capítulo] *Em defesa da leveza, da sensível e da sensibilidade na pesquisa em educação* (2016); Sidney Chalhoub [livro] *A força da escravidão* (2012), Jaques Lacan [livro] *Nomes-do-Pai* (2005); entre outros.

3 SÓ CAMINHANDO SE CONSTRÓI O PROCESSO...

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. (EVARISTO, 2017, p. 18).

A metodologia perpassa pela tradição oral e suas narrativas e neste sentido, pelo desafio da narrativa (auto) biográfica do Negro como potencialidade de sua própria história e da resignificação que fará parte do processo de falar de si e buscar entendimento de sua vida. Axé para nossas Yabás e suas sabedorias.

O homem comum, o homem público, não parece se espantar muito mais com a eficácia dessa experiência que se passa integralmente em palavras, e, no fundo, tem bastante razão, já que, com efeito, ele caminha, e que, para explicá-la, parece que teríamos, a princípio, somente que demonstrar o movimento pelo ato de caminhar. Falar já é introduzir-se no objeto da experiência analítica. É aí, de fato, que convém colocar inicialmente a questão: o que é a fala, isto é, o símbolo? (LACAN, 2005, p. 15).

Neste sentido, caminhar metodologicamente torna-se desafio, pois, nos deparamos com as possibilidades de narrar histórias ímpares de sujeitos inigualáveis. Neste sentido, a construção de uma metodologia torna-se propositiva, pois, estamos lidando com trajetória, com palavras.

A narrativa não entrega os 'fatos', mas as 'palavras': a vida recontada não é vida. Essa constatação tão simples e, ao mesmo tempo, tão difícil de se compreender, tão forte é a ilusão do realismo da linguagem, merece ser constantemente lembrada. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 361).

As narrativas (auto) biográficas foram fundamentais para que encontrássemos alguns entendimentos mais ampliados e ao mesmo tempo mais próximos do protagonismo de cada Negro, compreendendo como eles endereçaram suas trajetórias e significam suas vivências. Assim tivemos a dimensão dos desafios dos cotistas Negros e suas mais variáveis possibilidades e questionamentos dentro do ambiente universitário mais precisamente na UFSM. As indagações surgiram ao longo de vários debates dentro do grupo de estudo **Clio**, onde tentamos levantar proposições, dialogando sobre as inúmeras fases enfrentadas pelo Negro ao longo

dos séculos. Sabemos que tais sujeitos vão paulatinamente conquistando seus espaços através de lutas e resistências constantes.

Neste íterim escutamos suas narrativas para promover um entendimento direto com os protagonistas e suas mais variadas formas de compreensão. Assim, entrevistamos e trouxemos suas vozes para construirmos com eles e com a UFSM novas possibilidades dentro de um processo tão complexo como as cotas.

Vou contar um pouco da história de cada um para que entendamos de quem estamos falando. Gostaria de ratificar aqui que se trata de Negras e Negros que estão em um momento pontual de suas histórias como também da História das cotas no nosso país.

Estamos no momento da construção de uma grande oportunidade para aqueles que sempre sonharam em estar no ambiente universitário, mas, que parecia tão distante sua vida diária. Estamos olhando pontualmente para um ponto da História que está sendo construída neste momento. Assim, irei usar nomes³ fictícios para narrar suas trajetórias.

Vou começar com uma menina-mulher para a qual irei utilizar o nome de ADEBANKE: que significa Deus Está Cuidando Dela (Yoruba Da Nigéria). Menina-mulher, pois desde muito cedo deseja estudar, mas, as dificuldades do dia a dia não permitem que ela consiga se dedicar exclusivamente aos estudos. E é assim, que inicia sua trajetória entre estudar e trabalhar possuindo muita dificuldade para dar seguimento na sua primeira graduação em Educação Especial. Encontra dificuldades financeiras, sua mãe trabalha intensamente, mas, como grande parte dos trabalhadores brasileiros não consegue suprir todas as necessidades de sua filha. No entanto, essa tem um sonho: não ser mais uma Negra nas estatísticas. Finaliza o ensino médio e ingressa na graduação. As dificuldades para se manter no meio universitário vão desde não ter computador para fazer os trabalhos e ter que utilizar os computadores dos locais de estágios, como contar a grana para passagens e comida no Restaurante Universitário (RU). Relata uma dificuldade inicial de apreensão dos discursos dentro do curso e o volume de leituras para associar com trabalho. No entanto, persevera e apreende o funcionamento dos discursos e do curso. Torna-se uma menina-mulher doce e resiliente frente as dificuldades que irá enfrentar ao longo de sua segunda graduação e na

³ Retirado do site: <https://www.geledes.org.br/significados-dos-nomes-proprios-africanos/>

especialização e ainda se encontrando no meio acadêmico lutando por ela e por outras Negras e Negros que precisam de ajuda dentro do sistema.

Para o segundo participante irei utilizar o nome de ADETOKUMBO: Honra Que Veio De Além Dos Mares (Yoruba Da Nigéria). Este entrevistado era determinado, experiente, honrado, forte. Entre lágrimas e demonstrações propositivas narrou sua trajetória e de sua mãe com muita força. Teve dificuldades relacionadas ao pai, mas, manteve seu sonho de entrar na universidade. Uma mistura de sonhador e determinação vai largar o trabalho frustrante no mercado de trabalho e vai reduzir sua renda para poder se dedicar aos estudos. Enfrentará olhares de estranhamento, mas, bancará suas escolhas, mesmo que seja difícil, pois seus recursos auxiliam na renda familiar. Escolheu o curso de Ciências Sociais estrategicamente por entender que lhe ajudaria a compreender melhor o mundo e as nuances que existem dentro da sociedade. É do tipo de Negro que morre lutando por seus ideais e sonhos. Não pestanejou em nenhum momento em expor suas convicções sobre um assunto tão delicado que é sua vida pessoal e cotas. Decidido sabe o que quer e onde quer chegar só precisa de tempo.

O terceiro participante irei utilizar o nome de DZIKO: O mundo. Esse entrevistado vem das ciências rurais para as ciências sociais, ele demonstrou, durante a entrevista, possuir um conhecimento abissal sobre o mundo e suas interligações. Propositivo e determinado reconhece sua negritude e sua forma de agir sobre o mundo. Tem um olhar aguçado sobre as interligações dentro da universidade. Entrou em seu primeiro curso que considerou elitista e conservador e após cursar alguns semestres decidiu mudar de curso para tentar incidir melhor sobre as pautas de racismo. Também narrou sua dificuldade dentro do sistema como um aprendizado para aqueles que futuramente ingressarão na universidade. DZIKO traz o mundo nos seus olhos, na sua vida, nas suas atitudes.

O quarto entrevistado utilizarei o nome de KUMANI: Destino (África Ocidental). Esse entrevistado entrou em seu curso Relações Internacionais (RI) e se identificou com o curso e relata estar bem feliz com o mesmo. O curso exige bastante dele, no entanto, ele está realizado. Cheio de sonhos desde a adolescência, sempre sonhou em ingressar na universidade e tinha como primeiro objetivo mesmo que muitos desacreditassem de suas escolhas. Criado pelos avós que com muitas dificuldades financeiras não conseguiram lhe ajudar aqui na universidade. Usa do destino para acreditar que este lugar é dele, e para ele. E não

desiste de seus objetivos mesmo que em alguns momentos se questione de como conseguiu chegar até aqui e realizar um sonho de infância.

É com essas trajetórias de vida que irei construir e embasar a pesquisa qualitativa de estudo de caso, na qual se realizei perguntas abertas durante as entrevistas com aqueles que se disponibilizaram a colaborar. Vale destacar que:

Na entrevista narrativa, a linguagem se inscreve como mecanismo de representação da realidade experienciada, além de se constituir como um elemento de mediação entre realidade e a interpretação das realidades narradas. Esse princípio da compreensão de si e das experiências vividas que atravessa a técnica da entrevista nos revela o encorajamento da palavra e o empoderamento do sujeito no processo de narrar/textualizar a vida. (SOUZA; MEIRELES, 2017, p. 137).

Com base nestes fatores opta-se pela pesquisa qualitativa, de cunho descritivo, apresentando-se como estudo de caso, para produzir uma aproximação intrínseca com o Negro e Negra cotista. “Para Thelma Spindola e Rosângela da Silva Santos (2003) a pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser qualificada, pois, trabalha com um universo de significados, crenças, valores em um espaço mais profundo das relações de fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis” (SPINDOLA E SANTOS, 2003, p. 120).

Os Negros desta pesquisa foram estudantes que adentraram pelo sistema de cotas, desde 2009 na Universidade Federal de Santa Maria. Escolhemos a data 2009 por acharmos fundamental tentar encontrar além dos graduandos, alunos que ainda estavam dentro do ambiente universitário, em processos de especializações e, neste sentido, dando continuidade aos estudos. A busca por entender o que é ser um Negro cotista dentro da UFSM e quais os desafios frente ao ingresso a permanência e a conclusão foram nosso ponto focal onde tentamos dar a oportunidade ao entrevistado agir sobre suas próprias palavras, significações, memórias. Destaco aqui que no capítulo Cotas farei um aprofundamento sobre as implementações na UFSM.

Gostaria de destacar aqui que a UFSM vem tentando construir e articular o sistema de cotas dentro da universidade, no entanto, sabemos que é um processo lento e gradual onde os desafios surgem a todo o momento. A universidade já implementou bolsas, restaurante universitário, auxílio moradia, etc. Contudo gostaria de frisar que ainda temos muito pela frente a mediada que forem surgindo novas

proposições para melhoramento e aprimoramento de um sistema que é tão importante para estes alunos que estão ingressando e potencializando.

Sendo assim, a perspectiva qualitativa possibilitará lançarmos sementes que criaram uma rede de comunicação interna entre os Negros e Negras que participaram e responderam a um questionário com oito perguntas abertas que germinaram algumas questões, interesses, curiosidades, medos e potencialidades sobre seu ingresso, permanência e conclusão dentro do ambiente universitário.

Na busca de criar um sistema cíclico onde os próprios Negros indicassem outros Negros para as entrevistas utilizou-se a perspectiva *snowball* ou como é conhecida bola de neve.

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. (VINUTO, 2014, p. 203).

Em um processo sequencial de encontro do primeiro entrevistado e sua indicação tivemos a possibilidade de vislumbrar o encadeamento que as indicações e suas proporções, além da potência que esta técnica traria para o trabalho. Destacamos que em uma pesquisa qualitativa com a utilização da técnica *snowball* para chegarmos nas narrativas de vida destes alunos Negros dentro da UFSM incidiu no trabalho a possibilidade de autoconstrução do mesmo, pois os próprios alunos se sentiram agregadores.

Assim, contamos em um primeiro momento com um entrevistado ADEBANKE representante de um coletivo dentro da universidade, que indicou mais dois: DZIKO e ADETOKUMBO e esses indicaram KUMANI. Ocorreram mais quatro indicações chegando ao total de sete entrevistados que também tinham mais pessoas para indicar. Contudo, foram utilizadas quatro entrevistas devido ao volume das entrevistas e nossas possibilidades e prazos para o desenvolvimento da pesquisa que ganhou a adesão dos alunos.

Podemos ressaltar que não chegamos como relata a autora Vinuto (2014) ao ponto de saturação da pesquisa, por este ser um estágio de repetição dos

conteúdos das informações dos entrevistados não trazendo novas informações que seriam relevantes a pesquisa. Notamos que o trabalho está apenas no início e temos muitos desafios pela frente.

Temos que destacar que nestas entrevistas tivemos dificuldades para marcar horários que viessem de encontro com as possibilidades dos alunos e suas atividades dentro da universidade como: aulas, férias, grupos de pesquisa, atividades de militância, trabalho, bolsas de estudos, finalização da graduação, estágios remunerados, trabalho externo à universidade.

Outro assunto importante a destacar é um estudo mais aprofundado sobre o número de alunos cotistas que ingressaram nos últimos anos que estão nos relatórios⁴ da UFSM sobre ingressantes em uma média aproximada de alunos cotistas nas cotas A, ou seja, EP1A e EP2A de 2012 a 2016 estão disponíveis para quem quiser constatar os números referentes as cotas. No entanto, os dados necessitam de um estudo aprofundado que demanda atenção e tempo para serem organizados com calma. E neste sentido nos propomos a fazer isso em outra etapa por se tornar um assunto específico.

No entanto, os relatórios demonstram que nos últimos anos ocorreram uma média aproximada de 22% de ingressantes cotistas em uma média de 1428 alunos por ano, no entanto, os dados demonstram resultados amplos que necessitam de um estudo mais profundo de viés quantitativo que não é nosso objetivo neste trabalho.

Assim, estes pontos importantes nos nortearam ao caminharmos nas trilhas da pesquisa nos deparamos também com o desafio do pesquisar, que é tentar a convergência de todas as situações imprevisíveis que vão ocorrendo durante este percurso da pesquisa.

⁴ Disponível em: <http://w3.ufsm.br/afirme/index.php/artigos/relatoriodeatividades/relatoriodedados>.

4. INICIANDO A METODOLOGIA

PROBLEMA OU INQUIETAÇÃO?

Quando nos deparamos com um problema de pesquisa muitas vezes estamos colocando em questionamentos as vivências e os desafios que encontramos no dia a dia de cada aluno. Ao olhar para nossa universidade encontrei Negros que tinham ingressado pelo sistema de cotas e encontravam-se inquietados sobre sua permanência dentro da UFSM?

Assim, surgiu o problema: *Em que medida as narrativas (Auto) biográficas dos Negros e as cotas interligam-se entre o Real, Imaginário e Simbólico para a constituição do Negro como sujeito histórico dentro do ambiente universitário?*

Estava tentando interligar as Negras e Negros que adentraram pelo sistema de cotas e sua realidade psíquica entre o Real Simbólico Imaginário. A busca por um entendimento mais ampliado sobre uma política pública que virou lei, mas, que perpassa por muitos pré-conceitos.

A partir deste problema foram surgindo algumas questões intrínsecas à pesquisa: *Como surge o interesse pelos inúmeros cursos universitários? Quais os desafios entre ingresso e permanência em uma perspectiva de conclusão? Qual o limiar entre fênótipo e os discursos de meritocracia que são vinculados no ambiente universitário?*

Desafio complexo que vai tomando forma a cada novo passo, a cada nova leitura, a cada nova entrevista. Dei-me conta do tamanho e da proporção do evento e, que o desafio era muito mais que inquietação. Fiquei intrigada com as possibilidades que poderiam surgir a cada ato biográfico. Pois, se biografar é desafio. Ainda mais para alunos Negros que ingressaram pelo sistema de cotas na UFSM.

Neste sentido, criamos objetivos que gostaríamos de seguir como bússolas norteadoras. E ainda estávamos muito atentos para quaisquer mudanças que pudessem ocorrer dentro do percurso. Sempre atentos para escutar as entrelinhas e os não ditos. Atentos com a receptividade para as informações, atentos para decifrar.

Nosso ponto de partida surgiu com a intenção de investigar a partir das narrativas (auto) biográficas de alunos Negros que ingressaram através do sistema

de cotas, a partir no ano de 2009, suas proposições frente às políticas públicas, as questões afirmativas e étnico-raciais nos cursos de licenciatura da UFSM.

Ainda ampliamos as perspectivas para tentar delinear por onde teríamos que caminhar para não nos perdemos ao longo do trajeto. Para além disso pensamos que seria necessário criar objetivos mais específicos que pudessem minimamente responder a alguns questionamentos pontuais.

Entre eles: Pesquisar documentos de Políticas Públicas e bibliografias referentes à educação dos Negros no Brasil, a partir da primeira República até os dias de hoje; Investigar ingresso, permanência e conclusão; compreender através das narrativas de História Oral de Vida destes alunos fatores que contribuíram para suas escolhas profissionais; analisar suas posições frente às ações afirmativas e suas vivências.

É com estes questionamentos que vamos iniciar a produzir conhecimento mais aprofundado sobre as cotas, as Negras e Negros que ingressaram por esse sistema, o Real Simbólico Imaginário de suas constituições psíquicas que irão estar intimamente ligados com os desafios dos cotistas dentro do ambiente universitário.

Pontos estes que estabeleceram um conhecimento inigualável. Tanto como um aprofundamento do assunto que me tira da superficialidade do debate sobre cotas. Como também me impulsionar a buscar conhecimento sobre a complexidade que os alunos Negros desta instituição estão enfrentando. Enfrentamento que perpassa por um sofrimento psíquico espelhado a todo momento por nossa sociedade fora dos muros da universidade.

Pois, a sociedade ainda não entendeu que o lugar de Negras e Negros é sim dentro da universidade. E que após essa política pública que permitiu o acesso não há mais volta para o que era antes. Pois, um rio não cruza duas vezes no mesmo lugar.

5. REFERENCIAL METODOLÓGICO

A corda bamba do tempo, varal no qual estava estendida a vida, era frágil, podendo se romper a qualquer hora. Era preciso, pois, um constante estado de alerta. (EVARISTO, 2017).

Assim, optou-se pela História Oral destes sujeitos, pois, para além da questão do Negro é preciso criar uma compreensão de como se articulam estes processos históricos para cada Negro e seus percursos dentro do ambiente universitário. Para análise de dados utilizar-se-á a análise qualitativa, pois, na perspectiva de Lüdke e André (1986) a pesquisa qualitativa permite uma maior interação entre o pesquisador e o colaborador, bem como, maior entendimento sobre o fenômeno educacional,

Cada vez mais se entende o fenômeno educacional como situado dentro de um contexto social, por sua vez inserido em uma realidade histórica, que sofre toda uma série de determinações. Um dos desafios atualmente lançados à pesquisa educacional é exatamente o de tentar captar essa realidade dinâmica e complexa do seu objeto de estudo, em sua realização histórica. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 5).

Tentaremos trazer o Negro para narrar suas experiências no âmbito acadêmico para que este faça parte de seu processo e crie um entendimento da sua importância na permanência e adaptação. Porque sabemos o quando é importante um entendimento que faça parte da sua vivência diária, e dos encontros e desencontros que irá experimentar. Dentro de um contexto de pesquisa qualitativa encontraremos a costura com a pesquisa (auto) biográfica.

Assim, o processo de pesquisa consiste em “fazer surgir” histórias de vida, biografias, autobiografias, em planos históricos ricos de significado, em que afluam, inclusive, aspectos subjetivos. Ressignificando os fatos narrados de uma memória trabalhada conscientemente e reconstruída em uma memória seletiva intencional ou não (ABRAHÃO, 2003, p. 5).

Maria Abrahão (2003), Souza (2008) destacam a Pesquisa Autobiográfica – Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memórias --- não obstante utilize-se de diversas fontes, tais como Narrativas, História Oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhecendo aí a memória. O pesquisador nesta tradição não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno de estudo podendo ocorrer uma generalização analítica.

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciavam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, sabe-se. Desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com o objetivo. (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

Souza (2008) destacará que a abordagem biográfica é pertinente, por ser considerada um meio de investigação e instrumento pedagógico. Essa dupla função justifica a utilização do domínio das ciências da educação, no âmbito do trabalho com memoriais acadêmicos de professores em processo de formação, contribuindo para apreensão de dispositivos sobre os percursos e dimensões do cotidiano escolar. As histórias de vida repousam no reconhecimento da vida como experiências formadoras, e da formação. Essa consiste em trabalhar sobre as representações que os formados, reescrevendo-as como projeto (DELORY-MOMBERGER, 2006).

Estamos trabalhando com narrativas que produziram em seu percurso interlocuções intersubjetivas:

Neste sentido, o trabalho sistemático na busca de compreensão das estruturas de significado do indivíduo, isto é, suas “teorias” acerca da realidade, e das circunstâncias que efetivamente provocam mudanças nas estruturas pessoais, decorrentes de certas vivências particulares. Essas vivências geradoras de impacto provocador de transformações são verdadeiras situações de “conversão” e podem apontar direções para estratégias favorecedoras do desenvolvimento de identidades saudáveis. (FERREIRA, 2009, p. 11).

O autor ainda ressalta a busca pela compreensão da situação humana é um exercício de coragem, pois somos transformados pelo próprio processo de realizá-la. Porém um desafio inevitável, pois compreender e existir são processos inseparáveis que vão nos constituindo (FERREIRA, 2009).

Em vista de tantos pontos nodais na questão cotas para Negros, torna-se fundamental um estudo mais pontual sobre elas, no âmbito educacional, pois, é neste contexto que são forjadas infinitas possibilidades de construtos. É, portanto, através da abordagem qualitativa que podemos sair do macro para um estudo pontual das complexidades, pois:

O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

A pesquisa com histórias de vida inscreve-se neste espaço, onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos, de suas vivências e aprendizagens. E traz a possibilidade de reconstruir sua trajetória revendo o ponto que ele elege naquele momento como importante.

Assim, Souza (2008) afirma que a escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, a falar-ouvir e ler-escrever sobre as experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. Inscrevendo-se na subjetividade e estrutura no tempo, que não é linear, mas a consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmos. Poderíamos dizer da história de vida, tal qual ela é construída na narrativa, que é a ficção verdadeira do sujeito (Passeggi, 2017; Delory-Momberger, 2006).

Esta ficção verdadeira perpassa pela construção do sujeito, que por sua vez, passa pela educação, que tem por finalidade a humanização, pois integra sempre um sentido de emancipação às suas ações. Por conseguinte, o método utilizado deverá ter como pressuposto a possibilidade de oferecer aos sujeitos da pesquisa condições formadoras e incentivadoras dessa emancipação, o que facilitará a transformação democrática das condições de vida e existência dos sujeitos (GHEDIN; FRANCO, 2008).

Sendo assim, visando à efetivação dos objetivos desta pesquisa, buscar-se-á através da História Oral reconstruir as trajetórias de vida dos alunos Negros cotistas colaboradores da pesquisa. De acordo com Thompson (1992), a História Oral “trata de vidas individuais - e todas as vidas são interessantes”. Ela é uma, “história construída em torno de pessoas. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo” (THOMPSON, 1992, p. 41-44).

Será necessário empenhar-se na reconstrução e ressignificação dos pressupostos que fundamentam a ciência clássica, pois como Ghedin e Franco (2008) relatam deveríamos transcender a esta ciência conservadora de medidas e parâmetros para começarmos a escuta de sujeitos, sendo assim:

A superação do princípio da exterioridade da realidade, incorporando a subjetividade construtora do real; não mais uma realidade composta de fatos ilhados, atômico, mas, uma concepção que incorpore a complexidade e a dialética da realidade social; a recomposição do pressuposto que a razão científica deve pautar as relações casuais, mas, considerar a multirreferencialidade das configurações que organizam o fenômeno humano; a superação da busca pela neutralidade científica, que, além de

isolar o sujeito do objeto, se abstém de envolvimento e compromisso com o social e o coletivo, tendo em vista a assunção da subjetividade como fato inerente à composição da realidade social; na incorporação do não-qualificável - incluindo aspectos qualitativos e variáveis não observáveis, mas presentes em todo o ser humano, tais como vontade, desejo, impulsos, emoções, valores suplantando associações entre verdade e comprovação empíricas; a revisão da alegação de que há apenas duas formas de conhecimento consideradas válidas: o conhecimento empírico e lógico; revisando o rigor científico e a quantificação, no reconhecimento e esclarecimento da dimensão ética da ciência, etc. (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 43-44).

Uma epistemologia da ciência contemporânea deverá levar em conta a relação entre sujeito e objeto fazendo do homem criador das condições que o criam, associando objeto a um ambiente, em um processo contínuo de “auto-eco-organização”. Agindo pela complexidade, que significa enfrentar as contradições, as incertezas, superar o conhecimento simplificador e encontrar caminhos para entender as relações entre contínuo e descontínuo, entre ordem e desordem e organização (GHEDIN; FRANCO, 2008).

Ao buscar justificar este trabalho olhamos para como Ferreira (2009) articula, pois, muitas vezes os pesquisadores são interpelados sobre o motivo de suas escolhas de linha de pesquisa e tema:

Alguns trabalhos acadêmicos visam o simples cumprimento de exigências para obtenção de título profissional ou para uma publicação, configurando-se em exercícios elegantes, metodologicamente corretos. Outros são construídos a partir de necessidades efetivas dos pesquisadores de compreender recortes de realidade em que se inserem, objetivando transformá-los em instrumento eficazes para interferência sobre essa mesma realidade. Para estes, os discursos devem partir das próprias vivências, o lugar onde a vida se dá e as quais a ciência deve servir. Com posturas éticas e políticas, pois, tenhamos consciência ou não, as ações científicas, mesmo aquelas decorrentes das denominadas “ciências puras”, além de nos constituírem como indivíduos, participam da formação da cultura em que estamos inseridos (FERREIRA, 2009, p. 15-16).

E a História Oral é um tipo de pesquisa que possibilita a apreensão, através do relato oral, de experiências de um determinado indivíduo ou grupo de pessoas. O emprego de tal metodologia permitirá captar a história de vida dos alunos cotistas, e “(...) registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não – conservado, o que desapareceria se não fosse anotado (...) o não – explícito, quem sabe mesmo o indizível” (QUEIROZ, 1991, p. 1-2).

As memórias que afloram nas narrativas orais, compreendidas enquanto redes que expressam vivências, ressignificam trajetórias, evidenciam histórias anônimas, anunciam experiências compartilhadas. Podem estar entrelaçadas na

vida do trabalho, pelas sociabilidades, pelas negociações e relações de poder muitas vezes forjadas na luta por sobrevivência e constituição de cidadania e identidades (Adinelia Souza, 2013).

Conforme Queiroz (1991), a entrevista é a “forma mais antiga e mais difundida de coleta de dados orais, nas ciências sociais” (p. 6). É um instrumento de pesquisa importante na coleta de histórias de vida, porque permite apreender informações sobre a realidade vivenciada pelo (as) mesmos (as). No caso da presente pesquisa, obter os depoimentos dos estudantes Negros sobre suas trajetórias de vida serão fatores primordiais, pois através dos depoimentos poderão ser compreendidas influências do pertencimento étnico-racial em suas trajetórias.

Buscamos a cada nova narrativa mil possibilidades dos sujeitos Negros interposto em seu real. Narrativas de sujeitos que ao longo da sua história conseguiram múltiplas maneiras de se desvencilhar das amarras do não dito, se interpondo em sua história.

6. SUJEITO NEGRO

As leituras que se fazem dele traz possibilidades em extremos: pode se ver tanto a mulher destituída, vivendo o limite do ser-que-não-pode-ser, inferiorizada, apequenada, violentada. Pode-se ver também aquela que nada, buscando formas de surfar na correnteza. A que inventa jeitos de sobrevivência, para si, para a família, para a comunidade. Pode-se ver a que é derrotada, expurgada. Mas, se prestar um pouco mais atenção, vai ver outra. Vai ver Caliban (o escravo de Shakespeare em A Tempestade) atualizado, vivo, pujante. Aquele que aprende a língua do senhor e constrói a liberdade de maldizer! (EVARISTO, 2107, p. 13).

A arte de maldizer perpassa pela arte de se ressignificar e transformar seu redor. De desfazer equívocos que foram forjados para que muitos se tornem escravos eternos. Tornando-se um Negro ou Negra que possa pisar sobre suas próprias pegadas e não nas pegadas de outros e isso perpassa pela fala, pela narrativa, pela vivência de suas ações na vida.

O Negro que a gente julga ser o Negro consciente é aquele que majoritariamente ele vai militar pela causa Negra porque ele já criou consciência da negritude dele, ele já entende porque ele provavelmente mora em bairro periférico, ele já entende porque provavelmente ele é filho de uma doméstica, enfim... de um motorista, e lê já entende porque que ele provavelmente vai ter muita dificuldade de acessar a universidade; Porque provavelmente ele vai entrar por cotas; porque que provavelmente ele fez um ensino básico dentro de uma escola pública; a isso a gente atribui toda a questão do Negro consciente. Quando ele vai entender um pouco sobre colorismo; vai entender a importância da relação afrocentrada, quando ele vai entender porque que ele precisa para além de estar em sala de aula ele precisa estar resistindo. (DZIKO, 2017).

Em uma produção de narrativa nos deparamos com um processo de criar uma conceituação e uma descrição do que é ser Negro dentro de uma instituição federal. Pois, é preciso criar limites de quem são estes Negros que estão em processo de reconhecimento de seus limites e possibilidades através de suas narrativas. Porque:

Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suporta o peso da civilização. Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. (FANON, 2008, p,33).

Estamos falando de um sujeito que a todo momento demanda do outro, mas, que deverá se responsabilizar por suas escolhas. Mesmo que sua incompletude

denuncie a falta que não poderá ser suprida, nem mesmo pela linguagem, nem mesmo pelo desejo, nem mesmo pelo sintoma. Tendo que, na suportabilidade do dia a dia produzir novas significações, para dar conta das angústias, tristezas e dores que o amedrontam a cada novo amanhecer.

As projeções de si que têm alimentado os momentos de reorientação são reexaminadas por sua significação no presente e pela colocação em perspectiva de futuro; explicitadas e questionadas na sua lógica de emergência. Essas antecipações revelam a dinâmica das formas projetivas da existencialidades. Essa trajetória põe em cena um ser-sujeito às voltas com as pessoas, com os contextos e com ele-mesmo, numa tensão permanente entre modelos possíveis de identificação com o outro (conformação) e as aspirações à diferenciação (singularização). (JOSSO, 2007, p. 420).

A trajetória destes Negros e Negras os ajudam a construir estratégias para sua permanência dentro dos ambientes e a lidar com as adversidades que o sistema impões ao longo de suas vidas e o seu fortalecimento torna-se proposição.

Então, com isso eu tenho certeza que com o fato do pai ter a graduação e ter trabalhado, isso já me ajudou bastante, mas, é aquela coisa não é que vai resolver todos os meus problemas, mas, te ajuda a te colocar e a perceber opressões, opa... aqui tão me tolhendo... ajuda também a chegar em ambientes que são dominados pela branquitude não te senti menosprezado não te senti oprimido manter a auto estima alta porque eu não me assusto com o branquedo com um bando de branco na minha, não me assusto... eles na minha volta e a mim eles não me assustam...levanta a cabeça e vamos lá... como o Fanon já diz as vezes a gente bota aquela máscara branca pra poder passar ileso por algumas situações. (ADETOKUMBO, 2017).

Em um processo de singularização perpassa pelo sujeito biográfico, que para Passeggi (2017) pode ser entendido como o ser capaz de tomar para si próprio as suas experiências como objetos de reflexão e, no ato de biografar-se, reconsiderar suas aprendizagens, posicionar-se face a elas e tomar decisões para sua vida atual e futura. Neste sentido, Delory-Momberger (2006) escreve que a história de vida, tal qual é construída na narrativa, ficção verdadeira do sujeito, história que o narrador, no momento que a enuncia, tem por verdadeira, e ele se constrói como sujeito individual e social no ato de sua enunciação é um dos espaços privilegiados de instituição do sujeito na linguagem

Ato de falar complexo, que institui o sujeito no tempo de sua enunciação, a história de vida merece plenamente o estatuto de ato performativo que os linguistas atribuem aos enunciados que efetuam a ação ao mesmo tempo em que significam. A questão do sujeito está ligada à linguagem, de modo constitutivo, na medida em que a linguagem é o espaço onde se fabrica, ao

mesmo tempo e indissociavelmente, uma 'história' e o 'sujeito' desta história. Essa figura de si-próprio que nós denominamos o sujeito não é um dado, que podemos constatar a existência e vestir o estado, mas uma construção sempre em ato, dizendo de outro modo, um conjunto dinâmico de operações, um processo. O sujeito não cessa de se instituir como sujeito, ele é objeto incessante de sua própria instituição, o eu atualizado do discurso é a forma primeira na qual se institui o sujeito: é o Eu que me inscreve ao mesmo tempo como sujeito-narrador e como sujeito ator da história, que eu conto sobre mim mesmo. Ficção necessária e sempre renovada, o sujeito é essa figura flexível e variável ao qual é dado se compreender como autor de sua história e de si próprio. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 364).

O Negro como história de si que traremos aqui será arrancado de sua terra natal e amontoado em navios negreiros, onde deixará para trás, terra, família, amigos, costumes, vivências, tradições. Terá que se ressignificar em terras distantes, buscando não enlouquecer ao longo dos meses dentro de um navio, no desembarque já tratado como objeto e da vida a que será submetido ao longo dos anos, onde poderá ser usado na lavoura, na casa grande, no pátio, na cama, no pelourinho. Dependendo do humor do sinhozinho, do feitor, da sinhá.

Leônia Teixeira e Jacqueline Moreira (2013) levantam a questão sobre alteridade e a relação eu/outro, que torna-se acontecimento radicalmente humano: experiência antropológica que se manifesta nas diferentes formas simbólicas da cultura mito, religião, moral e filosofia. A relação demarca o outro como diferente e reconhecer a diferença é tornar consciente a alteridade, que sendo diferente, simultaneamente, atrai e atemoriza, havendo sempre um esforço para traduzi-lo e explicá-lo assim, reduzindo a realidade viva e rejeitando a diferença.

O outro precisa ser decifrado, mas, não reduzido. Os relacionamentos perpassam pela modalidade mais comum: o conflito, da luta mortal, quando o eu se aproxima do outro para escravizá-lo e reduzi-lo ao papel de testemunha e de espelho, reduzindo-o ao mesmo. Ocorrendo projeções de partes desagradáveis do eu do outro e consequentemente surgindo o movimento de purificação. (MOREIRA; TEIXEIRA, 2013, p. 191).

A cada novo amanhecer irá esvanecendo o sujeito africano. Há uma tentativa constante que sua história seja apagada, esvanecida. Poderíamos trazer para discussão o apagamento de uma cultura e da história dos africanos e suas inumeráveis significações. Mas, as consequências em nossa sociedade perpassaram pelo desastroso e impactante, pois, o apagamento simbólico levará a sociedade a uma descodificação.

Ao olhar para esse contexto gostaria de aproximar de forma mais especular, pois, muitas vezes perdemos em olhares idealizados, não nos atendo a fatos históricos e pontuais que explicariam a capacidade de luta e resistência do dia a dia destes agentes históricos, pois,

Os escravos não foram vítimas nem heróis o tempo todo, se situando na sua maioria e a maior parte do tempo numa zona de indefinição entre um e outro polo. O escravo aparentemente acomodado e até submisso de um dia podia tornar-se o rebelde do dia seguinte, a depender da oportunidade e das circunstâncias. Vencido no campo de batalha, o rebelde retornava ao trabalho disciplinado dos campos de cana ou café e a partir dali forcejava os limites da escravidão em negociações sem fim, às vezes mal sucedidas. Tais negociações, por outro lado, nada tiveram a ver com a vigência de relações harmoniosas, para alguns autores até idílica, entre o escravo e senhor. Só sugerimos que, ao lado da sempre presente violência, havia um espaço social que se tecia tanto barganhas, quanto conflitos. (REIS; SILVA, 1989, p. 7).

Entre negociações e conflitos há a tentativa de apagamento do Negro africano, onde fará parte do processo de constante ressignificação de suas raízes cortadas e desqualificadas. Quando paulatinamente ele será submergido a uma cultura europeia alienada em uma “superioridade” intelectual, religiosa e social. Reis e rainhas africanas serão transformados em escravos e submetidos a ideias de superioridade europeia, a qual em pleno período de expansão marítima terá balizadores que efetivaram os discursos de dominação e submissão.

Em uma tradição plenamente oral e através de suas narrativas, os Negros submetidos à escravidão sobreviveram e paulatinamente irão se reestruturar psíquica e fisicamente. Terão ao longo dos séculos que simbolizar uma nova forma de viver, vivenciar suas vidas e sua história, através da cultura oral devido ao esvaecimento de sua cultura. Neste sentido, a tentativa de reavivar as vivências perpassa por uma diáspora Africana do século XVI, quando comunidades, povos, nações africanas foram arrancadas de seus diferentes locais, territórios e passaram a sofrer a desterritorialização seguida da territorialização, em processo secular de trocas culturais, porém guardado na memória de suas ancestralidades, linguagens, mitos, códigos culturais, valores, reinventados na América (ROCHA; SANTOS; HILLIG, 2016, p. 17-18).

A cultura de origem africana e com valores ímpares foi sistemática e paulatinamente, associada pelo europeu a qualidades negativas, já antes mesmo do “descobrimento” do Brasil e do processo de colonização. “Deve-se ter em mente que em torno do século XIV a agência legitimadora de valores e práticas humanas era a

igreja. Ainda com os olhos postos na África e nas inúmeras almas que poderia “salvar”, procurou regulamentar a ação dos cruzados e colonizadores através da bula *Romanus Pontifex*, em 8 de janeiro de 1454, pelo papa Nicolau V. [...]. Tal bula garantiria aos reis que estavam convertendo os infiéis a palavra de Deus a livre faculdade de invadir, conquistar, subjugar sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à escravidão e tudo praticar em utilidade própria e dos seus descendentes” (FERREIRA, 2009, p. 41).

O autor ainda ressalta que o Brasil, em relação a outras nações americanas, foi o país a escravizar o maior número de africanos e foi o último país do mundo cristão a abolir a escravidão, em 1888; além de criar entre 1900 e 1950 a imagem de “democracia racial”, do mundo fomentando uma aparente e harmoniosa convivência entre brancos e Negros (FERREIRA, 2009).

Para Petrolina Silva (2016) resistência e emancipação são forças que os afrodescendentes tiveram que reunir, para enfrentar não só opressões, como também caridades, apadrinhamentos, paternalismos, tanto de antigos senhores e de seus descendentes, como, ainda hoje, de pessoas que se pautam em princípios de opressão, de submissão e de desconfiança para se relacionar com Negros e Negras.

Tal Negro sempre buscou brechas no sistema e sempre reivindicou nas várias formas de negociações, e mesmo a luta dos escravos nos engenhos ou fazendas, não se esgotava na defesa de padrões materiais de vida, mas incluía, no mesmo passo, a defesa de uma vida espiritual, lúdica e autônoma. Ao lado das demandas de melhores condições de trabalho, os rebeldes exigiam [...] direitos de tocar, dançar, cantar e brincar em homenagem a seus deuses, sem intromissão da polícia (REIS; SILVA, 1989). A manutenção da saúde psíquica deles priorizava a manutenção de seus significantes, em um processo simbólico de reverenciar sua terra natal. Estamos nos referindo aos povos africanos que vieram para o Brasil desde o século XVI a XVIII transformados em escravos em solo luso-brasileiro, para atender a desejos de enriquecimento fácil das elites escravistas em meio as violências, aos tensionamentos, aos conflitos, as resistências e as negociações (ROCHA; SANTOS; HILLIG, 2016).

Terra deixada para trás, onde se inicia uma narrativa em além-mar: desprovidos de qualquer forma de defesa, pois, em sua bagagem traziam lembranças e dores, pois sua vida estava em África. Contudo o simbólico de suas

vidas já estava enraizado profundamente e o imaginário os salvariam da loucura. Assim, a cultura vinha em suas raízes mais profundas, pois,

Relembra-nos que Africanidades são heranças que os antepassados escravizados em África trouxeram em sua memória, na sua experiência de vida, nas tecnologias que haviam construído, aprendido com os velhos, lá em suas já distantes, mas nunca esquecidas comunidades africanas. Heranças essas que foram recriadas diante de novas circunstâncias que, no caso de pessoas escravizadas, não se pode dizer de vida, mas de sobrevivência. As marcas nos costumes, nos jeitos de ser, viver, pensar, conviver, trabalhar, conduzir a vida de Negras e Negros, que identificavam suas raízes no Mundo africano- África e sua diáspora (SILVA, 2016, p. 5).

Estamos falando de constantes tentativas de desconstrução talvez de um dos maiores erros do mercantilismo e capitalismo, a retirada dos africanos de sua terra natal para suprir a mão de obra dos *plantations* e séculos depois, a tentativa de apagar da história brasileira esta participação política, econômica e social. O fenótipo já estava enraizado e não se apagaria em duzentos anos, pelo contrário se tornaria motivo de lutas e resistências frente uma sociedade capitalista.

As desigualdades foram atribuídas à ordem natural, mas podemos realçar que no século XIX, com a expansão imperialista e o avanço do capitalismo, as desigualdades e as diferenças sociais acenderam em um patamar ímpar, confirmando a ideia de hierarquização. “Em 1818, a imigração suíça para o Rio de Janeiro foi considerada importante, no início do processo civilizatório e do progresso. Já em 1850, a Lei de Terras abriu espaço para a colonização estrangeira e a Lei Eusébio de Queirós proibiu o tráfico de africanos, e culminou em 1888, na abolição e, simultaneamente, no maior fluxo imigratório para o país. Para tanto, a grande intenção da elite intelectual do país era que em poucas gerações o fenótipo brasileiro estivesse diluído e evoluído. Apoiaram veementemente estas ideias intelectuais como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Afrânio Peixoto, João Batista de Lacerda, etc. Este último, utilizava-se de expressões como: “sangue misturado”, “limpar o sangue”, “melhorar o sangue”; muitos destes mitos permanecem até os dias atuais, um peso simbólico que preconiza o apagamento dos brasileiros de tez mais escura. Para Peixoto, em duzentos anos (...) terá passado inteiramente o eclipse Negro desses quatro séculos de mestiçagem” (ZANINI, 2007).

Não haveria possibilidade de em duzentos anos os Negros terem sumido ou a mestiçagem alcançado seu auge; pelo contrário, os Negros ainda preponderam

como maioria em um país onde eles desaparecem no censo. Mesmo sendo maioria com baixos recursos e baixas possibilidades de ascensão, ainda assim, permanecem na luta constante

Ainda haveria segundo Candeloni e Quadros (2013) os constructos que tiveram impacto gigantesco, os quais incidem diretamente nas gerações vindouras, pois, o Negro na sociedade, mesmo sendo liberto, será totalmente marginalizado nas políticas públicas de Estado. Temos a oposição à aquisição de terras que foram vetadas pela lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, que elevava os preços das terras e tornava sua aquisição impossível para os Negros. Iniciando o processo de privatização das mesmas.

As autores ainda ressaltam que temos a lei nº 2.040, de 1871, em que os senhores não tinham obrigações com os filhos de seus escravos, causando separações e mortes. A lei nº 3.270 de 28, de setembro de 1885, Lei do sexagenário, regulava a libertação de escravos a partir dos sessenta anos. Nesta faixa etária o escravo não teria as mesmas condições de trabalho para aquisição de recursos e para manter-se.

No Brasil Colônia e no Império, o escravo foi proibido por lei de frequentar a escola, de 1889 a 1930 aproximadamente, pois não há registros relevantes de sua participação nos bancos escolares e de sua “aceitação”; os negros só começaram a acessar os bancos escolares a partir de 1960, até os dias atuais. E mesmo que tenha acontecido sua participação em bancos escolares, ainda são poucas constatações. Em um primeiro momento aparentavam serem leis que promoveriam melhorias para os Negros, no entanto, elas dificultaram ainda mais a inserção dos Negros em uma sociedade que buscava Ordem e Progresso (CANDELONI; QUADROS; SILVA, 2013).

O século XIX no ocidente é a abolição do tráfico africano de escravos e da própria instituição da escravidão. Ao final do oitocentos, ufanismos nacionalistas, ilusões científicas e disposição autoconfiante para o imperialismo predador, por parte de vários países europeus, assentavam-se, em retrospectivas, nas representações sobre avanço da liberdade e da civilização epitomadas na superação do escravismo e de outras formas de organização social, baseada no trabalho compulsório. Ao fim da escravidão associavam-se imagens de progresso industrial e tecnológico, aperfeiçoamento de instituições financeiras, expansão de mercados, mobilidade voluntária de trabalhadores, aquisição de direitos civis e políticos, urbanização. (CHALHOUB, 2012, p. 34).

Chalhoub (2012) ressalta que devido à baixa taxa de reprodução natural da

população escrava, a expansão da cultura cafeeira no Brasil, no segundo quarto do século XIX, dependeu enormemente da importação de escravos, crescendo de maneira exponencial, desde a década de 1790, devido ao lapso da produção açucareira, no Haiti. De acordo com as estimativas, desde os meados do século XVI até 1850, chegaram no Brasil 4,8 milhões de africanos escravizados. Entre 1801 e 1825, entraram 1.012.762 africanos; de 1826 a 1850, cerca de 1.041.964 e outros 6.800 vieram após a nova lei de proibição do tráfico em 1850. Os cálculos mostram que mais de 42% das importações de africanos aconteceram na primeira metade do século XIX, a maior parte que veio, entre 1826-1850, destinaram-se ao sudeste. Com o processo pós independência e a construção do Estado Imperial, em meio ao crescimento dos cafezais no Vale do Paraíba e, a reestruturação do capitalismo, na virada do século XVIII ao século XIX. A Grã-Bretanha torna-se hegemônica na circulação de mercadorias e combativa com relação à escravidão.

Por isso, segundo Chalhoub (2012) a Inglaterra atuará diretamente sobre Portugal, depois no Brasil na tentativa de cessar o tráfico através de acordos internacionais. Em 1810, os súditos portugueses não podiam mais engajar-se no tráfico em territórios africanos, fora do seu controle; Em 1815, ficou proibido o comércio de escravizados ao norte da linha do Equador; Em 1826, em retribuição ao apoio diplomático necessário ao reconhecimento de independência, a Grã-Bretanha obteve do Brasil o compromisso de abolir o tráfico em três anos, após a ratificação do tratado. Ilegal, desde 1830, o tráfico foi proibido por lei aprovada no parlamento brasileiro em 7 de novembro de 1831. No entanto, o comércio clandestino toma proporções aterradoras nos anos seguintes, impulsionado pela demanda das fazendas de café e auxiliado pela corrupção de autoridades públicas e de diversos setores da população.

Portanto o enriquecimento e crescimento do poder político dos cafeicultores, que ostentavam prosperidade ao longo do Segundo Reinado, deu-se ao arrepio da lei, em virtude da aquisição ilegal de cativos através do contrabando e subjugação Chalhoub (2012, p. 37). Muitos defendiam que favorecer a liberdade dos escravos era atacar a propriedade; a propriedade teria sido sancionada para o bem de todos, não havendo como supor que os escravos se beneficiassem ao perder todos os seus direitos naturais tornando de pessoa a coisa, frase dos juristas (CHALHOUB, 2012, p.42). O tráfico era como caridade, pois trazer escravos da África, ajudaria para que escapassem de seus despóticos régulos e conheceriam a

luz do evangelho que os infelizes ver-se-iam livre do clima ardente e horrível do país deles, para experimentar o nosso país, dócil, fértil e ameno e por fim os criminosos e prisioneiros de guerra em vez de morrer pelos bárbaros costumes, receberiam o favor da conservação da vida, ainda que seja no cativeiro. A principal obra do tráfico era fomentar roubos, incêndios e guerras entre os selvagens de África, que morriam abafados no porão dos navios, mais apinhados do que fardos de fazendas, sem chance de ver a tal luz do evangélico e os primores da civilização (CHALHOU, 2012, p. 37-43).

A tentativa de justificar e prorrogar o máximo possível a escravidão nos leva para o terreno da perversão social, pois, pelo preço de manter uma minoria proprietária e a máquina do Estado vai haver concordância com as atrocidades e a manutenção do tráfico. Estamos nos referindo ao período dos séculos XV - XXI, pois, quando olhamos para as políticas e as manobras para a manutenção de privilégios e a estagnação de algumas áreas sociais, parece-nos que ainda estamos tentando lidar com a escravidão, mas, em tons mais suaves, frente aos boicotes.

Os afro-brasileiros foram inseridos no mundo do trabalho primeiro na condição de cativos, posteriormente como trabalhadores livres, porém em condições desiguais em relação aos brancos, após a emancipação de 1888, em meio às violências, criminalizações, discriminações e hipocrisias que não os impediram de marcar a cultura afro. No século XIX, na formação e consolidação do Estado Nacional e Escravista monárquico que preserva a escravidão alinhado com os cafeicultores, faz-se a opção pela mão de obra europeia e com isso a ideologia do “branqueamento” endossando este ideal (ROCHA; SANTOS; HILLIG, 2016). Se sonhavam com liberdade e condições dignas para viver isso ficou nos sonhos

A liberdade tão sonhada não propicia às populações Negras o acesso à terra, à moradia, à educação, enfim aos bens produzidos nesse processo histórico, para garantir uma vida digna. Em pouco tempo os escravos percebem que o sonho se transforma em pesadelo, pois sem garantias assistem, sob protesto, as elites racistas promulgarem a primeira Constituição Republicana, em 1891, que sequer reconhece a maioria da população brasileira e particularmente os afrodescendentes como cidadãos, os quais ficam impedidos à participação política devido às condições impostas, aprofundando protestos dos Negros na luta por emprego, moradia, saúde e educação. As elites econômicas do Brasil nos séculos XIX e XX defensoras da escravidão, eurocênicas, cristãs de ordem capitalista defendem que os afrodescendentes são um obstáculo para consolidação do Estado-Nação. Haverá avanços que serão barrados durante a ditadura civil militar brasileira, ao recuperar e reafirmar na ideologia de estado o “mito da democracia racial”, com fim de garantir a “ordem” e o “progresso” e perseguir os militantes Negros que denunciavam o engodo para esconder

as profundas desigualdades entre ricos e pobres (ROCHA; SANTOS; HILLIG, 2016, p, 23.).

Na tentativa de homogeneizar, ao longo dos séculos, nos levou a engodos frente a potencialidade que é o humano. Criam-se conceitos que embasaram a perspectiva seja econômica, política e social, como o mito da democracia racial inexistente, mas, muito utilizado.

As estratégias utilizadas foram incontáveis, pois assegurar a dominação, não seria possível utilizando a força bruta e o aparelho ideológico, apoiados em discursos civilizatórios. Utilizaram-se também do *indirect rule* na busca da aculturação dos povos colonizados, conservando identidades tradicionais não criando choques desnecessários que poderiam prejudicar a aculturação, frente ao modelo racista, universalista, destruidor das identidades não-ocidentais ressalta Munanga (2006).

Poderíamos comparar ao que Dany-Robert Dufour (2005) qualificará o navio como mercadoria, não importaria o antigo costume de decorar a proa dos navios com estátuas de deusas, o que importa é a mágica ligação dos marinheiros com seus barcos, com frequência comparados a uma esposa, a uma mãe, a uma amante! A partir do nome posto, em que o barco se torna “um produto como qualquer outro”, isto é, uma mercadoria que pode ser trocada em seu valor de mercadoria por outra mercadoria, ele perde o essencial de seu valor simbólico. Ele se encontra *ipso facto*, aliviado do excesso de sentido que o impedia de figurar como simples produto no ciclo neutro e expandido das trocas.

Toda figura transcendente que vinha fundar o valor doravante recusa, há apenas mercadorias que são trocadas em seu estrito valor de mercadorias. Hoje, os homens são solicitados a se livrar de todas sobrecargas simbólicas que garantiriam suas trocas. O valor simbólico assim desmantelado, em proveito do simples e neutro valor monetário da mercadoria, de tal forma que nada mais, nenhuma outra consideração (morte tradicional, transcendente, transcendental...) possa entravar sua livre circulação. Daí resulta uma dessimbolização do mundo. Os homens não devem mais entrar em acordo com os valores simbólicos transcendentais, simplesmente devem se dobrar ao jogo da circulação infinita e expandida da mercadoria (DUFOR, 2005, p. 13).

Aqui, decorrentes dessa negação que podem ser historicamente observados, pois, após tornar-se mercadoria e, portanto, objeto, além do extermínio dos afrodescendentes no Brasil Colônia, teremos o mecanismo de “branqueamento”. A elite brasileira se autoidentifica como branca. Assume características do branco

Europeu como representativas de sua superioridade étnica. Em contrapartida, o Negro é visto como o tipo étnico e culturalmente inferior. Entre essa dicotomia estabeleceu-se uma escala de valores, aqui denominado de gradiente étnico, afirma Ferreira (2009).

Há a crença de que a miscigenação traria a possibilidade de o afrodescendente tornar-se mais respeitado, que ascenderia socialmente, no entanto a ideologia do “branqueamento” possuía referências sobre a necessidade de “limpar o sangue” por meios de sucessivos casamentos entre Negros e brancos. Nesta crença se reafirma o quanto o brasileiro aceita a convivência de raças, isto é, o quanto não há preconceito no Brasil (FERREIRA, 2009). Somos todos iguais, tenho amigos Negros, tenho familiares Negros, etc. Os constructos das identidades e reconhecimentos ficam nebulosos em discursos mais nebulosos ainda.

Entendemos a existência da identidade humana, mas essa identidade é sempre diversificada, segundo os modos de existência ou de representação, as maneiras de pensar, de julgar, de sentir, próprias às comunidades culturais, de língua, de sexo, às quais pertencem os indivíduos e que são irredutíveis às outras comunidades. Vê-se que os dois princípios, isto é, o eu e o outro, o universal e o particular, a unidade e a diversidade, o *ego* e o *alter*, fazem parte da antropologia do homem na unidade e na diversidade (MUNANGA, 2006, p. 48).

Ao pensar em uma diversidade mais ampla e mais complexa nos deparamos com as limitações para lidar com o preconceito, extremamente intoxicante dentro de sistemas tão limitados como o colonial e o capitalista e devastadores de identidades. No entanto, este

Quadro preconceituoso que prejudica a formação do verdadeiro cidadão e a educação de todos os alunos, em especial os membros dos grupos étnicos, vítimas do preconceito e da discriminação racial? Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que conseqüentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira. (MUNANGA, 2005, p. 17).

Talvez neste sentido o impossível se torne possível, pois, através da transformação encontraremos Negros mais apropriados de seus discursos, metas desejos. Produzindo novos discursos sobre si e sobre os outros. Sobre sua negritude, sobre seu futuro

Eu não posso dizer que eu não sabia. Tem gente que diz que só teve noção só percebeu que era dentro da instituição eu não. Eu sabia desde que eu nasci que eu sou Negra. Talvez seja por causa da minha matiz e tal, e também sei lá meus colegas cresceram..., mas, dentro da universidade eu sou foda. Lá fora, às vezes, assim, a sensação que eu tenho é que eu sou só mais uma, sabe? Só mais uma pretinha ali e tal, mas aqui dentro e como eu vou sair daqui de dentro com a minha segunda graduação, com a minha Especialização em Gestão, depois meu mestrado e depois meu doutorado, Pós DC eu acho que faz diferença lá fora. Não para as pessoas brancas, mas, para as pessoas Negras que me veem. (ADETOKUMBO, 2017)

Estaremos a todo o momento nos colocando em tensão, proveniente do viés das transformações do ser – sujeito e conhecente do tempo de sua vida, como relembra Josso (2007), entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação à dialética da aquisição do conhecimento, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido.

7. COTAS: POSSIBILIDADES EM QUESTÃO...

A vida seguia no ritmo acelerado de seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. A noite festejada por encontros de rápidos gozos. Os amores tinham de ser breves. Cursos, estudos, somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Na sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas. -- *aprenda inglês em seis meses. Garantimos a sua aprendizagem em cento e oitenta dias.* – Nada de gastar o tempo curto e raro. É preciso correr, para chegar antes, conseguir a vaga, o lugar ao sol, pegar a fila pequena do banco, encontrar a lavanderia aberta, testemunhar a metade da missa. (EVARISTO, 2017, p. 67).

Em um ritmo frenético para alcançar um lugar ao sol entramos em uma paranoia de que alguns podem ser mais eficientes que outros, no entanto, temos a nítida sensação que algo não está correto. Algo foi escondido ou surrupiado, algo não está no seu lugar ou está fora da ordem.

Eu acho que ao ver um Negro ou uma Negra a maioria do pessoal já imagina que seja cotista. E eu sou um que reitero em todos os lugares, em todo os espaços que eu vou que: sim sou um Negro e um Negro cotista. E eu acho que existe toda uma questão em cima disso porque embora faça aí alguns anos que as ações afirmativas elas até são leis e que elas estão no Brasil e se fala nelas bem antes delas serem leis, mas tem gente que não conhece qual é a real intenção delas? Pra que que ela serve? (DZIKO, 2017).

Por acreditar que a reflexão não inicia nas cotas, mas, sim nas mudanças históricas que foram deflagradas há séculos atrás, mais precisamente no ano de 1492, com a primeira travessia de Colombo que se prolongará a era das revoluções no século XVIII e início do século XIX, este será o marco para a história da primeira globalização e sociologia de raça (DAVID ARMITAGE, 2014).

Escolhemos os séculos XV e XVI como um dos marcos desta narrativa por entender que através das grandes navegações, em seu colossal empreendimento para obtenção de mais territórios, para a exploração de ouro, especiarias, pimenta, cereais, sal, escravos etc. Elas propiciaram uma expansão de conquista e pilhagem que irá durar vários séculos e, à medida que as transações comerciais vão se ampliando e se complexificando, as demandas vão sendo atendidas e preenchidas. Entre colonizações e explorações, os impérios ibéricos irão encontrar territórios que suprimirão suas necessidades trazendo luxo e riqueza para uma Europa a pleno vapor.

Esses séculos marcaram o planeta, pois acarretaram transformações econômicas, políticas e sociais. Iniciaram-se ondas de navegações, explorações, colonizações, administrações e imaginações. Estamos nos referindo aos impérios

marítimos espanhol, português, britânicos e holandês que farão parte da diáspora africana. A história atlântica será uma zona particular de trocas e intercâmbios, circulação e transmissão. Oceanos como arenas distintas abrangendo margens e suas histórias. Histórias de pessoas que irão cruzar o oceano e transformar o comércio, comunidades, ideias, doenças, faunas e floras. (ARMITAGE 2014).

John Wood (2014) relembra que Portugal controlava o acesso a portos, rios e estuários. Desempenhavam papéis no comércio, nas migrações, nas conexões oceânicas e interoceânicas. Entre arquipélagos e grandes extensões de terras, irão empreender e dominar continentes e matérias primas como *commodities*: resinas, corantes de plantas, madeiras, trigo, cereais, uvas, vinhos, gado, ovinos, sal, grãos, algodão, açúcar, peixes, baleias, focas, linho, laranjas, algodão, cevada, olivas, trigo etc. É neste ínterim e a crescente necessidade de mão de obra para suprir as grandes plantações que as ilhas de São Tomé, Príncipe e Ano Bom irão ter devido ao declínio de seu comércio, suprir os navios negreiros buscando escravos ao longo da costa da Baixa Guiné até Angola, além de marfim e ébano.

Do comércio advém as leis que delimitaram qualquer possibilidade do Negro escravo ascender, seja ela intelectual, subjetiva ou financeiramente. Desapropriado de bens de produção e de qualquer capital que poderia proporcionar o mínimo de subsistência, estando à deriva das calamidades da escravidão e tornando-se à margem de um sistema extremamente perverso, tendo como catalisador a sua força de trabalho, retirada em momentos decisivos para a história para evitar subversões, algumas indagações são necessárias.

Ninguém perdeu seu orgulho e sua dignidade ao reivindicar uma política numa sociedade que, por mais de 400 anos, atrasou seu desenvolvimento e prejudicou o exercício de sua plena cidadania, em uma oportunidade de receber e acumular conhecimento científico que os acompanhará no seu caminho de luta. Apesar do preconceito, se ampliaram as possibilidades de criar mecanismos de proteção e abriram-se algumas portas pelo seu conhecimento adquirido e restabeleceram sua autoestima (MUNANGA, 2006).

É por isso que eu digo que é difícil porque existe uma cobrança que não é nossa é uma cobrança que colocam em mim que eu não tenho que responder. Não foi um privilégio entrar por cota. Então, esta questão pra mim é bastante difícil. Até mesmo se tu tiver que sustentar porque de cotas não ser um privilégio pra ti já é um pouco problemático porque eu vou falar das minhas dores, vou falar de dores de pessoas que não conseguiram

entrar aqui, tô falando de dores de pessoas que lutaram para que hoje eu estivesse aqui (DZIKO, 2017).

Abrir esta discussão é relevante, por séculos de silenciamento em nossa sociedade e que o meio acadêmico reproduziu estes estereótipos racistas. Tomar posição se faz necessário, para tentar reverter este quadro e produzir bases universitárias, livre de práticas preconceituosas (CARVALHO, 2006).

A gente vive tá aí a escola com todos os problemas que a gente tem, acho que tá mais aberto pro Negro periférico, a universidade, então muitas vezes a pessoa nem entra na universidade porque não quer e quando entra e se depara com todo aquele aparato para fazer ela largar aí é difícil, porque além de tu ter os problemas da faculdade, tu tem problema em casa, tu tem que trabalhar, tu tem que pensar no amanhã, tem um monte de coisa... e muitas vezes tu não tem estabilidade em casa e tem gente precisando de ti em casa, então é difícil cara!!! É difícil!!! Não é à toa... (ADETOKUMBO, 2017).

Lutar, reivindicar, estranhar, proporcionar entendimento nos trará a possibilidade de um entendimento mais ampliado tanto para o contexto como também nas atitudes frente as políticas implementadas e discutidas por tantos autores. Pois entendemos que só ampliando conhecimento alcançaremos outros espaços e outras políticas.

Ser Negro cotista na UFSM... é!!! É um desafio. Primeiro de tudo: é um desafio. Segundo lugar: um campo minado. Tem que saber onde tu tá pisando. Muitas vezes o branco tá ali... bah que legal[pausa], mas [pausa]. é um campo minado[pausa] ser cotista na universidade é um campo minado. E talvez eu sofra um pouco menos por ser um homem mais velho, um homem vivido, então acho que muitas vezes certos comentários não chegam a mim... sabe? Tem que saber te colocar. Tem que entender que tu faz parte de um... ser cotista tu querendo ou não tu faz parte de um projeto político. Pode não concordar com ele, mas, tá fazendo parte de um projeto político. (ADETOKUMBO, 2017).

As políticas de Ações Afirmativas são muito recentes na história da ideologia antirracista. Nos países onde já foram implantadas (Estados Unidos (década de 60), Inglaterra, Canadá, Índia, Alemanha, Austrália, Nova Zelândia e Malásia, entre outros) elas vieram oferecer aos grupos discriminados e excluídos um tratamento, para compensar as desvantagens devido ao racismo e outras formas de discriminações. Daí a terminologia *Equal opportunity policies*, Ações Afirmativas, ações positivas, discriminação positiva ou políticas compensatórias. Na tentativa de trazer os afrodescendentes para dentro da dinâmica da mobilidade social dos

americanos na década de sessenta (MUNANGA, 2006). Estas possibilidades viabilizadas irão eclodir no Brasil.

O ingresso pelas cotas para Negras e Negros perpassa por uma construção pessoal de entendimento sobre sua vida, sua cultura, sua história. Superando preconceitos e estereótipos sociais:

Um amigo meu perguntou: porque tu escolheu ser cotista? Por que tu foi lá e colocou cotista quando fez vestibular? Porque na época eu sentia como obrigação minha entrar como cotista. Pra mim entrar lá, ter boas notas, boa qualificação pra depois consta lá nos números, lá nas estatísticas, mais um Negro cotista com nota boa. Pra mostrar que isso tinha que tem sido feito mesmo. Cotas tinha que tá aí. Tinha que ser uma política. Uma coisa bem política minha entrar por cotas. Não foi nem num momento de autoafirmação de negritude, entendeu...? foi mais a questão política mesmo, vou lá, vou fazer bem, vou tirar boas notas, vou estudar, me formar e pra entrar pra as estatísticas. Um Negro cotista que tem notas boas e superou a ideia que não... esses Negros vão entrar ai só pra tirar nota ruim e depois desistir (ADETOKUMBO, 2017).

Munanga (2003) ainda ressalta que para o IBGE e o IPEA, não há dúvidas sobre a gravidade brasileira, da exclusão do Negro, e que no cruzamento sistemático entre pertença racial e os indicadores econômicos de renda, emprego, escolaridade, classe social, idade, situação familiar e região a condição racial constitui um fator de privilégio para brancos e de exclusão e desvantagens para os não brancos.

Verifica-se, ainda, que a grande maioria dos alunos (77,9%) é de cor branca, não trabalha (81,1%) e o número de pessoas na família de 48,5% dos estudantes é de 4 a 6 e de 33,8 é de 2 a 4 pessoas. Em relação a frequência em espaços culturais, 76,9% indicam frequência semanal na biblioteca; em relação ao teatro, no entanto, 29,3% indicaram que não o frequentam, 31,4% tem frequência semestral, 22% frequenta anual e no cinema a frequência é de 55,4% mensal e 21,8% semanal. Quanto ao uso de internet, 99% afirmam que utilizam, com 67,7% acessando diariamente. A relação entre desigualdade social e o acesso à educação superior pode ser visualizado segundo faixa salarial da família, profissão e escolaridade dos pais, origem geográfica e o tipo de instituição, ter cursado ou não o ensino fundamental e médio (BONETI; GISI, 2007, p. 81).

Temos uma trajetória de implementação gradativa e tendenciosa, pois muitas universidades ao não aderirem de imediato à Lei de Cotas produziram mecanismos para sua não implementação. Houve resistência para abrir novas formas de ingresso para segmentos oriundos de outros grupos étnicos. Sabemos que as implementações com a lei 12.711 dão as instituições a possibilidade de se

adaptarem com um prazo mais maleável. No entanto, acreditamos que a protelação dará margens para equívocos e disseções. Mas, contamos com

Um total de 94 universidades públicas (estaduais e federais) brasileiras, 65, ou 70% do total de universidades públicas, possuem no curso vestibular algum tipo de acesso diferenciado para candidatos às vagas dos cursos de graduação. Sendo que no Nordeste temos 21, Sudeste 17, Sul 14 (uma delas a UFSM), Norte e Centro-oeste 6. Entretanto, proporcionalmente, a região sul (79%) é a mais representativa, seguida das regiões centro-oeste, com percentual de (75%), do Sudeste (65%) e do Norte (46%). Há uma proporção um pouco maior de universidades estaduais com as políticas de ações afirmativas de (84%) e as federais com (59%) (MACHADO; SILVA, 2010, p. 27).

Neste sentido, adoção e implementação da Lei 12.711 conduz para uma ampliação e aprimoramento dentro do sistema universitário. Onde poderemos pensar em uma possível equidade futura para alunos de etnias e grupos diferentes embasados na Constituição Federal de 1988, em art. 5º, caput, estabelece:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e a propriedade [...] incisos I, II, III, IV, VI, IX, X (BRASIL, 2010,).

As tentativas de garantir e ampliar as regulamentações e direitos para a população em sua maioria ultrapassam as atividades cotidianas e vão para o embate dentro das universidades e os movimentos sociais, agora lutando por direitos garantidos em lei, ampliados em lutas.

“Ser Negro é nascer lutando. É nascer lutando. Tu já nasce com duas espadas de São Jorge nas mãos” (ADETOKUMBO, 2017).

Delcele Queiroz e Jocélio Santos (2006) relatam que os esforços para a implementação surgiram primeiro na Universidade de Brasília (UnB), em 1999 quando foram apresentadas ao Conselho de Ensino e Pesquisa (CEPE), pelos professores José Jorge Carvalho e Rita Laura Segato. Em 2001, duas universidades já haviam adotado o sistema de cotas, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Em 2002, foi entregue a proposta de inclusão à Reitoria da UFBA, onde houve debates calorosos sobre o tema.

Também, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) iniciam-se as discussões sobre a implantação do sistema de cotas para ingresso de estudantes.

Na UFSM as discussões sobre adoção de cotas para acesso no Ensino Superior iniciaram no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB, coordenado pela professora Carmen Deleacil Ribeiro Nassar que no ano de 2003 realizou o I Seminário Internacional Negritude na Escola, congregando comunidade acadêmica e movimento social Negro. Nesse evento foram lançadas as sementes que levaram o Magnífico Reitor Clovis Silva Lima, em março de 2006, solicitar prioridade para o tema e encarregar o Pró-Reitor de Graduação, Professor Dr. Jorge Luís Cunha, para concretizar uma proposta de acesso através de cotas, que mais tarde seria denominada “Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social”, que definiu o prazo de 10 anos para adoção de cotas para afro-brasileiros, pessoas com necessidades especiais, alunos de escolas públicas e indígenas. O Programa foi implantado pela Resolução 011/07 e o vestibular de 2008, passou a destinar 15% das vagas para candidatos afro-brasileiros, denominados de Cota A; 5% de vagas para candidatos portadores de necessidades especiais (Cota B); 20% das vagas para alunos de escolas públicas (Cota C), e uma suplementação de 5 vagas para indígenas (cota D). O processo seletivo desse ano aconteceu sem a diferenciação do ponto de corte para candidatos cotistas, mesmo assim 64 alunos se classificaram na Cota A. No ano seguinte, a COPERVES se ajustou, oferecendo vestibular com ponto de corte diferenciado aos cotistas, com ingresso de 271 estudantes autodeclarados Negros (DUTRA; QUADROS, 2015, p. 5-10).

Contudo foi em 2012, que a Dilma Rousseff sancionou a Lei 12.71 ou a Lei de Cotas, da qual destaco alguns artigos:

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE.

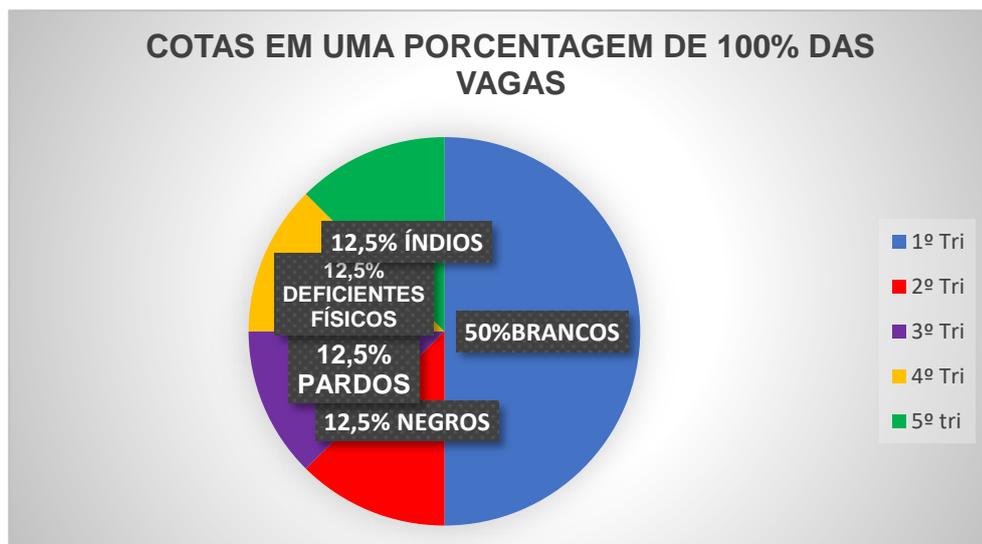
Art. 7º No prazo de dez anos a contar da data de publicação desta Lei, será promovida a revisão do programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos e indígenas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. (BRASIL, 2012, p, 1)

No esquema abaixo, podemos observar a dimensão do que está sendo oferecido aos grupos inseridos na política de cotas. Torna-se de extrema

importância a reflexão sobre este ponto para o entendimento e um contraponto ao discurso meritocrático por parte de alguns grupos contrários. Consideramos que em 1º lugar, as cotas têm caráter social, destinando vagas para alunos de escolas públicas e pobres, para só depois levar em conta os quesitos cor e deficiência.

A Lei de Cotas 12.711/2012 garante 50% de vagas das Instituições Federais de Ensino Superior e dos Institutos Federais para alunos que cursaram o Ensino Médio em escolas públicas (EP), as demais vagas são para estudantes que estudaram em escolas particulares, na chamada modalidade universal. Dos 50% destinados a alunos oriundos de EP, a metade é para alunos cuja renda familiar per capita for igual ou inferior a 1,5 salários mínimos, é o que chamamos de cota social; os outros 50% serão destinados a alunos cuja renda familiar per capita for maior que 1,5 salários mínimos, até porque sempre se pensou no Brasil que a exclusão estava ligada somente à baixa renda. Dos 50% de vagas destinadas à cota social, haverá reserva de vagas para estudantes pretos, pardos e indígenas (PPI – cotas étnico-raciais e para pessoas com deficiência, conforme o percentual populacional local desses grupos).⁵ A UFSM fixou 50% de vagas para estudantes PPI.

Para os alunos não há dúvidas. Há expectativas de permanência e conclusão na tentativa de buscar algo que ainda não existe em nossa sociedade equidade educacional, social e econômica. E o engajamento já está se articulando:



⁵ Fonte do gráfico organizado pela autora.

Para melhor compreensão sugerimos observar o gráfico sobre o Sistema de Cotas no seguinte endereço eletrônico: <http://portal.mec.gov.br/cotas/sobre-sistema.html>.

O gráfico nos levará para o artigo 3º da lei 12.711 estabelece que as vagas deverão ser preenchidas por pessoas autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e pessoas com deficiência física. Assim, os Negros estariam concorrendo por 12,5% das vagas se contarmos só com os de matiz mais escuras e 25% das vagas se considerarmos matiz Negra e matizes variáveis.

Em virtude de seus traços fenotípicos, o sujeito pardo, poderá transitar socialmente como branco. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE de 2014, 53,6% da população brasileira se autodeclara Negra e 45,5%, branca. Entre a população Negra, 45% se autodeclara parda e 8,6%, preta⁶.

Em 2010, segundo o IBGE, 43,1% da população autodeclararam-se parda e 7,6%, preta. No Nordeste os números chegam a 66,9% para pardos e 9,5% para pretos, assim, poderíamos dizer que possuímos no país uma maioria parda e branca que teria um percentual mais elevado de vagas e o restante seriam disponibilizadas para o restante da população.

Dentro deste caleidoscópio de matizes indagamos o que há por baixo de disputas por um percentual de 12,5% ou 25% de vagas considerando as que se direcionaria para os Negros de qualquer matiz. A intenção de abrir discussões sobre efetivos problemas para pensar uma universidade para todos e possibilitar ingresso efetivo para a sociedade em geral e não mais para uma pequena minoria.

O fundamental é constatar a existência de uma situação desigual (provocada pela opressão) e combinada (marcada pela exploração de classe) entre os trabalhadores e trabalhadoras brancos e Negros. Para esses as privações e sofrimentos manifestam-se cotidianamente em uma forma brutal e perversa: desempregos, terceirizações, falta de acesso a saúde, a educação, a transporte, e a moradia, etc. (WILSON DA SILVA, 2016).

Não podemos deixar de lembrar que a maioria Negra encontra-se abaixo da linha da pobreza e fora dos bancos universitários. Por outro lado, a resistência para adoção das cotas nos leva a perguntar o que está realmente em jogo? Há igualdade de oportunidade ao acesso aos níveis de ensino superior?

⁶ Fonte: Censo IBGE/2014.

Eu sou Negro!!! Depois de ter acesso à universidade e toda essa, todo o acesso à informação que eu tive, só aqui. Mudou dizer sou Negro. Mudou muito. Deixou aquele simplesmente falar, como eu falava antes e tem todo um peso hoje. Dizer eu sou Negro. E o que existe em especial nisso é eu reconhecer que a minha mãe embora não tenha tido acesso a toda essa informação que eu tenho ela nunca me escondeu minha negritude. Nem das minhas irmãs, nem dela mesma. Ela sempre nos disse vocês são Negros e os espaços pra vocês vão ser mais difíceis, vocês vão ter que lutar muito, mas vocês vão conseguir. Isso é muito especial. Eu vou levar pra mim pra sempre. (DZIKO, 2017).

Gostaríamos de ressaltar ainda que assumir-se Negro(a) significa um reposicionamento radical diante da sociedade, pois, rompe com o “ideal de branquitude” criado pelas ideologias racistas e tido como padrão de beleza, superioridade, sucesso, civilidade, honestidade, etc (SILVA, 2016).

Munanga (2006) nos lembra que há estratégias de silêncios mesclados com “desinformação” por parte dos órgãos governamentais. Além de não se precisar da pena destas entidades, mas, sim de políticas públicas que abranjam mais de 70 milhões de brasileiros de ascendência africana. Eliminando a estratégia perversa do mito da democracia racial do inconsciente coletivo e promovendo a equidade de oportunidade para 2% da população Negra.

Jessé Souza (2015) relata que é isso que faz com que o mundo social seja sistematicamente distorcido e falseado porque todos os privilégios e interesses que estão ganhando dependem do sucesso da distorção e do falseamento social para continuar a reprodução infinita dos privilégios injustos que dependem de um convencimento e não de violência física, mas, sim de uma violência simbólica. Os privilegiados são donos dos jornais, das editoras, das universidades, das TVs, dos tribunais e dos partidos políticos. A dominação dessas estruturas proporciona a monopolização de recursos naturais, exploração do trabalho, taxas de lucros, juros, renda da terra, aluguel.

Indivíduos e classes sociais inteiras têm que, efetivamente, ser feitos de “tolos” para que a reprodução de privilégios tão flagrantemente injustos seja eternizada. Daí ser fundamental compreender como intelectuais e especialistas distorcem o mundo para tornar todo tipo de privilégios injustos em privilégio merecido ou, na maior parte dos casos, privilégio invisível enquanto tal. Os poucos que controlam tudo precisam desses intelectuais e especialistas do mesmo modo que os coronéis de antigamente necessitavam de seu pequeno exército de cangaceiros. Eles são seu “exército de violência simbólica” assim como os coronéis do passado possuíam seu “exército de violência física”. (SOUZA, 2016, p. 11).

Em uma sociedade de méritos encontramos obstáculos que perpassam a realidade para estar intrinsecamente ligado a violências simbólicas onde a posição intelectual torna-se moeda de troca e não processo de construção de novas formas de pensar e ressignificar o mundo onde vivemos.

A universidade por sua vez parece estar como Kafka (1883-1924) já relatava em ***Um relatório para uma academia*** onde acompanhando alguns trechos por pessoas excelentes, concelhos, aplauso e música orquestral, mas no fundo sozinho, pois, para insistir na imagem, todo o acompanhamento se mantinha bem recuado diante da barreira. E a universidade?

Acho que sempre estive doente. Pensar em uma melhora em longo prazo é bem possível. Pelo menos minimizar. Acredito na universidade. Eu realmente acredito. Porque eu acho que a gente dentro da academia consegui entender que é a educação é um dos fatores principais para a gente mudar toda esta estrutura a gente vai conseguir a partir daqui, além de mudar aqui mudar lá na educação básica talvez seja o principal. Porque os professores vão sair daqui os educadores saíram daqui, então eu acho que esta consciência precisa ser criada aqui e no possível mudada aqui para que a gente ir mais pra fora no âmbito de executar em si. Eu acho que sim isso pode mudar. Eu boto muita fé. (DZIKO, 2017).

Este tema de muita importância em nossos diálogos dentro do **Povo de Clio** se torna mais do que uma parcela de vagas disponibilizadas para alunos autodeclarados pardos, pretos e indígenas, porque estamos lidando aqui com a maior possibilidade de produzir uma equidade social que há séculos não era vista. Talvez, digo talvez, algo igual deva ter acontecido no ano de 1888 com o fim da escravidão, no entanto, falhou dentro do sistema que permaneceu escravocrata.

Trazemos à tona a proposição de pensar historicamente estas construções e reconstruir, partes que foram apagadas, deixando muitos aliados socialmente. Concordamos com Nilma Gomes (2005) quando ressalta

Porém, antes de pensarmos em quais estratégias poderemos adotar, é importante que estejamos atentos ao seguinte ponto: se todos nós estamos de acordo com a necessidade de se desenvolver estratégias de combate ao racismo na escola (que é o objetivo desse livro), concordamos com o fato de que o racismo existe na sociedade brasileira. E mais, concordamos que racismo está presente na escola brasileira. Esse é um ponto importante, porque rompe com a hipocrisia da nossa sociedade diante da situação da população Negra e mestiça desse país e exige um posicionamento dos (as) educadores(as). Essa constatação também contribui para desmascarar a ambigüidade do racismo brasileiro que se manifesta através do histórico movimento de afirmação/negação. No Brasil, o racismo ainda é insistentemente negado no discurso do brasileiro, mas se mantém presente nos sistemas de valores que regem o comportamento da nossa sociedade,

expressando-se através das mais diversas práticas sociais (GOMES, 2005, p. 149).

Temos um racismo mascarado sob a democracia racial onde inventou-se a ideia de que a mestiçagem é, simultaneamente, um sintoma de que praticamente não existe racismo em nossa sociedade e, portanto, existiria mais possibilidades de circulação social. Impedindo que se perceba a relação entre a farsa do “racismo cordial” em uma opressão mascarada e classificada por tom de pele um forte aliado, além das ideologias que ajudam a sustentar o sistema capitalista. (SILVA, 2016).

Assim, entrar para a universidade, sobretudo a pública, não se reduz a uma questão de mérito como já salientamos anteriormente, mas que, no entanto, está muito mais para uma reabertura da discussão que perpassa pela indagação histórica de critério de mérito, critério do direito e critério do público.

É uma questão de direito. O fato de termos um maior acesso à universidade de alunos Negros, pobres e oriundos de escola pública não quer dizer que teremos uma universidade de baixa qualidade e alunos com menor mérito, mesmo porque, como sabemos, o mérito é uma construção social e acadêmica. O discurso do mérito acadêmico, do modo como tem sido formulado por alguns, como algo isento e objetivo, distancia-nos do debate sobre o direito à educação para todos os segmentos sociais e étnico-raciais. Mais que isso, pode reduzir uma questão tão séria como a democratização do acesso à ideia de capacidade inata de capacidade intelectual (GOMES, 2006, p. 41).

A autora ressalta que vivemos em um país com um histórico de intensa desigualdade social e racial, e as ações afirmativas tornam-se o cerne da luta pela construção da igualdade de oportunidades como uma forma de concretização de igualdade formal, inscrita na lei. Aproximando a universidade das lutas dos movimentos sociais e da comunidade Negra a qual tem sido privada do direito à educação superior (GOMES, 2006).

Cota pra mim é o mínimo, ela é sim uma maneira de tentar reverter aquela dívida histórica. Eu acredito que a gente precisa de muito mais que as cotas, pra além das cotas... concursos públicos, pra além das cotas na universidade, para além das cotas na pós, a gente precisa muito mais, a gente precisa tomar consciência porquê das cotas, né. E além de tomar consciência a gente precisa incentivar que as pessoas tomem consciência e saibam o porquê das cotas e sobretudo para as pessoas Negras para que elas consigam entender e quando tu for falar de cotas que tu não fale somente de cotas, nossa... romantizando. (DZIKO, 2017).

É neste sentido, e neste sistema que mudou sua fachada, mas não sua estrutura e discurso que as cotas podem ser equiparadas a novas brechas no

sistema. Brechas estas que perpassam por um não saber, pois poderão *a priori* produzir sujeitos inquietantes sobre suas vivências e saberes.

Uma destas inúmeras inquietações torna o ingresso e a luta por lugares nunca antes imaginados. Ingressos possibilitados pelas ações afirmativas e, portanto, as cotas e as possibilidades de criar uma diversidade étnica neste ambiente. Além de pensar ingresso, permanência e conclusão e suas devidas condições, agora não mais nos cursos noturnos, mas também nos diurnos, mas, em todas as graduações e pós-graduações nas universidades.

Eu entendia mais a parte ideológica, a política depois que eu entrei lá que eu fui ver que o buraco era bem mais em baixo. Opa!! Mas, quando eu fui fazer vestibular lá era mais ideológico, mais de militância em periferia, a ideia que tem que ter cota, vamos lá Negra, vamos se organizar, é nos por nós. (ADETOKUMBO, 2017).

As ações afirmativas trazem em sua bagagem discussões, entre elas a queda da qualidade do ensino superior devido a defasagem dos alunos advindo de uma educação pública problemática (escolas básicas e secundárias), em detrimento de alunos provindo de escolas particulares e cursinhos pré-vestibulares muito mais preparados para o mundo acadêmico, como também que o problema deveria ter sido corrigido no ensino fundamental e médio, onde os alunos seriam “capacitados” para o meio acadêmico. Já existe estudos que desmentem estas falácias espalhadas pelas pessoas que são contra as cotas, e que produzem novas formas de olhar para a crescente adesão de Negros nos ambientes universitário, mesmo, que ainda tenhamos que repensar permanência e conclusão, devido as dificuldades internas encontradas.

As cotas funcionam, funcionaram e estão funcionando porque eu acho que tem muita crítica dos conservadores, muitos brancos dizendo que as cotas provocaram divisão racial. Eu particularmente sempre quis essa divisão porque pra mim uma das coisas que são difíceis do racismo e que o racismo brasileiro é pior porque ele é esse racismo velado, um racismo que tá nos cantinhos, um racismo que está nas pequenas coisas que muitas vezes tu não percebes. Uma das coisas boas das cotas foi levar pra o espaço público a discussão do racismo. Uma das tantas coisas... mas, uma das coisas que me vem à cabeça agora é abrir a discussão é provocar cisão, é provocar atrito mesmo, fazer os brancos saírem do estado de conforto deles tanto os brancos que apoiam as cotas quanto os brancos que são contra as cotas. Fazer discutir. Fazer sentir dor. Fazer a cabecinha suar um pouco. Pensar opa!!! O que que é isso? Por que que está acontecendo isso? Sou racista ou não sou racista? Aquele fulano é racista? O professor é racista? É ou, não é? A estrutura é racista? É ou, não é? Mesmo que a criatura pense e depois chegue a conclusão que não é. Mas, pelo menos pensou, pelo menos provocou debate, pelo menos trouxe isso. Pra mim é uma das melhores coisas. Outra coisa as cotas trouxeram a perspectiva de

universidade pra família Negra pra família de periferia. Então, a gente vai ter uma geração agora que já vai passar pros filhos uma outra ideia de universidade. (ADETOKUMBO, 2017).

Queiroz e Santos (2006) já relatavam que os argumentos contrários orbitavam em torno do futuro do país em se tornar uma sociedade racializada como o EUA ou África do Sul; as dificuldades que os estudantes cotistas enfrentariam nos cursos, um reforço da ideologia da mestiçagem em contraponto a raças; a qualidade do ensino na universidade, por consequência a manutenção do mérito. Seriam estes argumentos analíticos? Ou meramente a defesa de privilégios?

Para responder tais questões, Queiroz e Santos (2006) trazem dados sobre os dois primeiros anos com cotas e o impacto do sistema na Universidade Federal da Bahia onde

Comparando os dois vestibulares anteriores (2003 e 2004) ao sistema de cotas, com o primeiro vestibular com o novo sistema (2005), verifica-se que houve uma elevação no ponto de corte, nas duas fases. No vestibular seguinte, em 2006, embora volte a ocorrer um decréscimo, o ponto de corte permaneceu elevado comparando com 2003 e 2006. Está-se falando de (4.970,3 / 5.009,3) este dado indica variação no ponto de corte não foi única e exclusiva decorrente do novo sistema implantado. [...] houve aumento da participação de alunos oriundos de escolas públicas, que estiveram, historicamente, excluídos desse espaço. A participação era de 27% em cursos como Medicina, Arquitetura e urbanismo, Direito, Comunicação, Odontologia, Ciências da computação, Engenharia civil e elétrica crescendo consideravelmente para 43%. A participação destes alunos passou de 38% para 51% na UFBA, mantendo-se ao longo dos anos em um nível acima do pretendido. Estes dados demonstram o quanto são infundados os temores daqueles que viam na adoção do sistema de reserva de vagas o risco da desqualificação do ensino universitário. [...] os estudantes que ingressaram em 2006 a principal razão que move estes estudantes pretos é o aumento de conhecimento, cultural geral e consciência crítica. Para pardos e brancos seria a formação profissional e uma futura colocação no mercado de trabalho. (QUEIROZ; SANTOS, 2006, p. 727).

Para muitos Negros a possibilidade de ampliar a expectativa de compreensão da realidade e sua situação social lhe projeta para dentro do ambiente universitário, campo de batalha e luta para ingresso permanência e conclusão. As disposições são na tentativa de permanecer e ir mais longe, pois os desempenhos deixam claro que após a entrada, os esforços se equivalem ou aumentam.

Enquanto meus colegas branquinhos do centenário estavam fazendo pré-vestibular, e coisa, que já tinha na época, ou já tavão tudo voltados, e eu me lembro que eu escutava isso no colégio, que o colégio era a educação voltada para o vestibular, mas, aquilo não aparecia pra mim... sabe? Talvez por uma cultura das famílias Negras de botar os filhos pro trabalho. Estudar o c...[expressão de baixo calão], estudar é coisa de branco, estudar é coisa de privilegiado, vai trabalhar e ajudar a tua família. Depois..., estudar é

sonho... entendeu? Acho que isso também foi bom as cotas não como..., porque ela é uma política pública, ela tem todo um processos institucionais, que vão te fazer entrar na universidade, mas eu acho que o fato dela existir, o fato de ter discussão sobre cotas, o fato de ter trazido pro geral da população brasileira, a ideia, a discussão: O lugar de Negro é na universidade também? Eu acho que isso vai ser bom pras próximas famílias Negras, pras próximas gerações de Negros que já vão, talvez enxergar a universidade não como uma coisa longe... sabe? Que vão enxergar a universidade com, não, tá ali... (ADETOKUMBO, 2017).

Alguns Negros e Negras estão experienciado o que é estar na universidade. O que é estar em um lugar que poderá proporcionar outras formas de olhar a vida e o mundo? O que é estar exposto diretamente a pensamentos e atitudes racistas e conservadoras? Pois, muitas vezes a universidade nada mais é do que a exposição destes Negros e Negras a pensamentos de ideais e comportamentos de nossa sociedade.

Pensar um sistema conservador e racista nos corredores nos centros da universidade a produzir olhares e não ditos a todo momento impregnados de não-ditos. Retificam que os Negros não estão no lugar certo. Os lugares dos Negros e Negras são no mercado de trabalho ou nos subempregos. As cotas modificam

As cotas pra mim foi o que me deu acesso à universidade. Certamente é o que vai dar acesso a minha irmã e vai dar acesso a uma galera e vai nos ajudar a reiterar que segue e principalmente de que quando a gente entre aqui pelas cotas a gente vai passar semestre por semestre, cadeira por cadeira, com a mesma nota mínima exigida do nosso colega que entrou sem cota. A gente vai ter a mesma colação de grau. A gente vai ter o mesmo certificado. E tudo vai ser igual. Tudo. Tudo. A diferença é que a gente entrou aqui por um sistema que tentava rever toda aquela dívida que sempre nos excluiu daqui. Essa é a minha visão e sempre em todos os espaços que eu ocupo eu levo isso porque pra mim essa é a verdade. E continua excluindo. Continua excluindo. (DZIKO, 2017).

Mesmo que sejam comprovados em dados que os espaços são de todos, Queiroz e Santos (2006) ressaltam que na tentativa de dissipar expectativas pessimistas a respeito dos estudantes dentro deste processo, mostrando que a distância entre as médias de desempenho dos dois grupos é pouco significativa, pois na maioria dos cursos considerados de elevado reconhecimento social, as diferenças não chegam a um ponto ficando (1,7) para Engenharia Elétrica e (1,4) para Engenharia Mecânica.

Estamos falando da possibilidade de uma construção de equidade das bases materiais dentro de um processo histórico de desigualdades de direitos adquiridos, porque acreditamos que só com a possibilidade de equilibrar as possibilidades de

acesso à universidade, estudantes Negros estarão prontos para disputar e lutar por melhores condições de vida.

Se eu for pensar no sentido mais político das ações afirmativas, das cotas eu que ando um pouco pessimista, assim pra mim foi muito no sentido político de fantasiar e de esconder, né... porque tu dá acesso a essa galera, mas, tu não pensou muito na permanência dela... e tá pensando na permanência agora porque quem entrou tá dizendo que quer permanecer. No meio de sancionar uma lei e aprovar e colocar ela como obrigatoriedade dentro das universidades. (ADETOKUMBO, 2017).

Os Negros e Negras estão pensando em permanência, em efetivamente ocuparem seus espaços e usufruir de todos o conhecimento que a academia pode proporcionar para que as desigualdades diminuam.

Essa universidade utilizada há décadas por uma minoria branca, que busca sua permanência exclusiva no poder, criou mecanismos que desmantelam o Negro de ascender econômica, política e socialmente ao longo dos séculos, embasada em discursos de meritocracia e capacidades econômicas e intelectuais (discursos há muito utilizados). Assim, entendemos que tais diferenças são constructos sociais, históricos, econômicos e políticos obsoletos, que devem ser derrubados e aniquilados, para que todos possam ter oportunidades de acesso. Oportunidade que já foi criada com a política de cotas e já traz resultados relevantes.

Ressaltamos como pano de fundo o esforço do deputado Abdias do Nascimento pela aprovação do primeiro projeto de Lei nº 1.332 de 1983 propondo ações afirmativas para a população Negra, o que demonstra a preocupação de atingir uma parcela importante da população que estava a margem e que precisava, como diria Reis e Silva (19) de uma brecha e aqui está

Esses números vão ao encontro de um processo que se iniciou há 11 anos, com a pioneira política de cotas raciais da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). De acordo com dados do MEC, em 1997 o percentual de jovens pretos, entre 18 e 24 anos, que cursavam ou haviam concluído o ensino superior era de 1,8%; o de pardos, 2,2%. Em 2013, após diversas instituições terem seguido o exemplo da Uerj, esses percentuais já haviam subido para 8,8% e 11%, respectivamente. Números divulgados pelo Ministério da Educação mostram que os objetivos estão sendo atingidos antes do previsto. Em 2013, o percentual de vagas para cotistas foi de 33%, índice que aumentou para 40% em 2014. A quantidade de jovens Negros que ingressam no ensino superior também cresceu em proporção semelhante: em 2013 foram 50.937 preenchidas por Negros, e em 2014, 60.731. Atualmente, entre universidades federais e institutos federais, 128 instituições já adotam a lei de cotas. Dados do MEC referentes a 2014 informam que os Negros são maioria nos financiamentos do Fies (50,07%) e nas bolsas do Prouni (52,10%) (CIDADANIA E JUSTIÇA, 2015, p,1).

Assim, lutar para adquirir direitos torna-se questão e proposição no presente trabalho, pois os frutos da implementação das cotas já estão aparecendo e, por mais que muitos ainda torçam contra o número elevado de Negros nas universidades, já é realidade, porém ainda não é o suficiente. Sabemos que temos a responsabilidade de ampliar estes números que ainda são irrisórios para a maioria Negra de nosso país. Mas, tudo muda...

8. REAL SIMBÓLICO IMAGINÁRIO

À noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E, em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho. A partir daquele momento, não ouve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido de seu nome (EVARISTO, 2017, p.113).

Os lugares de esperança estão distantes para algumas parcelas da sociedade, escassos, defasados, desequilibrados, mas, temos que acreditar sempre no impossível. Caso contrário os pontos de saúde e equilíbrio se desfazem deixando apenas desesperança. E esse não é o lugar para Negros e Negras que buscam mais do que sonharam e imaginaram.

Apesar das problemáticas do curso (relações Internacionais) eu entrei porque eu gosto do curso. Tô Gostando do curso. É muito bom, só que o ambiente é... tenta te expelir toda a hora é uma galera que tem dinheiro realmente que viaja o mundo que sabe falar dois, três idiomas, mas enfim... essa é a galera, os meus colegas essa é a questão mais problemática. Mas, eu gosto do curso muito...nossa!! tenho aprendido bastante. (KUMANI, 2017).

Quando um Negro que sonhou a vida inteira por estar dentro do ambiente universitário consegue se encaixar, mesmo dentro da adversidade temos um real transbordando o Simbólico e o imaginário.

E neste sentido, as significações imaginárias sociais ou imaginário social instituído relatado por Cornelius Castoriadis (2004) proporciona a continuidade da sociedade, reprodução e a repetição das formas que regulam a vida de todos permanecendo o tempo preciso para que ocorram as mudanças históricas. Podendo ser lentas ou em massa para transformação e substituição para as próximas formas estabelecida.

As transformações e substituições estarão intrinsecamente ligadas aos três registros que Lacan (2005) chamará de Real, Simbólico e Imaginário, tríade

absolutamente indissociável, pois, se entrelaçam e juntos dão consistência e existência ao psiquismo. Lacan ainda nos diz que:

Na relação com o semelhante, na relação a dois, na relação narcísica, há sempre para o sujeito algo esvanecido. Ele sente que é o outro, e o outro é ele. Esse sujeito definido reciprocamente é um dos tempos essenciais da constituição do sujeito humano. É um tempo em que ele não pode subsistir, ainda que sua natureza esteja sempre a ponto de aparecer, e precisamente em certas estruturas neuróticas. Ali onde a imagem especular é aplicada ao máximo, o sujeito não passa do reflexo de si mesmo. (LACAN, 2003, p. 43).

A tentativa de pensar como Negros e Negras foram paulatinamente ressignificando sua cultura, ao longo dos séculos, atrelados ao medo de transparecer dentro das senzalas suas mais profundas crenças, leva-nos a reconstrução de histórias como uma das possibilidades mais fortes no advento da fala, pois, só narrando nos tornamos humanos, só narrando construímos novas simbolizações, só narrando criamos um imaginário, só narrando damos conta de um real extremamente doloroso, só narrando nos tornamos sujeito da linguagem

Eu quero atuar como professora e aí..., depois atuar como professora aqui dentro eu acho que é meu... voltar e ficar com o pessoal pra formar essa gurizada. Eu acho muito legal, eu acho todo o ciclo muito legal... (ADEBANKE, 2017).

Encontramos Negros e Negras sonhando com novas possibilidades novas formas de transformar sua realidade tão dura. Encontramos Negros e Negras lutando e buscando o seu lugar. Não mais pelos discursos dos outros, mas, através de seus desejos e criando suas formas de lidar com seus desafios.

Por mais que é complicado, assim..., toda a questão da universidade eu gosto de estar aqui. Aqui eu acho que é um lugar pra mim. É um lugar feito pra mim. Que eu devo estar. Nunca pensai outra coisa a não ser entra para a universidade depois de sair do ensino médio, sabe? Até 2014 quando eu sai não fiz nada fiquei até naquela paranoia assim, o que eu ia fazer? Por que tava passando tempo enfim, mas a real é que aqui é o lugar que eu, que é meu. (KUMANI, 2017).

Há a possibilidade de adentrarmos pelo imaginário, ou como demonstra Castoriadis (2004) pela história da humanidade que é a história do imaginário humano e de suas obras. Em uma novação radical, de criação e de formação, imaginário e imaginação. A linguagem, os costumes, as normas e nenhum fator natural, biológico ou lógico pode dar conta disso.

Como dar conta de algo inominável? Como ressignificar uma história contada por outros? E esses outros contam à sua maneira. Maneira que esconde pontos nodais da história. Pontos que mudariam toda a forma como são vistos e como se veem.

Povos da Costa da Guiné, Costa do Ouro (atual Gana), Nigéria, Benim, Congo, Angola e Moçambique foram desterritorializações, destituído do que lhes conferia identidade quando escravizados, porém muitos Negros da época da escravatura se uniram no sentido de preservar as ancestralidades e manter viva a lembrança da África, da qual eram oriundos e procuravam reconstruir e ressignificar as suas tradições, crenças, saberes revitalizando os diferentes universos simbólicos num ritualismo e cerimonial nas senzalas, num sentimento que unia pertencimento e liberdade, preservando ideias, mitos, ritos, crenças, símbolos, experiências, comidas, cores, conceitos, gestos, indumentárias, sons ritmos, instrumentos, palavras e habilidades. Na realidade todas essas vivências se constituíram em elementos importantes para inaugurar um movimento transatlântico da Diáspora africana, decisivo no processo de reelaboração das culturas africanas no Brasil. (ROCHA; SANTOS; HILLIG, 2016, p. 20).

Aqui cada povo, cada cultura, cada língua, cada região, trouxe para o Brasil peculiaridades, mas, trará ao mesmo tempo a possibilidade de ressignificar para não enlouquecer. Através da simbolização e do imaginário terão a possibilidade de reconstruir suas histórias, mesmo após a desterritorialização e a travessia em porões fétidos e insalubres que poderiam durar entre seis e oito meses, se os tempos e ventos colaborassem.

Tal circulação e dessimbolização direciona o ser humano para atos de crueldades mais profundos e demasiadamente perversos, a ponto de transformarem outro ser humano em mercadoria e este ser desqualificado de sua humanidade. O que no animal denominamos um comportamento simbólico é o fato de um segmento deslocado assumir um valor socializado e servir ao grupo animal como referência para certo comportamento (LACAN, 2005).

Assim, formulamos que um comportamento pode se tornar imaginário, quando a partir das imagens e seu próprio valor de imagem para um outro sujeito, o torna suscetível de deslocamento fora do ciclo que assegura a satisfação de uma necessidade natural. A partir daí o comportamento neurótico pode ser considerado elucidado no nível da economia instintiva [...] O elemento imaginário tem valor estritamente simbólico. (LACAN, 2005, p. 20).

O imaginário simboliza e transfigura para o real a possibilidade deste Negro transmutar um imaginário social impregnado por discriminação e estereótipos mesmo que este muitas vezes estejam submersos neste ambiente. Na tentativa do

Negro ressimbolizar o imaginário tanto seu como o social. As cotas ocuparam um espaço importante nessa trajetória.

E eu sou um que reitero em todos os lugares, em todo os espaços que eu vou que: sim sou um Negro e um Negro cotista. (ADEBANKE, 2017)

Vicente Clavurier (2013) para designar um ternário de registros onde R (real) S (simbólico), I (imaginário) e nos guiará pela palavra “registro”, que para o dicionário de língua francesa definirá esse termo como um “livro onde inscrevemos os atos, as questões de cada dia”. Estando as palavras como “fazer o registro”, “conservar os registros” que designam o fato de registrar e anotar, gravar, inscrever. Estamos então no domínio (o registro!) do escrito, da inscrição: registrar em três livros em que anotamos as coisas que pensamos pertencer a ordens distintas. Os três registros constituem o lugar de habitação do dito, ou seja, o homem enquanto falante: são três dimensões constitutivas do espaço habitado pelo homem enquanto ser falante.

Ser cotista na UFSM é um desafio. É um campo minado. Mas, também é encontrar com outras pessoas Negras e se ajudar se auto afirmar. Ser cotista na universidade é difícil!! Mas, também em certos momentos é confortante. É reconfortante tu ver outros Negros lá batalhando e vencendo essas barreiras que tem dentro da universidade (ADETOKUMBO, 2017).

Desafio de reconstruir e construir através da fala a possibilidade de lidar com adversidades que muitas vezes parecem irreais. Estando na maioria das vezes subentendido ou escondido para que não apareçam. Dificuldades e adversidades que alguns Negros e Negras terão que entender seu funcionamento.

O imaginário simboliza e transfigura para o real a possibilidade deste Negro transmutar um imaginário social impregnado por discriminação e estereótipos mesmo que este muitas vezes estejam submersos neste ambiente. Na tentativa do Negro ressimbolizar o imaginário tanto seu como o social.

Opa!!! Mas, olha a diferença que tá fazendo a minha educação aqui e quando eu volto lá, eu vejo a diferença minha e a facilidade que eu tenho de ler uma coisa e meus primos não... aí eu comecei a perceber... tem alguma coisa errada... não é eu que sou mais inteligente que eles... porque eu sei que eu não sou mais inteligente que eles. Por exemplo, um primo meu R o guri é um crânio, não é eu..., mas, alguma coisa tem... é a minha educação é o fato de meu pai ser juiz que tá me ajudando, a facilidade para resolver pequenos problemas lógicos, que eu já tinha uma capacidade maior e meu primo tava patinando, patinando, patinando... muitas vezes não tinham..., eu

tinha vontade de ir no colégio todo o dia, mas colégio bom tinha educação física a gente lia Ilíada em aula naquela época, a gente lia obras, fazia teatro, fazia canto, parece frescura e quando piá eu achava que era frescura, mas, depois tu vê que não é, aquele é um capital que te ajuda realmente, te ajuda a viver, te ajuda a perceber opressões, te ajuda a perceber oportunidades, com o tempo aquilo vai ressignificando na tua cabeça e eu percebi essa diferença, então, como Negro eu vejo estas dificuldades de apreensão. (ADETOKUMBO, 2017).

Há um discurso social de capacidade, de meritocracia, de lugar ao sol que qualquer um pode acessar, etc, no entanto, estamos lidando com uma informação fake, pois entendemos que precisamos de muito mais que esforço próprio e dedicação para alcançar algo que já foi pré-programado para uma parcela da sociedade.

As universidades são esses lugares, pois, entendemos quando historicizamos suas histórias e construções ou o sistema de cotas que temos muitas lutas e muitas disputas que levam os fundadores conservadores a acreditar que uma mudança pode ser prejudicial a instituição.

Lacan (2005) irá salientar que as palavras que exprimem os interditos que regulam em nós as trocas humanas das alianças, no sentido próprio da palavra, limitam-se a um número excessivamente restrito, pois na maioria das vezes se tratam de símbolos.

Assim, a cada novo dia as Negras e os Negros irão registrar, anotar, inscrever, gravar suas histórias e trajetórias possibilitando a permanência e ressignificação em um mundo hostil, no qual precisam sobreviver e reafirmar suas antigas raízes, na tentativa de não se objetivarem perante os mecanismos sociais e políticos criados dentro de sistema capitalista impiedoso frente ao lucro. As regras foram criadas e as pessoas devem se enquadrar, não o contrário. E cada Negro e Negra que quiser sair da linha da pobreza e conquistar conhecimento terá que apreender os códigos criados a séculos de dominação.

Essa transição do Negro consciente pro Negro que ainda não tem essa consciência ele é bastante dolorido. Bastante dolorido porque tu quando não é um Negro consciente tá começando aquela consciência tu vai tomar pra ti essa consciência do que tu já passou. As vezes são relações que não deram certo, as vezes foi um padrasto que é branco, enfim, uma madrasta que é branca, tu vai entender que teu pai e tua mãe meio que te deixou por conta disso e esses processos essas verdades são doídas..., né. Então, eu acho que é bem doído. E pra depois que tu cria essa consciência que tu vai viver com essa consciência não é menos doído..., né. Mas eu acho que tu vai criando uma casca, tu vai criando uma resistência, e aí antes que aquele racismo já te atinja tu chega na sala de aula pronto. Eu hoje chego na sala de aula pronto e eu já vejo quando tá rolando troca de olhar... eu já vejo

quando tão falando algum assunto que acham que eu tenho que saber falar por eu ser Negro... e eu acho que esta questão da consciãncia ela traz uma resistãncia, ela traz o tino de observar quando tão querendo nos reprimir, quando tão querendo no silenciar e eu acho que isso já nos dá uma arma a mais. (DZIKO, 2017).

Aqui se criaram possibilidades infinitas, tanto para a manutenção da loucura que é travessia, aculturação e territorialização como também a introjeção de mecanismos psíquicos de defesa para sobrevivência que irão transcender pelos séculos vindouros.

Em algumas inscrições há concepções negativas do afrodescendente sobre si mesmo, alimentadas por grupos hegemônicos ao atribuírem a discriminação a vários fatores sociais e pessoais, ligados aos afrodescendentes, relacionados ao “bom tom” em ambientes que propagam uma vivência harmoniosa de todas as raças. Os afrodescendentes ao utilizarem as referências brancas para se articularem na realidade, acabam assumindo a responsabilidade de suas mazelas sociais e acabam contribuindo para a retroalimentação da discriminação. Uma vez que as pessoas brancas acreditam que seu status seja vantajoso devido à qualidade de seu esforço pessoal e as pessoas afrodescendentes encaram suas dificuldades justificadas pelo fato de não realizarem o esforço equivalente ao esperado delas. Deixando de incluir na sua construção de identidade matrizes culturais africanas que historicamente são referências participantes dos brasileiros. (FERREIRA, 2009).

Eu fico pensando..., eu tenho assim; isso acho que uma das coisas e isso é uma coisa que nos segura acho que as vezes a gente tem medo de branquear e aí tem medo de avançar... na vida muitas vezes... será que eu não vou, mas será que... eu comigo acontece... talvez pela minha vivência... o dia que eu virar doutor eu não vou me esquecer de onde eu vim?? Por isso que eu digo é importante quando virar doutor, virar docente, virar pro lado e enxergar outro Negro docente. (ADETOKUMBO, 2017).

Para Ferreira (2009) o Negro irá usar um recurso simbólico de fuga de uma realidade em que a discriminação impera, escamoteando aos aspectos étnicos na tentativa de encontrar elementos de identificação em símbolos do grupo social economicamente dominante. As interações sociais constitutivas das identidades poderão introjetar valores negativos em relaçaõ aos afrodescendentes, tanto ao outro grupo como sobre si próprio, levando-o a desenvolver uma identidade que inclui valores estigmatizados que diminuirão sua capacidade de alterar situações de discriminação por meio de atitudes afirmativas.

Em uma época que eu comecei a me envolver em militância Hip Hop, e coisa... e comecei a ver como a universidade chegava nas comunidades aqui em Santa Maria e eu tinha nojo da universidade, tinha nojo, porque eu enxergava como pessoas que iam lá preencher suas qualificações usavam a periferia como laboratório como objeto de pesquisa e depois iam embora, não deixavam nada e o pessoal continuava lá com os mesmos problemas de sempre... depois eu fui resignificando, mas, talvez se eu tivesse ficado com aquele pensamento eu não teria entrado na faculdade, eu tinha nojo, era coisa de branco, que queria preencher o lattes usando a desgraça do Negro, era a ideia que eu tinha na época, muitas vezes eu vejo... muitos jovens ainda tem um pouco desse pensamento que é ruim ainda mais no momento que a gente vive... (ADETOKUMBO, 2017).

Impregnados na linguagem e em um inconsciente coletivo, o simbólico submerge o sujeito a tal ponto que este já não se reconhece mais como proponente de novas possibilidades e adquire uma posição mais passiva na tentativa de se proteger de uma realidade tão avassaladora

É fato que devemos entender o simbólico de que se trata na troca analítica. Quer se trate de sintomas reais ou atos falhos, ou o que quer que seja que se inscreva no que encontramos e reencontramos incessantemente, e que Freud manifestou como sendo sua realidade essencial, trata-se ainda e sempre de símbolos, e de símbolos organizados na linguagem, portanto funcionando a partir da articulação do significante e do significado, que é o equivalente da própria estrutura da linguagem. (LACAN, 2005, p. 23).

Muitas vezes apagando os limites entre o que é real e o que é imaginário por estar inscrita erroneamente no social; esquece-se de suas raízes e suas glórias para evitar mais sofrimentos, se esconde atrás de posições menos afrontadoras na tentativa de manter algumas ilhas de sanidade e conforto psíquico, pois não adquirir uma característica mais passiva, pode levar a confrontos ainda intoleráveis, ou à morte

A vida é maior do que vivemos. Maior do que podemos sentir, compreender, dizer, pensar e todos os outros verbos que denotam o que chamamos de imaginário, ou seja, tudo aquilo que para nós desemboca em um saber "redondo". O problema é o que fazer com esse 'a mais'. Não é, por exemplo, porque se ri ou se chora muito que se está vivendo tudo que a vida tem para ser vivido. Aquilo que da vida extrapola é possível de ser sentido, é real, e parece conjugado a coisas que não encaixam, que não tem vivência concreta. Aquilo que da vida não se justapõem ao humano aparece naquilo que é desumano. Esse 'a mais' da vida, geralmente se apresenta como vazio ou irrepresentável. (VIEIRA, 2009, p. 1).

O real transcende a vida rotineira, pois fica registrado e muitas vezes é acessado quando algo extremamente importante nos toca. Não estamos aqui falando da correria diária atual, não estamos nos referindo a esta loucura neurótica por algo que só manterá nosso vazio, mas, sim daquelas coisas que realmente nos fazem sentir vivos. Mesmo que tais coisas, muitas vezes tenham se cristalizado

como momentos dolorosos, pois mergulhamos há muito tempo em uma dor que não nos pertence.

São olhares, formas de falar, formas de expressar, chistes, sussurros, entreolhares, não ditos. Negros brancos, morenos, tu não és Negro é moreno, tenho amigos Negros, tenho parentes Negros, negrinha, tu mereces, esforço próprio, todos podem chegar aqui, tu se destacas porque se esforçou, alguns merecem estes lugares, este não é teu lugar, este não é meu lugar, somos todos iguais, tu é como se fosse da família, não tenho nada contra vocês, Negro, negrinho, preguiçosos, intelectualmente incapaz, improvável, etc.

A discriminação é tão sutil, mas tão real que muitos só sentem, não entendem. É uma senha. Joel Dor (1989) irá convergir e retificar a ideia de Lacan e Saussure sobre o signo linguístico. Com efeito, não une uma coisa e um nome, mas um conceito de uma imagem acústica (a marca física deste som) à representação que nos é dada pelos nossos sentidos; ela é sensorial

Não podemos deixar de chamar a atenção para expressão como “marca psíquica” e “representação”, que prefiguram a distinção fundamental entre: a “linguagem”, “a língua” e “a fala”. As unidades linguísticas enquanto entidades “psíquicas” participam, assim, do registro da “língua” e não procedem da fala. É por essa razão que a “linguagem” deve ser considerada como a utilização/articulação de uma “língua falada” por um sujeito. O signo linguístico aparece, então, como uma “entidade psíquica de duas faces,” cujos elementos são instituídos, de imediato, numa relação de associação. Se, portanto, o signo linguístico é antes de mais nada “relação”, essa relação, que é aparentemente fixa no sistema da língua, é suscetível de modificações na dimensão da linguagem. (DOR, 1989, p. 28).

Aqui o plano é o registro da linguagem como detentora de uma função que funciona, como lembra Lacan (2005), como senha, que é aquilo graças ao qual não se reconhecem os homens do grupo, mas que o próprio grupo se constitui como tal. A significação de tal palavra é designar aquele que a pronuncia como tendo esta ou aquela propriedade que responde à questão precisa da senha.

Eu fiz ter. Não tem espaço pra nós, mas o meu espaço de fala eu tenho. Eu falo. E resisti muito... resisti bastante, mas, eu tenho espaço de fala aqui dentro. Eu posso sim. Em qualquer lugar aqui dentro da universidade em fazer ser ouvida isso eu tenho certeza absoluta. Se eu vou conseguir alguma coisa não sei, mas, eu vou conseguir ser ouvida, eu não vou sair de lugar nenhum dentro da universidade sem a resposta que eu quero. Isso eu sei. Tanto dentro da sala de aula quando nos outros âmbitos aqui. Os ambientes da universidade, mas eu sei que não é todo mundo não. As coisas que eu construí foi por conta da minha militância aqui dentro da universidade. (ADEBANKE, 2017).

Alguns grupos podendo estabelecer senhas, privilegiaram aqueles que as decodificaram e souberam utilizá-las. Estas serão decodificadas por aqueles que possuem artefatos sublimatórios das impossibilidades do humano e terão que vestir os trajes da alienação e da neurose social. Como objeto cheguei ao mundo pretendendo descobrir o sentido das coisas, minha alma cheia de desejo de estar na origem do mundo, e eis me descubro objeto em meio a outros objetos. (FANON, 2008).

Lembramos através de Dor (1989) o efeito surpresa, onde a iminência de um perigo psíquico cujo fluxo de excitações poderia não ser contido pela economia do sujeito. Este fluxo de excitações que tem sua origem em uma inscrição anterior de uma situação de angústia deve poder encontrar um limiar de “alarme” suficiente para alertar o sujeito. O efeito surpresa opera como signo precursor de um afeto traumático, passado reavivado pela falha do presente. O sintoma encontrará seu ponto de inserção em torno deste sinal de angústia.

Angústia que depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. “No mundo branco o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. Ficaram resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo tátil, espacial, cinestésica e visual, mas pelo outro branco, que os teceu para mim, através de mil detalhes, anedotas, relatos” (FANON, 2008, p. 104).

É a isso que eu atribuo o consciente ao não-consciente, se o cara já tem consciência ele também pode sair. Pode ter a evasão por conta disso, mas, eu acho que quando ele tem a consciência ele sai, mas, ele vai pontuar. Entende?? Foram x momentos... foram x atividades e atitudes... que eu sofri e que me fizeram pensar que talvez outro espaço seja melhor pra mim... agora quando o Negro não tem essa consciência ele vai dizer que é porque as cadeiras são muito difíceis, a grade está muito retrograda, estas questões assim... ele não consegue entender que o trabalho dele muitas das vezes foi excluído ou teve uma nota menor, ou super estimaram a apresentação dele por ele ser Negro, e na verdade ele não tinha que corresponder aquilo... então ele apresentou como ele achava melhor, isso foi uma nota bem a baixo da média por exemplo, isso vai corroborar para a saída de um Negro ou uma Negra e pode não ser consciente. (DZIKO, 2017).

Muitos discutem que em nossa democracia não existe racismo, pois, todas as raças formaram uma, a brasileira. No entanto, nos questionamos como o Negro

reconhece que está sendo discriminado, frisado, avaliado, julgado pelo simples olhar ou por palavras? Ele frisa sua luta desde o início: “Ser Negro é nascer lutando. É nascer lutando. Tu já nasceste com duas espadas de São Jorge na mão”. (ADETOKUMBO,2017).

Luta que perpassa o entendimento do lugar que todos os Negros e Negras ocupam dentro do sistema. Buscando fazer entendimentos de como ocorrem a cada novo dia cada desafio. Mais precisamente dentro do ambiente universitário que intensificam as disposições de disputas por lugares que já teriam “donos”.

Referindo-nos a importância do entendimento de como foram forjados estes lugares onde a comercialização e alienação, ao longo dos séculos, se apropriaram de reinos, estados, cidades, localidades onde produziram uma lógica mercantilista, que paulatinamente se tornará capitalista. E esta última será detentora e promotora de meios escusos de dominação e alienação. Em muitos casos, os sujeitos estão inseridos na linguagem ainda como signo, não possuindo as senhas sociais e se possuir algumas, não são suficientes para um entendimento mais amplo da conjectura.

Uma vez que em um sentido semântico, a palavra “fala” significa algo que vai bem longe ao que assim chamamos. É também uma ação. E, por sinal, para nós também, a palavra dada é igualmente uma forma de ato. É também, às vezes, um objeto, ou seja, alguma coisa que carrega, um feixe, é qualquer coisa. Mas, a partir daí, algo que não existia passa a existir. Esta fala mediadora permite entre dois homens, transcender a relação agressiva fundamental como miragem do semelhante. O sujeito humano é especialmente exposto, ao surgimento da vertigem, e, para afastá-la, ele experimenta a necessidade de fazer algo transcendente (LACAN, 2005, p. 31).

Eu agradeço a todas as pessoas, a Maria Rita. A Maria Rita com certeza porque é uma coisa pequena te chamar pro grupo de estudo, mas, pra quem trabalha é Negro e tem que estudar em uma coisa que muito teórica e tu perde muito tempo com leitura e principalmente a gente acha que sabe estudar né... quando a gente chega lá que a gente vê o que é estudar...tu te depara com um texto de cinquenta página p... tu tem que ler isso daqui... tu nunca parou... né. Eu agrego a permanência e a entrada aos Negros que me ajudaram, amigos que nunca deixaram de dizer: não negão vai lá... não vai lá... não para, vai estudar que é a tua cara. (ADETOKUMBO, 2017).

Falar é buscar um sujeito Negro que demanda ressignificar o sintoma da escravidão, ressignificar os vestígios deixados na autoestima, ressignificar as

angústias, ressignificar os medos. Para não cair no engodo que um “branqueamento” poderia auxiliá-lo na produção de menor angústia e sofrimento, em uma fuga de si mesmo. Através da negação de sua própria identidade de afrodescendente que por séculos foi carregada de estereótipos pejorativos.

Fanon (2008), relatará sobre porque o Negro não poderia satisfazer-se no seu isolamento, só existindo uma porta de saída que daria no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, o desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade de adquirir as propriedades de revestimento, a parte do ser e do ter para constituir um ego, vinculado ao: ser branco é como ser rico, como ser bonito, como ser inteligente.

Nossa sociedade, segundo Ferreira (2009) onde são fomentamos estereótipos relativos a grupos raciais, alguns associados à qualidades negativas, como “feio”, “incapaz”, “ignorante”, “desonesto”, e o outro, a termos como “belo”, “inteligente” e “trabalhador”, não seria estranho que o afrodescendente fosse levado a referenciar-se no segundo grupo. Identificando-se com o grupo a que se atribuem qualidades positivas, na tentativa de afirmar-se positivamente e promover sentimentos de valor em relação a si próprio. No entanto, para isso teria que distorcer seus aspectos pessoais, esvanecendo suas origens africanas e articulando-se a condições europeias, negando sua constituição e sua autoestima.

Eu atribuo pro exemplo essa negritude consciente um pouco por exemplo a tu usar o Black, usar um turbante e tu te colocar nos espaços dizendo que tu é um Negro. Pra mim eu acho que não existe, eu não costumo ter um conceito pronto assim né. Porque eu acho eu tenho muito a conhecer, em relação a isso, mas, pra mim o Negro na universidade em algum momento ele vai ter essa consciência. Seja porque ele procurou, seja porque ele conheceu pessoas que foram falando, seja num coletivo, ou seja pela aquela maneira dóida que os colegas, a estrutura toda vai fazer ele saber que ele é Negro, porque todo o dia reiteram pra ele de que ele é Negro. Eu acho que em algum momento essa consciência vai chegar. (DZIKO, 2017).

Se um indivíduo se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna passível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade da raça. É na medida exata em que a sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica. A tentativa de trazer à consciência, esta busca alucinatória por embranquecimento torna-se necessária para alcançar mudanças nas estruturas sociais. O Negro não

pode mais ficar no limiar entre o branquear ou desaparecer e, sim, tomar consciência de uma nova possibilidade de existir, esclarecendo as causas e tornando-se capaz de escolher a ação (ou a passividade), a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais. (FANON, 2008, p. 95).

No meu caso eu fui criando estratégias que elas vão me mantendo e elas vão se renovando... né. Eu procuro pelo menos oxigenar elas. Por exemplo o fato do semestre passado eu ter conseguido pensar suficientemente esquecer um pouco a sala de aula que é o que estava me destruindo a saúde mental e pensar em uma estratégia que seria mudar de curso. Tanto porque eu vou conseguir dentro do serviço social e das ciências sociais incidir mais com essa pauta, que é uma pauta que eu vou levar e que vai dizer muito sobre mim e também sobre a minha profissão, é uma maneira, é uma estratégia de eu estar aqui da maneira que eu quero. Mas, eu sei que também vai ser sofrido, também sei que os professores brancos o tempo inteiro, também sei que..., mas é uma maneira. (DZIKO, 2017).

A referência é como um caleidoscópio de mudanças que ocorrem e imediatizam nossa sociedade com estofos escravistas, mas com mutações modernas, que configuram um desaparecimento dos sujeitos. Estes que já possuíam graus de distanciamento, se deparam com as ruínas sociais na tentativa de ressignificar sua identidade.

Onde as estruturas sociais, que eram pautadas na rigidez das ideologias dominantes, vão se esvanecendo e ruindo, dando lugar ao progresso da democracia, o desenvolvimento do individualismo, a diminuição do papel do estado, a supremacia da mercadoria em relação a qualquer outra consideração, o reinado do dinheiro, a transformação da cultura, a massificação dos modos de vida combinado com a individualização e a exibição das aparências, o achatamento da história na imediatez da informação, além das tecnologias com ares de Deuses, ampliação da duração de vida, a demanda pela saúde perpetua, desinstitucionalização da família, múltiplas interrogações sobre a sexualidade, etc. (DUFOR, 2005, p. 13).

A gente cotista precisa de um apoio maior aqui dentro da universidade. A gente está em um estado capitalista e a gente precisa de dinheiro. E basicamente a gente precisa de dinheiro, de livro a gente precisa de incentivo, mas, a gente precisa de dinheiro. Porque senão a gente não estuda. (ADEBANKE, 2017).

Tudo parece ter virado mercadoria, pois, mesmo que o ingresso tenha sido disponibilizado a permanência e a conclusão são a todo momento deixadas de lado. Tudo dentro da universidade envolve ter recursos para permanecer: do livro, as

passagens, a comida, o computador para escrever o TCC, os instrumentos, os xerox, a moradia, etc. A questão é: quando a educação virou mercadoria de poucos?

É neste contexto, que o sujeito Negro, já mencionado, terá que se ressignificar a cada amanhecer, nas mais inumeráveis situações. Se os olhares e os discursos sociais estão impregnados por estereótipos, que muitas vezes nem mesmo quem pronuncia reconhece a verdadeira dimensão de seus discursos, cabe a cada sujeito um cuidado de si. Pois a sociedade ainda repete discriminações e suas atitudes nos dias atuais demonstram a inquietude dos pré-conceitos.

Porque, o preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas. Em uma realidade extremamente resistente. Para o preto, há um mito a ser enfrentado. Um mito solidamente enraizado. O preto ignora, enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina (FANON, 2008, p. 133).

Pensar estudantes Negros dentro da universidade é pensar o peso da melanina. É enfrentar olhares, gestos, atitudes para minimamente pensar permanência em um espaço tão complexo como este

Não se falou em permanência. A gente fala de cotas, cotas, cotas, cotas de novo, mas, permanência não. Permanência a gente tá ainda muito fraco. Já tinha o Afirme agora o Núcleo... a instituição não chega nos estudantes. Pode ver pelas rodas de conversa. Não chega. Não chama. Entende? Porque ninguém percebe uma roda de conversa como algo intercultural como um diálogo, sabe? (ADEBANKE, 2017).

As Negras e Negros estão demandando diálogo, uma possibilidade de construção de algo que estamos construindo nesse momento. As cotas tornam-se processo em pleno desenvolvimento e ainda têm muito se compreender e construir como processo em movimento.

Em processo, as impregnações sociais como também relatam Dufour (2005), neuróticas ou esquizoides, com suas fixações e sua tendência à repetição e à cisão não oferecem melhor garantia de flexibilidade, em uma sociedade de mercadorias. No mercado capitalista, o melhor produto é o sujeito esquizoide, que irá dessimbolar, para repetir aberto a todas as conexões. Estamos falando de um sujeito precário, acrítico e psicotizante, produzido pelo social.

Não nos caberia pensar um sujeito acrítico ou psicotizante, pois se os Negros já passaram pela diáspora africana, a liberdade poderá estar a um passo, entretanto

precisamos juntar alguns elementos, como o acesso à função simbólica e neste sentido o advento do sujeito que tanto falamos. Busca-se as narrativas para simbolizar e ressignificar séculos de atrocidades e não mais deixar no limbo do esquecimento e poupar uma sociedade de encarar de frente os acontecimentos até aqui. Para isso teríamos que fazer laço através da autoridade, mas, não referente a alguém e sim

A autoridade é o que está implicado pelo acesso à função simbólica mesma, o que nos faz nos tornarmos sujeito falante no momento mesmo em que nos tornamos objetos, até mesmo servo da linguagem. Estranho destino do homem, esse animal falante, o de encontra-se assim quando ele se perde – o que não pode deixar de levar às mais intensas interrogações [...] Pois, depois de ter falado, é preciso se calar e escrever, porque “escrever traz em si todo o horizonte e todo o fundamento”. (DUFOR, 2005, p. 135).

As relações entre indivíduo e a história da humanidade devem ser pensadas, pois o indivíduo só se realizará como sujeito por uma repetição abreviada desta história, enquanto o sujeito advindo só poderá ocorrer se existir inscrição como agente do processo histórico e civilizatório em curso. E na busca por autonomia nos deparamos com responsabilizarmos por nossos atos.

Aqui como relata Dor (1989) a escrita trará a possibilidade de trazer para o real as dores, as angústias, as tristezas, as raivas, os medos. Para, além disso, trará a possibilidade de ressignificação através da metáfora paterna, o humano ascenderá à linguagem no “deslize da palavra” e a cadeia falada organizar-se-á como sequência discreta de signos, isto é, de significantes associados a significados. Conduzindo a recalques secundários que se efetuam através de processos metafóricos encadeados outros significantes e tornando-se conscientes.

Assim, a mudança pode ocorrer a partir da exposição a eventos que tenham informações relevantes e favoráveis acerca dos aspectos culturais e históricos das experiências Negras e das raízes africanas. Na utilização e assimilação destas informações e a utilização como referências pessoais o indivíduo poderá passar por um processo de desarticulação de seu mundo simbólico que produzirá angústia (FERREIRA, 2009). No entanto, esta mesma angústia lhe proporcionará o lapso onde emergirá a surpresa que nos fala Lacan, e neste sentido o real.

Lacan (1958), Dor (1989), Diatkine (1999) reavivaram a possibilidade de substituição significativa através da qual se poderia simbolizar os retornos e as partidas. E o sujeito poderia inverter as situações ao seu proveito, podendo passar

de uma atitude passiva, à mercê dos acontecimentos, mas eis que repeti-los, por mais desagradáveis que seja, assumindo um papel ativo

A criança transformou a situação, posto que agora em diante é ela que abandona sua mãe simbolicamente. A inversão simbólica opera é a justificativa mais evidente da atualização de um processo de controle: a criança fez-se mestre da ausência graças a uma identificação. Daí a jubilação intensa da criança ao descobrir seu controle da ausência do objeto perdido (a mãe). Em outras palavras, o sumir e aparecer indica que ela consegue doravante controlar fundamentalmente o fato de não ser mais o único e exclusivo objeto de desejo da mãe, isto é, o objeto que preenche a falta do Outro, ou seja, o falo. A criança pode mobilizar seu desejo, como desejo de sujeito, para objetos substitutivos ao objeto perdido. Mas, antes de mais nada, é o advento da linguagem (o acesso ao simbólico) que irá tornar-se signo incontestável do controle do simbólico do objeto perdido, através da realização da metáfora do nome-do-pai, sustenta pelo recalque originário. (DOR, 1989, p. 90).

Haveria portanto, a capacidade intrínseca para a inversão simbólica para cada sujeito que tivesse adentrado no campo da linguagem, e, portanto, a poderosa possibilidade de resignificar-se a cada desafio encontrado, que guiaria muitos por caminhos mais amorosos de encarar sua vida e seus desafios.

Delory-Momberger (2006) explicará que dar forma ao vivido e a experiência dos homens ocorrerá através das narrativas que eles fazem. A narrativa não sendo somente o sistema simbólico, no qual o pôr em forma da existência encontraria sua expressão: a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida.

Assim, *Sapere aude*, lema do Iluminismo, é encontrado nos escritos de Horácio (14 a.C.), cuja expressão em latim significa “ouse saber”, “atreva-se a saber”. Pois é necessária ousadia, atrevimento e, por isso, autonomia de pensamento na convergência de todas as áreas do conhecimento na compreensão do ser. Cada ser tem direito a dignidade para que sua compreensão da sua complexidade na relação com o ambiente, com a natureza se torne real e viva (CUNHA; RÖWER, 2017, p. 11).

Assim, estar intrinsecamente ligado a algo é ter sido objeto em algum momento, mas, ter ressimbolizado, resignificado sua posição descobrindo que desta forma não chegaria a lugar algum, só a repetição. Pois precisaria advir como sujeito para no ambiente humano buscando resignificar e ressimbolizar suas dores mais profundas na tentativa de ampliar seu entendimento como o mundo funciona e como propositivamente se estabelece sua vida nele.

Estabelecendo uma relação de experienciar consigo mesmo e procurando a todo momento reconstruir sua história e sua trajetória para dar vida a mesma. Ser Negro e Negra na atualidade é reescrever sua história e dos seus para que não esvaneça e se torne natural não saber sua origem. Não cabe mais.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer. (EVARISTO, 2017, p. 114).

Ao escutar as narrativas das histórias de alunos Negros e Negras cotistas que estão dentro da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) deparei-me com a recusa de não se deixar morrer como Omolara. Negras e Negros que sabem de seus compromissos com os seus e que se recusam a se deixar morrer.

Um lugar onde a todo momento a palavra resistência é usada. Todos relataram que para permanecer dentro da UFSM resistência é necessária, pois, em alguns centros há a tentativa de expelir essas Negras e Negros para fora do sistema. Há ambientes severos que muitas vezes repetem o que nossa sociedade fora dos muros da universidade a todo o momento reitera (esse lugar não é seu).

Djamila Ribeiro (2017) mostra a importância de pautarmos como sujeitos as questões que são essenciais para o rompimento da narrativa dominante e não sermos tão somente capítulos em compêndios que ainda pensam a questão racial como recorte.

Não aos recortes, pois, estamos vivenciando dentro da universidade no século XXI momentos de extrema tensão relacionados com pensamentos conservadores retrógrados que deveriam ter ficado nos séculos anteriores por serem falácias.

Silva (2016) nós lembrará que universidades que acreditam no mito da democracia racial e que está enraizada não como “uma opinião” de alguns

indivíduos, mas sim como postura institucional demonstra a função explícita na fundação da Universidade: instituição que tem como uma de suas principais finalidades “a formação das classes dirigentes” sinônimo de ser branco, Hétero e masculino.

A universidade não é patrimônio de poucos. Mas, sim uma instituição pública, paga com recursos de todos os trabalhadores do Brasil e, portanto, um direito para toda a sociedade independente de sua cor. Tentam lembrar as Negras e Negros que estes têm papéis e lugares sociais delimitados como se no século XXI isso fosse possível.

Fanon (2008) retifica que há uma constelação de dados que penetram no indivíduo, uma série de proposições lentas e simultâneas como: obras literárias, jornais, educação, livros escolares, cartazes, cinema, rádio, que constituem sua visão de mundo ao qual ele pertence e que é branca.

Se nossa sociedade possui um ideal branco e a maioria da população é Negra, ou com matiz que irá lembrar que estamos em uma sociedade que prepondera pessoas de fenótipo Negro, por si só este ideal já está fadado a acabar. Ou terão que forjar milhares de histórias que mascarem essa preponderância.

Se a maioria dos jovens Negros e Negras estão nas periferias em busca de trabalho para ajudar seus pais economicamente sem grandes perspectivas de um futuro diferente. Nossa sociedade falhou em algum ponto.

Se ainda não temos um número efetivo de jovens Negros e Negras dentro da universidade, e que políticas públicas devem ser implementadas para aqueles que querem estudar possam acessá-las. Temos algo de errado.

No capítulo sobre o sujeito Negro demonstrei algumas questões que delimitam a grande adesão da população Negra em ambientes diferenciados. Temos um boicote constante e bem estruturado que revela como nossa sociedade política, econômica e religiosamente vai construir um Negro em seu benefício.

O Brasil torna-se agente de uma sociedade escravista, racista, elitista, branco, hétero, masculino. Os discursos de ódio irão se disseminar e terão apoio para que se enraízem até os dias atuais.

Castoriadis (2004) falara de uma junção fatal, onde as tendências destrutivas dos indivíduos em se adaptarem admiravelmente a quase-necessidade de fechamento social reforçando leis, valores, regras, significações como únicos e verdadeiros. Afirmando-se em leis, crenças, deuses, normas, costumes, onde os

costumes dos outros são inferiores, falsos, maus, revoltantes, abomináveis, diabólicos. Intrinsecamente ligados a necessidade identificatória da psique do indivíduo.

Identificações que são muito utilizadas pelo racismo e quando falamos de cotas, pois, teremos discursos de ódio exacerbados, desproporcionais. E muitos dos que emitem esses discursos enquadram-se nesta lógica. Em uma quase-necessidade de acreditar que existe um vilão que precisa ser combatido. Ideologias preconceituosas que trazem o lado mais obscuros dos indivíduos e o racismo vem à tona.

As cotas como os entrevistados relatam, são um meio não o final em si. Há muito mais a fazer e pensar sobre a desigualdade de oportunidades oferecidas aos cotistas e aos Negros e Negras que querem ingressar no meio universitário. Temos muito a pensar sobre permanência e conclusão, por entendermos que não é suficiente proporcionar ingresso sem permanência.

Ingressar não é sinônimo de permanecer e concluir o curso, por existirem dispositivos internos que não querem a permanência. Período que deveríamos olhar para as reivindicações dos que passam pelas cotas na tentativa de criar proposição e aprimoramento do sistema.

Enquanto não conseguirmos convergências com esses embates temos que pensar nos Negros e Negras que já estão dentro do ambiente universitário desbravando o ambiente. Onde tento construir um referencial teórico que ajudaria a buscar entendimento de como estes Negros e Negras que ingressaram conseguem lidar com o adverso.

Clavurier (2013) nos relatou dos registros, onde inscrevemos os atos do dia a dia. Senhas, anotamos, gravamos e inscrevemos como se fossem três livros: o Real, o Simbólico, e o Imaginário para nós tornarmos seres falantes. Ligados a todo o momento, registrando nossas vidas e angariando recursos para que possamos sobreviver as adversidades e não enlouquecer.

Adversidades do seu dia a dia onde precisam de recursos internos para poder suportabilizar por estarem distantes de sua família, costumes, perspectivas e ainda tendo que lidar com estereótipos forjados socialmente levam os cotistas a sofrimentos psíquicos intensos. Dificuldades para lidar com o sistema e suas negociatas. Mas, também os leva a resistência para poder permanecer. Resistência narrada por todos que entrevistei, na tentativa, de permanecer e promover

ressignificações, registros sobre como lidar em um ambiente tão hostil como são alguns setores e como são algumas pessoas dentro da universidade.

Pessoas e setores que se aproximam muito da classificação de Dufour (2005) do sujeito pós-moderno que não é apenas clivado, ele está “esquizado”. O sujeito moderno tendia a neurose e a psicose seria a exceção. Entre um estado limite entre neurose e psicose estaria o pós-moderno cada vez mais tomado entre melancolia latente impossibilitado de falar de si, iludido de tudo poder, fugindo dos falsos self, nas personalidades de empréstimos fornecidas pelo mercado. Teríamos, na pós-modernidade psiconeuroses narcísicas onde a perversão seria a última instância.

Nossa atualidade estaria repleta de sujeitos esquizados que não conseguem usar a alteridade, muito menos ser éticos na tentativa de se colocar no lugar do outro e promover o mínimo de saúde psíquica. Se fechando em ambientes arcaicos como: religião, nação, clã, etc. Que darão o mínimo de seguridade possível, mas também, onde o preço a pagar será a alienação por ideais obsoletos e ultrapassados como o racismo. Ou, a perversão de se pensar e agir acima das leis e das regras. Pervertido nos seus ideais de conquista individual de seu gozo.

Neste sentido, longe de chegar a qualquer conclusão sobre este trabalho minha proposição é ampliá-lo para poder buscar um entendimento ainda maior sobre algo tão importante. Alunos cotistas na UFSM e seus desafios após ingressar na universidade, pois, como diz Freud estamos olhando para a ponta do iceberg.

Fala pra negada não se prender a nada. Entrem na universidade se formem por mais difícil que for. Mata no peito e segue em frente. Não se deixa levar. A gente já foi muito explorado neste país pra gente ter compromisso... só compromisso com política de esquerda, política de direita. A gente tem que se enxergar como uma parcela da sociedade que independente de esquerda e direita a gente sempre foi vilipendiado de certa forma, então entender que mesmo nos espaços que muitas vezes tá lã escrito na porta: Negro seja bem-vindo!! A gente tem que se cuidar. Então, manter o pé no chão. Como a mãe fala: manter o pé no chão e o peito ereto. E toca, toca. Toca, estudar e se focar. Pro Negro na universidade ainda tem que passar por algumas coisas porque ainda não tá totalmente democratizada. (ADETOKUMBO, 2017).

REFERÊNCIAS

ARMITAGE, David. **Três conceitos de história atlântica**. História Unisinos 18(2):206-217, Maio /Agosto 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/7035/4260>. Acesso em: 22 jun. 2017.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p. 79-95, set 2003. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.

BONETI, Lindomar Wessler; GISI, Maria Lurdes. As desigualdades sociais e as políticas de acesso à educação Superior no Brasil. In: EYNG, Ana Maria; GISI, Maria Lurdes. (Org.). **Políticas e gestão da educação superior: desafios e perspectivas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

BRASIL. **Constituição de 1988**. Constituição da República federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. rev. ampl. atual. São Paulo.

_____. Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais. **Diário Oficial da União**. República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 29 de Agosto de 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 22 jan. 2014.

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do Pensável: as encruzilhadas do Labirinto**. (1922-1997). Vol. VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CANDELONI, Caroline Fabiane; QUADROS, Taiana Flores de; SILVA, Marli da. **Uma História que exige ações afirmativas**. EDUCERE, Curitiba, 2013. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9765_5768.pdf. Acesso em: 22 abr. 2014.

CARVALHO, José Jorge de. Ações afirmativas como base para uma aliança negro-branco-indígena contra a discriminação étnica e racial no Brasil. In: GOMES, Nilma Lino. **Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CORREIA, Thais Machado Moreira. **Real, Simbólico e imaginário**. Disponível em: http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_3/thais_correia_v3_ne.pdf. Acesso em: 04 maio 2013.

CUNHA, Jorge Luiz da. Aprendizagem histórica: narrativas autobiográficas como dispositivos de formação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 93-105, abr./jun. 2016.

_____. Ensino de História e Consciência Histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo. (Org.). **Consciência histórica e interculturalidade Investigações em Educação Histórica**. Curitiba: W&A Editores, 2016.

_____. In: RAMBO, Arthur Blasio. **A natureza como síntese**. São Leopoldo; Oikos, 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: ateliês biográficos de projeto. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, USP, v. 32, n. 2, p. 359- 371, maio/agosto. 2006.

DIATKINE, Gilbert. **Jacques Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Ed: José Nazar. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2005.

DUTRA, Maria Rita Py; QUADROS, Taiana Flores de. UFSM - **Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social: uma trajetória de avanços e desafios**, EDUCERE. Paraná. 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22765_10946.pdf. Acesso em: 21 jan. 2014.

_____. Nas Trilhas da Negritude. In: QUEVEDO, Júlio.; DUTRA, Maria. Rita. Py. **Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, mascaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Franklin Ricardo. **Afrodscendente Identidade em Construção**. 1. ed. São Paulo: Pallas, 2009.

FIORI, Maria Ernani. **Aprender a dizer a sua palavra**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAANxYAB/aprender-a-dizer-a-sua-palavra-ernani-fiori#>. Acesso em: 09 dez. 2016.

FREUD, Sigmund. **O estranho**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.---- Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAIMAN, Neil. **Por que nosso futuro depende de bibliotecas, de leituras e de sonhar acordado**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2013/oct/15/neil-gaiman-future-libraries-reading-daydreaming>. Acesso em: 5 out. 2016.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria. Amélia. Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo; Cortez, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Ações afirmativas: dois projetos voltados para a juventude negra. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto (Org.). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

_____. **Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade**/ organizado por Nilma Lino Gomes e Aracy Alves Martins. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

_____. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: KABENGELE, Munanga. (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa mensal de emprego**: Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/04062004pmecoreshtml.shtm>. Acesso em: 8 fev. 2016.

_____. **Síntese de indicadores sociais**: Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/0404sintese.shtm>. Acesso em: 8 jan. 2016.

_____. **Indicadores de cor ou raça, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego março de 2009**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/marco2009.pdf. Acesso em: 12 mar. 2016.

KAFKA, Franz. **Essencial: (1883-1924)**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

KI-ZERBO, Joseph. **“Teorias relativas às ‘raças’ e História da África**. In: _____. (ed). História Geral da África 1. Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2011.

LACAN, Jacques. 1901-1981. **Nome-do-pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

_____. **O seminário, livro, a relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

_____. **Le séminaire, livre XXII : RSI (1974-1975).** (Seminário inédito, transcrição em frases. Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/03/o-seminario-22-rsi-jacques-lacan.html>. Acesso em: 03 maio. 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ayres Elielma; SILVA, Fernando Pinheiro. Ações afirmativas nas universidades públicas: o que dizem os editais e manuais. In: PAIVA, Ângela Randolpho. (Org.). **Entre dados e fatos: Ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras.** Rio de Janeiro: PUC- Rio, Palhas Ed, 2010.

MARQUES, Osorio Marques. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** 5. ed. rev,-ljuí; Ed. Unijuí, 2006.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual da História Oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça” ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 46- 57, dez./fev. 2005/2006.

_____. Políticas de Ação Afirmativas em benefício da população negra no Brasil – Um ponto de vista em defesa das cotas. In: GOMES, Nilma, Lino. **Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade/** organizado por Nilma Lino Gomes e Aracy ALVES Martins. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

_____. **Superando o Racismo na Escola.** 2. ed. Brasília: Secad, 2005.

OLIVEIRA, Silvana. Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação. In: QUEVEDO, Júlio; DUTRA, Maria Rita Py. **Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de; SILVA, Monique da. Em Defesa da Leveza, do Sensível e da Sensibilidade na Pesquisa em Educação. In: FEITOSA, Débora Alves; DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). **O Sensível e a Sensibilidade na Pesquisa em Educação.** por Cruz das Almas/ BA: UFRB, 2016. 226p.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas institucionais de si: a arte de enlaçar reflexão, razão e emoções. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu. Clementino de (Org.). **Pesquisa Narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação.** Organizado por Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017.

PORTAL BRASIL: Cidadania e justiça. **Em 3 anos, 150 mil negros ingressaram em universidades por meio de cotas.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/>

[educacao/2015/11/cotas-elevam-presenca-de-negros-nas-universidades-federais](#).

Acesso em: 20 dez. 2016.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade:** seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: fundação editora da UNESP, 1998.

QUEIROZ, Delcele. MASCARENHAS; SANTOS, Jocélio, Teles. dos. **Sistema de cotas: um debate dos dados à manutenção de privilégios e de poder.** Educ. Soc. Campinas, v. 27, n. 96, Especial, p. 717-737, out. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 23/01/2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva.** São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1991.

RELATÓRIO ANUAL DO PROGRAMA DE AÇÕES AFIRMATIVAS DE INCLUSÃO RACIAL E SOCIAL. Disponível em:

<http://w3.ufsm.br/afirme/index.php/artigos/relatoriodeatividades/relatoriodedados#>.

Acessado em: 20 agosto 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O Que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte. Letramento: Justificado, 2017.

ROCHA, Aristeu Castilhos; SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos; HILLIG, Silvana Grunewaldt. Os percalços de uma Educação Inclusiva: o ensino de História e Cultura Afro brasileira e Sul Riograndense. In: SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos; ROCHA, Aristeu Castilho da, **Africanidades:** reflexões afro Sul brasileiras. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2016.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do Ser Negro:** Um Percorso das Ideias que Naturalizaram a Inferioridade dos Negros. São Paulo: EDUC/ FAPESP; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SILVA, Eduardo; REIS, José João. **Negociação e conflito:** a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo. Companhia das Letas, 1989.

SILVA, Wilson Honório da. **O Mito da Democracia Racial:** Um embate Marxista sobre Raça, Classe e Identidade. São Paulo: Sundermann, 2016.

SILVA, Petronília Beatriz Gonçalves e. Africanidades Sul Riograndense. In: SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos; ARISTEU, Castilhos. da. **Africanidades:** reflexões Afro sul brasileiras. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2016.

SILVEIRA, Oliveira. Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação. In: QUEVEDO, Júlio; DUTRA, Maria Rita Py. (Org.). **Nas trilhas da negritude:** consciência e afirmação. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (auto) Biografia, Identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-Abolição. Revista Fórum **Identidades.** Ano 2, v. 4, p. 37-50, jul./dez. 2008.

_____. MEIRELES, Mariana. Martins. de. Fotobiografia e Entrevista Narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Pesquisa Narrativa: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação.** Organizado por Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017.

SOUZA, Jesse. **A Tolice Da Inteligência Brasileira: Ou Como o País se Deixa manipular pela elite.** São Paulo: LeYa, 2015.

SOUZA, Maria. Oliveira. Adinelia. **História oral, memórias e campesinato negro/mestiço na Bahia pós-abolição.** Dossiê História Oral, v. 16, n. 2, p. 55-571, jul./dez. 2013.

SPINDOLA, Telma; SANTOS, Rosângela da Silva, **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?).** Rev. Esc. Enferm USP 2003; 37(2):119-26.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; MOREIRA, Jacqueline Oliveira. **O Eu e o Outro no mito freudiano da fundação da cultura.** Psicologia em revista, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 187-202, agosto 2013.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado - história oral.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Marcus. André. **A trindade infernal de Jaques Lacan e a clínica psicanalítica. Real, Simbólico e Imaginário – O que é isso?** Seminário: A trilogia lacaniana. Realizado na EBP, 2009. Disponível em: http://www.litura.com.br/curso_repositorio/rsi_a_trindade_infernal_de_lacan_i_pdf_1.pdf. Acesso em: 10 jun. 2015.

_____. **Real, Simbólico e Imaginário A trindade infernal de Jaques Lacan: O Real e o Jaguarate.** Seminário: A trilogia lacaniana. Realizado na EBP, 2009. Disponível em: http://www.litura.com.br/curso_repositorio/rsi_iii_o_real_e_o_jaguarate_2_edit_1.pdf. Acesso em: 08 jun. 2015.

VINCENT, Clavurier. **Real, Simbólico, Imaginário: da referência ao nó.** Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte-MG, n. 39, p. 125-136, Jul. 2013.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. (Org.). **Por que Raça?** Santa Maria: ed. UFSM, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação – CE/UFSM
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado em Educação**

Termo de confiabilidade

Título de projeto: Sujeito Negro (auto) biográfico e cotas: Real Simbólico Imaginário
Pesquisador: Daniela da Silva dos Santos

Pesquisador/orientador responsável: Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha

Instituição departamento: Departamento de Administração escolar/Centro de Educação/Universidade Federal de Santa Maria

Local de coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes desta pesquisa, cujos dados serão coletados por meio de entrevista e aplicação de um questionário aberto Investigativo-formativos com alunos cotistas dos cursos da UFSM. Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para execução do presente projeto. As informações só poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas por três anos na sala 1204 no prédio 67 sob a responsabilidade do professor pesquisador Jorge Luiz da Cunha. Após este período os dados serão destruídos.

Santa Maria.....de..... 2016.

Pesquisador / Daniela da Silva dos Santos

Pesquisador Responsável / Jorge Luiz da Cunha

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS ALUNOS



Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação – CE/UFSM
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Sujeito Negro (auto) biográfico e cotas: Real Simbólico Imaginário
Pesquisadores responsáveis: Prof. Jorge Luiz da Cunha e Daniela da Silva dos Santos

Instituição/departamento: Departamento de Administração Escolar (ADE), Centro de Educação/ Universidade Federal de Santa Maria.

Telefone para contato:

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria

Prezado (a)

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa de forma voluntária. Antes de concordar com a sua participação, é muito importante que compreenda as informações contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes da sua decisão de participar. Você tem o direito de desistir de participar em qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou prejuízo a seus direitos.

Objetivo do estudo: Investigar a partir das narrativas (auto) biográficas de alunos Negros que ingressaram através do sistema de cotas a partir no ano de 2009 suas proposições frente às políticas públicas as questões afirmativas e étnico-raciais nos cursos de licenciatura da UFSM.

Procedimentos: Sua participação será através de um questionário aberto, que será posteriormente dialogado, problematizado e analisado.

Riscos: A sua participação nesta pesquisa não representará nenhum risco para você, nem de ordem física e nem psicológica. De qualquer modo você terá a total

liberdade de optar por não participar ou de responder os questionamentos se assim desejar.

Benefícios: Acredita-se que com os resultados que vierem a ser obtidos com essa pesquisa será possível uma reflexão dos alunos Negros cotistas e sua forma de entendimento sobre ingresso, permanência e conclusão em seus cursos de graduação.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão privacidade garantida, sendo que os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento. Nomes fictícios serão utilizados ao longo do texto para que sua identidade seja preservada, mesmo nos momentos quando os resultados da pesquisa forem divulgados.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar desta pesquisa assinando este consentimento.

Santa Maria, _____ de _____ 2016.

Assinatura

Responsáveis pela pesquisa

ANEXO C – QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA COM OS ALUNOS



Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação – CE/UFSM
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado em Educação

Pesquisador: Daniela da Silva dos Santos

Contatos: E-mail: danielasilva.2003@yahoo.com.br –

Telefones:

Pesquisador/orientador responsável: Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha

Instituição departamento: Departamento de Administração escolar/Centro de Educação/Universidade Federal de Santa Maria

Local de coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria

Questionário: Alunos cotistas e seu olhar sobre ingresso, permanência e conclusão na UFSM

	Data: ___/___/___
Questionário	Nº
	<input style="width: 150px; height: 20px;" type="text"/> (uso do entrevistador)
Centro: _____	
Graduação: _____	
Responsável: _____	

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: Sujeito Negro (auto) biográfico e cotas: Real Simbólico Imaginário Investigar a partir das narrativas (auto) biográficas de alunos Negros que ingressaram através do sistema de cotas a partir no ano de 2009 suas proposições frente às políticas públicas as questões afirmativas e étnico-raciais nos cursos de licenciatura da UFSM.

Gostaríamos de contar com sua colaboração na coleta das informações. Para tanto você precisa responder as perguntas deste questionário.

O questionário não tem identificação pessoal e é inteiramente confidencial, sendo garantido o sigilo de suas respostas no decorrer da análise dos dados desta pesquisa.

Agradecemos sua colaboração

Perguntas

- 1- Ser Negro? Ser Negro cotista na UFSM?
- 2- Como você se auto declara?
- 3- Discorra sobre as cotas? Gostaria de saber seus pontos de vista?
- 4- Conte sobre seu ingresso na UFSM?
- 5- Ao que você atrela seu ingresso e permanência nesta instituição?
- 6- Quais suas perspectivas?
- 7- Há espaços de escuta para você?
- 8- Gostaria de deixar algo...?

É com imensa alegria que agradecemos a sua participação em nossa pesquisa